

# Deutscher Morgen

Herausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentl. 8. Jahrgang

Folge 52

São Paulo, 29. Dezember 1939

8. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

## O Dia mais feliz na Velha Anna

### A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XVI

kt. — O escriptor inglez George Bernard Shaw é, para muitos dos seus concidadãos, uma personalidade de caracter vacillante, desde que estejam em jogo questões nacionaes ou sociaes. Entretanto, mesmo os seus mais ferrenhos adversarios reconhecem sua influencia repercussiva sobre a mentalidade britannica, e sempre que fala, pôde elle ter a certeza de que todos os inglezes lhe prestam ouvidos, sendo que a metade do seu auditorio applaude suas palavras.

Ora, se um homem desses passa a analysar a presente guerra, elle merece que se lhe preste attenção tambem fóra das fronteiras do Reino Unido. Dahi a razão por que reproduzimos aqui alguns topicos de um artigo seu sobre „A Imprudencia da Guerra“, publicado, ha pouco na revista „The New Statesman and Nation“. Bernard Shaw toca em feridas abertas, e os trechos seguintes, que salientam nitidamente o sentido de todo o artigo, não representam nenhuma selecção unilateral. Flagellam a hypocrisia e a mentira a serviço da politica guerreira, conforme o escriptor, as vem castigando ha decennios já. Diz elle: „A guerra na Polonia terminou... Hitler pôde dizer, que não teriamos outro pretexto para proseguir na guerra... e, deante isso, fizemos cahir a mascara do cavalheiro andejo e declarámos abertamente, que a Polonia não valeria para nós um seitel sequer e que estariamos empenhados, seguindo a linha de nossa velha politica do equilibrio dos poderes, em excluir a Alemanha, o que passámos a denominar destruição do hitlerismo...“

„Naturalmente a senha reza (na Inglaterra): Fazer sacrificios! Sim, mas para que? ... Porque soffremos? Para o que estamos decididos? ... Por que diabo tudo isso, agora que abandonámos a Polonia? Em sua resposta a isso, o sr. Chamberlain fixa, num discurso extenso, grandioso, os nossos objectivos. O sr. Winston Churchill segue-lhe as pegadas numa fala pelo radio, com um certo sentimento pelo despauperio que o microphone não dissimula completamente. Nosso objectivo de guerra é, em primeira linha, livrar a Europa da ameaça e do temor da guerra. E o remedio que offerecemos é prometter-lhes outros tres annos de guerra. Em segunda linha nosso objectivo consiste em desarraigá-lo hitlerismo. Muito bem; que tal, se começássemos por exterminá-lo churchillismo, outra proposta não menos insensata, mas que, ao menos, se encontra dentro de nossas possibilidades? Mas — dizem-nos — se não enviarmos Hitler para Santa Helena, elle tomará medidas no sentido de annexar a Suissa, a Hollanda, a Belgica, Inglaterra, Escocia, Irlanda, Australia, Nova Zeelandia, o Canadá, a Africa e, finalmente, todo o universo, no que será coadjuvado pela Italia. Devo responder a isso, que as pessoas que assim falam se acham obsedadas de um pavor inconsciente... Não seria melhor aguardar, até que Hitler fizesse, de facto, uma tentativa nesse sentido? ... Não; nada alcançaremos, por mais que carreguemos nas tintas, com todas as tapeações e palanfrorios em torno de liberdade, democracia e outras cousas que ainda não abolimos intramuros...“

„Deveríamos agora fazer as pazes com Hitler e com todo o mundo, ao invés de provocarmos novas desgraças e arruinar com isso o nosso povo...“

Isso soa bem diferente que a linguagem da Inglaterra official. Verdade é que Bernard Shaw não é um politico lider; entretanto, sempre foi considerado, mesmo com os seus 83 annos, um dos porta-vozes do povo inglez.

### „Admiral Graf Spee“

Tanto os feitos como a attitude soldatesca do conde Spee e da tripulação dos navios (Continua na 2.a pagina.)

Ides, com certeza, dar tratos á imaginação, prezados camaradas, leitores e amigos, para descobrir, qual o dia a que nos referimos. Destacareis de entre a copia dos grandes acontecimentos deste anno agitadissimo esta ou aquella hora historica e avaliai-a-eis pela sua significação e pelo seu valor para o povo allemão. Lembrar-vos-eis, talvez, da solução lisa da difficil questão tscheque, quando, em 15 de março, as antigas provincias do Reich, Bohemia e Moravia, foram collocadas, sem que cahisse um unico tiro de fuzil, sem que se derramasse sequer uma gotta de sangue, sob a soherania da Alemanha; recordareis a volta do territorio do Memel, logo a seguir, ou a reincorporação da antiga cidade hanseatica allemã de Dantzig ou ainda a reanexação ao Reich das regiões do Vistula.

Poderéis evocar as numerosas conquistas do pacifico trabalho edificador allemão: quando enormes usinas industriaes começavam seu rhythmo martelador; quando magestosos navios eram lançados nos estaleiros; quando novos trechos de auto-estradas eram entregues ao trafego; quando a chimica e a technica festejavam seus triumphos unicos no mundo; quando novas invenções, dentro do programma do plano quadriennal, contribuíam para a solidez cada vez maior da auto-manutenção allemã e da liberdade para ganhar o pão; quando operarios e empregados allemães faziam suas excursões, em navios da frota da „Kraft durch Freude“ (Força pela Alegria), para a Italia, a Hespanha, a Ilha da Madeira ou para os fjords noruegueses, em viagens de repouso; quando toda a nação comemorava, em 1.º de maio, o „dia do trabalho“; quando se realizavam grandes exposições; quando os prados e os campos da soberba e multifaria paisagem premiavam o labor e o suor do camponez com fartas colheitas; quando nos theatros, nos salões de concerto e nos estudos cinematographicos os artistas allemães patentearam seu genio; quando a ciencia e a literatura, modestas e silenciosas, davam o attestado da vontade creadora, no dominio da cultura, do povo dos poetas e dos pensadores; quando, finalmente, os desfiles insuperaveis do jovem Exercito Allemão arrebatavam os milhões de habitantes da capital do Reich e o sempre grande numero de visitantes estrangeiros, enchendo-os de admiração e entusiasmo, como quando do 50.º anniversario de Hitler, em 20 de abril ultimo, e, mais tarde, por occasião do regresso dos bravos componentes da Legião Condor que combateram na Hespanha.

E' uma longa série de horas e dias empolgantes e irradiantes de vigor, que nem mesmo a prolongada „guerra dos nervos“, de abril até setembro deste anno, conseguiram obliterar a confiança do povo teuto num futuro de paz. Entregando-se, diligente, ao tra-

balho quotidiano, digno do seu grande passado de civilização e cultura, armado para sua defesa, protegido por moles inexpugnaveis nas suas fronteiras, assim o povo allemão encareou, tranquillamente, mas tambem com uma decisão ferrea, a intriga e a desordem dos instigadores de guerras. Assim sendo, difficilmente alguém teria podido escapar á lei pela qual 80 milhões de seres se collocaram cada um no seu posto. Os allemães no exterior participaram de todos esses dias cheios de labor e de vontade de dar expressão aos sentimentos nacionalistas.

E estes ultimos quatro mezes vieram ter sob o signo da guerra que os bretões e, depois delles, os francezes declararam ao povo allemão em 3 de setembro. Entretanto, na guerra não existem dias felizes. Só se registam victorias ou ruinas. A causa a ser decidida na frente é a causa de toda a nação. Não obstante, o povo tedesco não realizou nenhuma festividade para comemorar as victorias alcançadas nas bem succedidas batalhas feridas nos 18 dias que durou a campanha na Polonia; apesar disso, elle não commetteu excessos, dando expansão ao seu fegusijo ao serem sacrificados pelos arrojados submarinos teutos os grandes e soberbos vasos de guerra da Grã-Bretanha. Todo dia além-mar revela actos de heroismo. Não podem ser citados todos, pois quantos e quantos; desses heroes permanecem no anonymato quer se encontrem nas casamatas da linha Siegfried, quer trabalhem junto aos tornos nas officinas ou junto ás forjas nos estaleiros, todos elles dando, diariamente, no mais arduo cumprimento do seu dever, á Patria o que elles têm de melhor. Ouviu-se falar de mães allemãs que perderam seu marido na guerra mundial e que agora tiveram de se separar para sempre dos arrimos de sua velhice, dos seus filhos, que eram a garantia de sua subsistencia, visto que esses jovens soldados dormem o somno eterno deante de Varsovia, nas costas da Inglaterra ou na „terra de ninguém“ entre as linhas Siegfried e Maginot, fiéis ao juramento que prestaram á bandeira.

E' comtudo houve este anno um dia que revelou a todos os allemães, de modo fulminante, o poder do destino: quando, na noite para 9 de novembro, o mundo ficou sabendo, que o Führer do povo allemão escapára, como por um milagre e por um triz, de uma tentativa de morte, todos os allemães se comprometeram, subitamente, que o Todo-Poderoso extende sua mão protectora sobre este homem que terá de continuar a viver, para que possa dar cumprimento á sua missão que assumiu, em prol do seu povo, perante a Historia Universal. E' porisso que dos 365 dias deste agitado anno o dia 8 de novembro será considerado o dia mais feliz da Alemanha.

### An alle Leser und Freunde zum Neuen Jahre!

Das Jahr 1939 hat von uns allen charakterliche Bewahrung gefordert. Heute zu seinem Abschluss dürfen wir bewusst feststellen, dass wir allen inneren und äusseren Belastungsproben standgehalten haben. Wir konnten das nur, weil Ihr, Kameraden und Leser, für unsere Arbeit volles Verständnis aufbrachtet. Eure Treue stärkte unseren Willen. Unser Auftrag lautete, Euch allwöchentlich ein Bild vom politischen Weltgeschehen unter besonderer Würdigung der deutschen Belange im Kreise der Nationen zu zeichnen. Unsere brasilianischen Freunde haben sich durch die geschliffene Uebersetzung der grundsätzlichen Artikel in die Landessprache von unserer hohen Verantwortung vor dem journalistischen Beruf überzeugen können. Wir dienen der Wahrheit. Wer die 52 Folgen unserer Wochenzeitung dieses letzten Jahres aufmerksam gelesen hat oder noch einmal iherschaut, wird an keiner Stelle den Nachweis erbringen, dass wir eine ricsenhafte Schlagzeile um der Sensation willen zur Erregung der Oeffentlichkeit gerissen haben, der muss anerkennen, dass wir uns nicht als williges Werkzeug ausländischer Nachrichtenagenturen gebrauchen liessen, sondern kritisch sichtigten, prüften und eigene Schlussfolgerungen zogen. Gegen alle

billigen Kompromisse haben wir uns zur Wehr gesetzt. Alle mannhaften Tugenden und hohen Ideale haben wir unterstrichen. Wir glauben mit dieser Haltung vielen Menschen bei ihrer Ausrichtung auf die unveränderlichen Grundwerte des Lebens geholfen zu haben. Ihr im Hinterland, in den abgelegenen Waldpikaden dieses grossen unersehlichen Brasiliens, schreibt uns mehr als einmal, dass Ihr den „Deutschen Morgen“ seit Wochen nicht erhalten habt und ihn entbehrt. An diesen oft von harter schreibendwohnter Hand aufgesetzten Zeilen erkannten wir die Richtigkeit und Notwendigkeit unseres Weges. An dieser Aufgabe und Verpflichtung wollen wir darum auch im Neuen Jahr festhalten. Denkt nicht, dass uns alles so leicht zufällt. Es gibt keine Zeitung, die nicht Mängel und Fehler aufzuweisen, die nicht technisch, wirtschaftlich, bei ihrer inhaltlichen Gestaltung, hinsichtlich ihrer äusseren Form oder sonstwie mit Schwierigkeiten zu kämpfen hat. Aber davon wollen wir nicht sprechen, sondern wollen das gegenseitige Vertrauen hochhalten und als starke Gemeinschaft an das Glück glauben, das aus dem Segen der Arbeit in jedem Jahr neu wächst!

Verlag und Schriftleitung  
„DEUTSCHER MORGEN“

### Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XVI.

kt. — Der englische Dichter George Bernard Shaw ist für manche seiner Landsleute eine Persönlichkeit mit schwankendem Charakterbild, sobald nationale oder gesellschaftliche Fragen zur Rede stehen. Aber selbst seine heftigsten Gegner erkennen seinen nachhaltigen Einfluss auf das britische Denken an, und so oft er spricht, kann er gewiss sein dass alle Engländer ihm hören und jeder zweite seine Worte billigt.

Wenn solch ein Mann nun zum Kriege Stellung nimmt, so verdient er, auch ausserhalb der britischen Reichsgrenzen beachtet zu werden, und wir geben deshalb einige Stellen seines Artikels über den „Unverstand um den Krieg“ wieder, der kürzlich in der Zeitschrift „The New Statesman and Nation“ erschienen ist. Bernard Shaw legt den Finger an offene Wunden, und die folgenden Abschnitte, die den Sinn des gesamten Artikels am deutlichsten herausstellen, bedeuten keine einseitige Auswahl. Sie geisseln Heuchelei und Lüge im Dienst der Kriegspolitik, wie der Dichter sie seit Jahrzehnten schon oft gegeisselt hat. Es heisst da: „Der Krieg in Polen ist beendet... Hitler konnte sagen, dass wir keinen weiteren Vorwand hätten, den Krieg fortzusetzen... und wir warfen daraufhin die Maske des fahrenden Ritters ab und erklärten offen, dass Polen uns keinen roten Heller wert sei und dass wir, auf der Linie unserer alten Politik vom Gleichgewicht der Mächte, darauf aus seien, Deutschland auszuschalten, was wir nunmehr Vernichtung des Hitlerismus nannten...“

„Natürlich ist (in England) die Parole: Opfer bringen! Ja, aber für was?... Wofür leiden wir? Wozu sind wir entschlossen?... Wozu in Teufels Namen das Ganze, jetzt, da wir Polen haben fallen lassen? Herr Chamberlain stellt in seiner Antwort hierauf unser Ziel in einer langen, schwungvollen Rede fest. Herr Winston Churchill begleitet dies in einer Rundfunkansprache mit einem gewissen Gefühl für die Unsinnigkeit, die das Mikrophon nicht ganz verbirgt. Unser Kriegsziel ist in erster Linie, Europa von Kriegsdrohung und Kriegsfurcht zu befreien. Und unser Heilmittel ist, ihm drei weitere Jahre Krieg zu versprechen. In zweiter Linie ist unser Ziel, den Hitlerismus mit der Wurzel auszurotten. Schön, wie wäre es, wenn wir damit begännen, den Churchhillismus auszurotten, ein nicht weniger unsinniger Vorschlag, der wenigstens innerhalb unserer Möglichkeiten liegt. Aber, sagt man uns, wenn wir Hitler nicht nach Sankt Helena schicken, wird er Massnahmen ergreifen, die Schweiz, Holland, Belgien, England, Schottland, Irland, Australien, Neuseeland, Kanada, Afrika und schliesslich das ganze Universum zu annektieren, und Italien wird ihm dabei helfen. Ich muss darauf antworten, dass Leute, die so reden, von besinnungsloser Angst besessen sind... Wäre es nicht besser abzuwarten, bis Hitler wirklich einen solchen Versuch macht?... Nein, wir werden nichts erreichen, so dick wir auch auftragen, mit allem Geschmuse und Geschwafel von Freiheit, Demokratie und allem, was wir bei uns nicht gerade abgeschafft haben...“

„Wir sollten jetzt Frieden machen mit Hitler und mit aller Welt, anstatt neues Unheil anzurichten und unser Volk dabei zu ruinieren...“

Das lautet ganz anders, als die Sprache des offiziellen England. Freilich, Bernard Shaw ist kein amtierender Politiker, aber er hat auch mit seinen 83 Jahren immer noch als einer der Sprecher des englischen Volkes gegolten.

### „Admiral Graf Spee“

Sowohl die Leistung wie die soldatische Haltung des Grafen Spee und seiner Mannschaften im Weltkrieg stellen nach allgemeinem Urteil ein Ruhmesblatt der Geschichte dar, und die Taten und das Schicksal des nach ihm benannten Schiffes und seines Kommandanten Langsdorff haben ausser in Deutschland auch in weitesten Kreisen der Neutralen eine angemessene Würdigung und Anteilnahme gefunden. Um so bedauerlicher erscheint die Tatsache, dass gewisse Kreise jede Spur von Ritterlichkeit und Anstand vermissen liessen und das Gefecht bei Punta

del Este sowie seine Folgen für ihre Lüge und Verleumdung ausnutzen. Wir setzen die Zustimmung unserer Leser voraus, wenn wir über die u. a. von „Havas“ und „United Press“ verbreiteten Nachrichten mit Still-schweigen hinweggehen und zu ihrer Kennzeichnung nur feststellen, dass bis zum Tode des Kapitäns Langsdorff dessen Offizierskreise besudelt wurde und anschließend, als das nicht mehr zweckdienlich erschien, mit einem kühnen Umkehrungsmanöver, die Ehre der beteiligten deutschen Staatsmänner und Diplomaten. In einem halbamtlichen deutschen Bericht vom 21. 12. heisst es: „Wir sind über die Gefühllosigkeit nicht überrascht, mit der der tote Kommandant von der britischen Propaganda gewissermassen aus dem Grabe gerissen und missbraucht wird.“

### Plauderei an frauösischen Kaminen

Man setzte in einer gewissen französischen Nachrichtenzentrale offenbar als selbstverständlich voraus, dass Adolf Hitler das Weihnachtsfest in den Bergen bei Berchtesgaden erleben würde und er fand rechtzeitig ein Weihnachtsmärchen als kleinen Beitrag zur Schilderung deutscher Zustände, eine bescheidene lebenswürdige Plauderei für die Stunde vor dem Kamin: Hitler ist von Berlin in einem Panzerzug nach Berchtesgaden gefahren, über ihm kreiste ununterbrochen der Generalleutnant Udet im Flugzeug, um ihn vor Attentaten zu schützen usw. mit spannenden Einzelheiten. — Nun hat Adolf Hitler das Weihnachtsfest nicht in Bayern erlebt, sondern an der Westfront. Aber die kleine Schwindelerei war schon gedruckt, als man das erfuhr. — Die Ueberschrift könnte auch lauten: So wird's gemacht.

### Entlassung, Rücktritt

Von den zahlreichen Nachrichten über Entlassung oder Rücktritt hoher deutscher Persönlichkeiten greifen wir einige heraus: Unmittelbar nach dem Münchener Anschlag vom 8. 11. meldeten englische und französische Agenturen, dass Himmler seines Amtes entbunden worden sei. Am 18. 11. aber erfahren wir sogar durch die „Havas“, dass Himmler in dienstlicher Eigenschaft Prag besuchte und am 20. und 21. 12. aus derselben Quelle, dass er in Rom weilt und angeblich wichtige Botschaften überbrachte. Also muss er noch im Amte sein. — Am 18. 11. gab „Havas“ an, dass Präsident Hacha des Protektorats Böhmen und Mähren durch einen anderen Mann ersetzt werde. Bis heute hat sich nichts davon als wahr erwiesen. — Ebenso wenig hat der Reichsprotektor von Neurath seine Entlassung erbeten und sein Amt niedergelegt, was die „Havas“ am 22. 11. verkündete. — Die Nachricht, dass der Oberkommandierende der Reichsmarine, Grossadmiral Raeder, zurückgetreten sei, erklärten amtliche Kreise in Berlin nach „Transocean“ vom 23. 12. für einen schlechten Witz, bei dem sich ein ernstliches Dementi erübrigt. — Schliesslich sind die Meldungen über die Rückberufung und Amtsenthebung des deutschen Botschafters Ott und hoher Botschaftsbeamter aus Tokio („United Press“ 21. 12.) nach einer amtlichen deutschen Erklärung vom 23. 12. („Transocean“) vollkommen aus der Luft gegriffen.

(Continuação da 1.ª pagina.)

por elle commandados na guerra mundial representam, na opinião geral, uma pagina de gloria na Historia, e as façanhas e a sorte da bellonave denominada por elle e do respectivo commandante Hans Langsdorff encontraram. afóra na Alemanha, nos mais vastos circulos dos paizes neutros, um julgamento condigno e toda sympathia. Tanto mais deploravel afigura-se-nos o facto de que certos circulos negaram todo vestigio de cavalheirismo e dignidade, explorando a batalha naval junto a Punta del Este, bem como suas consequencias, para suas falsidades e calumnias. Contamos com o assentimento dos nossos leitores, se relegarmos ao silencio as noticias espalhadas, entre outras, pela „Havas“ e pela „United Press“, limitando-nos a constatar, afim de caracterizal-as, que, até a morte do capitão Langsdorff, tisonou-se sua honra de official, e, em additamento, quando isso não mais parecia conveniente, fez-se uma audaz manobra de retrocessão, investindo-se contra a honra dos estadistas e diplomatas allemães interessados. Reza um communicado officioso allemão, de 21. 12.: „Não nos causa espanto algum a ausencia de sentimentos com que o commandante morto é arrancado, por assim dizer, de sua sepultura pela propaganda britannica que se compraz em triphiar sobre o mesmo.“

### Palestras amenas junto ás lareiras francezas

Num certo centro de informações francez presumiu-se, evidentemente como algo que se subentende, que Adolf Hitler passaria as festas de Natal nas montanhas de Berchtesgaden. Assim, tratou-se, pressurosamente, de inventar uma lenda natalina, como pequeno subsidio que servisse para descrever a situação reinante na Alemanha: assumpto para uma palestra modesta, amavel, na hora da reunião em torno da lareira: Hitler seguiu, num trem blindado, de Berlin para Berchtesgaden, acompanhado pelo tenente-general aviador Udet que, no espaço, girava ininterruptamente no seu aparelho, afim de evitar um attentado, etc., tudo isso com emocionantes detalhes. Ora, Adolf Hitler foi passar o Natal, não

na Baviera, mas, na frente occidental. Todavia, a pequena burla já estava impressa, quando se soube a verdade. Poderíamos ter epigraphado este commentario tambem assim: „E' assim que se fazem as cousas“.

### Exoneração, renuncia

Damos aqui uma collectanea das innumeradas noticias sobre exonerações e renuncias de cargos por parte de altas personalidades allemães: Immediatamente depois do attentado de Munich, em 8. 11., as agencias inglezas e francezas divulgaram, que Himmler teria sido destituído do seu cargo. Entretanto, em 18. 11., sabe-se, através da propria „Havas“, que Himmler teria seguido para Praga, a serviço, e em 20. e 21. 12., da mesma fonte, que o chefe da Gestapo estaria em Roma, como portador, segundo constava, de uma importante mensagem. Portanto, como se vê, elle deve ainda estar no seu posto. Em 18. 11.,

## A todos os nossos Leitores e Amigos ao alvorecer do Novo Anno!

O anno de 1939 exigiu de todos nós fortaleza de caracter. No momento de sua expiração podemos constatar, de plena consciencia, que resistimos a todas as vicissitudes de ordem interna e externa que nos sujeitaram á prova. Todavia, só o conseguimos, visto que nós, camaradas e leitores, soubestes aquilatar integralmente nosso trabalho. Vossa fidelidade robusteceu nossa vontade. Nossa tarefa consistia em traçar aos vossos olhos, semanalmente, um quadro das accorrenças mundiaes no dominio da politica, sua apreciação especial dos assumptos que tocam de perto os interesses allemães dentro do circulo das nações. Os nossos amigos brasileiros puderam convencer-se, através da leitura das traducções esmeradas para o vernaculo dos nossos artigos principaes, do elevado senso da responsabilidade com que nos entregamos ao exercicio da profissão de jornalista. Servimos a verdade. Quem houver lido com attenção a série das 52 edições do nosso hebdomadario que publicamos no decurso do anno findante, ou que corra ainda uma vez os olhos pelos seus varios exemplares, não provará, em pagina alguma, que tivessemos recorreido a giganteseas manchettes para armar ao effeito e provocar emoções no seio do publico, reconhecera, porém, que não nos deixámos aproveitar como instrumento passivel de agencias de informações estrangeiras, mas que

a „Havas“ informou, que Hacha, o Presidente do Protectorado da Bohemia e Moravia teria sido substituido por outrem. Pois até á presente data ainda não se provou a veracidade dessa noticia. Tampouco o delegado do Reich no Protectorado, sr. von Neurath, apresentou seu pedido de demissão, renunciando o cargo, conforme divulgou a „Havas“ em 22. 11. A noticia de que o commandante em chefe da Marinha de Guerra allemã, grão-almirante Raeder, teria deixado seu posto, é qualificada pelos circulos officiaes de Berlin, segundo informa a „Transocean“, em 23. 12., de gracejo de mau gosto que dispensa um desmentido sério. Finalmente, as noticias sobre a chamada e destituição do embaixador allemão Ott e de altos funcionarios de sua embaixada em Tokio („United Press“, 21. 12.) „não passam de puras invenciones“, segundo o desmentido das autoridades competentes allemãs de 23. 12. („Transocean“).

examinámos e depurámos tudo com olhos criticos e chegámos a conclusões proprias. Tomámos uma attitude defensiva em relação a todos os compromissos baratos. Sublinhámos todas as virtudes viris e todos os altos ideaes. Julgamos que, com esta nossa attitude, auxiliámos muita gente na sua interpretação dos inmutaveis valores fundamentaes da vida. Vós que vos encontraes no hinterland, nos sertões deste grande e inexgotavel Brasil, escrevestes-nos mais de uma vez, que ha semanas não tinhaiis recebido a „Aurora Allemã“ que muita falta vos fazia. Ao lermos essas cartas, traçadas por mão pesada e pouco afeita á penna, notámos o acerto e a necessidade do nosso caminho. Eis porque tambem no novo anno havemos de continuar fieis a essa missão e a esse dever. Não penseis que tudo nos vem facilmente como dádiva dos céus. Não existe sequer um jornal que não apresente falhas e erros e que, no tocante ao aspecto de sua materia editorial e á sua forma de apresentação externa, não tenha de lutar com difficuldades technicas, economicas e outras que taes. Mas, deixemos isso de lado e tratemos de manter alta a confiança reciproca e acreditemos, comunidade forte que somos, na ventura que em todo anno brota de novo do beneficio do trabalho!

A Administração e a Redacção da „Aurora Allemã“.

## Der glücklichste Tag im alten Jahr

Ihr werdet gewiss hin- und herraten, liebe Kameraden, Leser und Freunde, welchen Tag wir meinen. Ihr werdet aus der Fülle der grossen Ereignisse dieses unerhört bewegten Jahrs die eine oder andere geschichtliche Stunde herausgreifen und sie nach ihrem Wert und ihrer Bedeutung für das deutsche Volk abschätzen. Ihr werdet vielleicht an die glatte Lösung der schwierigen tschechischen Frage denken, als am 15. März die alten Reichslande Böhmen und Mähren ohne einen einzigen Gewehrschuss, ohne einen einzigen Tropfen nutzlos vergossenen Blutes der Reichshoheit unterstellt wurde; an die Heimkehr des Memellandes kurz darauf, an die Zurückgewinnung der alten deutschen Hansastadt Danzig, an die Wiedereingliederung der Weichselland-Gaue ins Reich werdet Ihr Euch erinnern.

Ihr mögt Euch die zahlreichen Errungenschaften friedlicher deutscher Aufbauarbeit vergegenwärtigen: Wenn gewaltige Industrie-werke ihren hämmernden Rhythmus begannen, wenn stolze Schiffe vom Stapel liefen, neue Autobahnstrecken dem Verkehr übergeben wurden, die Chemie und Technik ihre in der Welt einzigartigen Triumphe feierte, wenn neue Erfindungen im Rahmen des Vierjahresplanes zur immer stärkeren Festigung der deutschen Selbstbehauptung und Profithreit beitrugen, wenn deutsche Arbeiter und Angestellte auf den Urlaubsschiffen der „Kraft durch Freude“-Flotte nach Italien, Spanien, Madeira oder in die norwegischen Fjorde zur Erholung führen, wenn die ganze Nation am 1. Mai den „Tag der Arbeit“ feierte, grosse Ausstellungen stattfanden, die Wiesen und Aecker der sauberen, mannigfaltigen Landschaft die Mühen und den Schweiss des Bauern durch reiche Ernten lohnten; wenn in den Theatern, in den Musikhallen und in den Filmwerkstätten deutsche Künstler ensig tätig waren, wenn bescheiden und still die Wissenschaft und Literatur vom schöpferischen Kulturwillen des Volkes der Dichter und Denker Zeugnis ablegten; wenn schliesslich die unübertroffenen Aufmärsche der jungen deutschen Wehrmacht die Millionen der Reichshauptstadt und ihre zahllosen ausländischen Gäste zur Bewunderung und Begeisterung hinrissen, wie damals zum 50. Geburtstag des Führers am 20. April und später anlässlich der Heimkehr der mutigen Männer der Condor-Legion aus Spanien.

Es waren so viele erhebende, kraftpendende Stunden und Tage, dass nicht einmal der monatelange Nervenkrieg vom April bis zum September d. J. die Zuversicht des deutschen Volkes in eine friedliche Zukunft rauben konnte. Fleissig im Tagewerk, würdig seiner grossen zivilisatorischen und kulturellen Ver-

gangenheit, gewappnet zur Verteidigung, gesichert durch unmeimbare Bollwerke an seinen Grenzen so blickte das deutsche Volk der Hetze und dem Aufruhr der Kriegstreiber ruhig und gelassen, aber ebenso eisern entschlossen entgegen. Da hätte schlecht jemand dem Gesetz enttrinnen können, nachdem 80 Millionen angetreten waren. Die Deutschen im Ausland haben an allen diesen Tagen des Werdens und des nationalen Ausdruekwillens Anteil genommen. Viele in Uebersee packte die Heimatschnucht so heftig, dass sie nach jahrzehntelangem Auslandsaufenthalt die Rückkehr beschlossen, und scharenweise wurden sie durch die überstürzenden Ereignisse der Septembertage oft bereits auf den Schiffen überholt.

Die letzten vier Monate d. J. standen dann im Zeichen des Krieges, den die Briten und nach ihnen die Franzosen am 3. September dem deutschen Volk erklärten. Im Kriege aber gibt es keine glücklichen Tage. Es gibt nur Siege oder Verderben. Die Sache der Front ist die Sache der ganzen Nation. Trotzdem hat das deutsche Volk keine Siegesfeiern nach den erfolgreichen Schlachten des 18-Tage-Feldzuges in Polen veranstaltet, trotzdem hat es sich nicht im Freudentaumel überschlagen, als die grossen stolzen Schlachtschiffe Britanniens Opfer kühner deutscher U-Boote wurden. Jeder Tag da drüben offenbart Heldentaten. Sie können nicht alle genannt werden, denn wie viele Namenlose, ob sie in den Bunkern des Westwalls stehen oder an den Drehbänken oder auf den Werften arbeiten, geben täglich in harter Pflichterfüllung ihr Bestes für das Vaterland. Man hat von deutschen Müttern gehört, die ihren Mann im Weltkrieg verloren und die sich jetzt von den Stützen ihres Alters, ihren Söhnen und Erziehern für immer trennen mussten, weil diese jungen Soldaten vor Warschau, an Englands Küsten oder im Niemandsland zwischen dem Westwall und der Maginotlinie treu ihrem Fahnenfeld den ewigen Schlaf schlafen.

Und doch ist ein Tag gewesen, der allen Deutschen blitzartig die Macht des Schicksals offenbarte: Als in der Nacht zum 9. November der Welt bekannt wurde, dass der Führer des deutschen Volkes wie durch ein Wunder ganz knapp dem Anschlag auf sein Leben entgangen ist, da wussten alle Deutschen ganz plötzlich, dass der Allmächtige seine schützende Hand über diesen Mann hält, der weiterleben sollte, damit er den Auftrag erfülle, den er für sein ganzes Volk vor der Weltgeschichte übernommen hat. Und darum wird von den 365 Tagen dieses erregten Jahrs der 8. November 1939 der glücklichste Tag für Deutschland bleiben. ep.

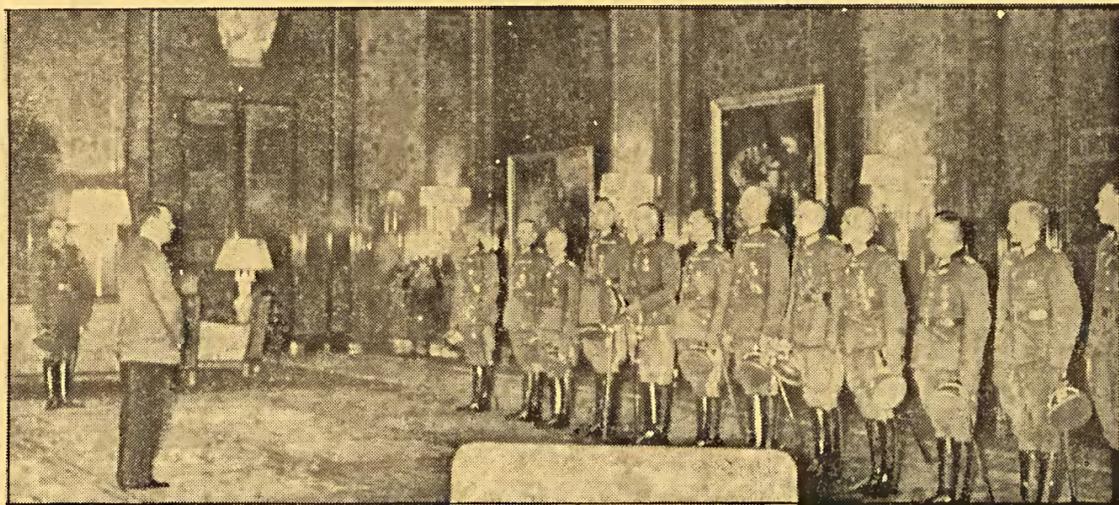
## Zur Beherzigung

In geruhsamen Zeiten pflegen rückschauende Betrachtungen an der Grenze zweier Jahre im allgemeinen mit der philosophischen Einleitung zu beginnen: „Wenn wir einmal den Schlusstrich unter die Ereignisse dieser vergangenen zwölf Monate ziehen, so ... Dabei kann man im grossen Bogen ausholen und tatsächlich eine Bilanz aufstellen, die dem ahnungslosen Zeitgenossen jeden Zweifel an der Notwendigkeit des Geschehens nimmt. Mit einem gewissen Schuss Sentimentalität, mit einem melancholischen Bedauern gewisser unbeflehter Erscheinungen und mit einer blühenden Phantasie für alles, was in der Zukunft kommen könnte und kommen sollte, lässt sich ein Gemisch von Behauptungen herstellen, der den Wissensdurst vor allein jener Leute befriedigt, denen die Begriffe Volk, Vaterland, Gesetz und Geschichte an so manchem Tag im Jahr als unabänderliche Begleitumstände des Lebens nicht immer bis zu den letzten Wurzeln erklärlich sind. Es gibt immer an der Schwelle zu einem neuen Jahr einen wilden Blütenzauber der Neumalkungen, die alles anders und besser gemacht hätten und es bietet sich ebenso ein eindringendes Betätigungsfeld für alle Propheten, denen der dickste Kafesatz gerade gut genug ist, um daraus schicksalsschwere Worte über die Zukunft der Menschen und Völker gelassen zu entnehmen.“

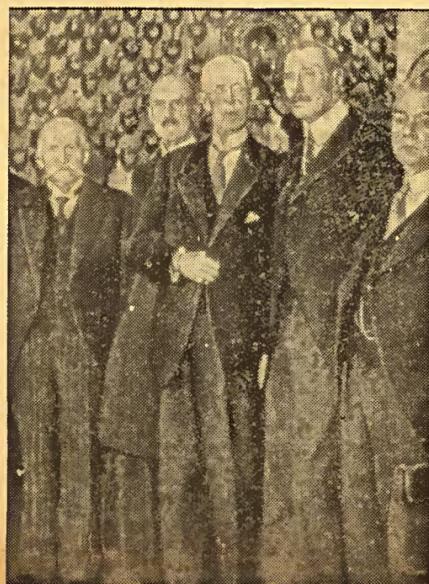
Wir wollen uns in diese nebelhafte Atmosphäre bei unserer kleinen Rückschau auf das gewesene Jahr nicht versteigen. Nüchtern und fest wollen wir die Tatsachen so sehen, wie sie sind. Das deutsche Volk steht in einem ihm aufgezwungenen Krieg. Niemand aus diesem Volk hat vor Jahresfrist an diesen Kampf auf Leben und Tod um das Reich, um seine Freiheit und Ehre geglaubt. Erst als am 3. September die britische Regierung zusammen mit der französischen die Kriegserklärung in Berlin überreichte, wurde eine ganze Nation sich der geschichtlichen Bedeutung dieser Auseinandersetzung bewusst. Wir haben uns darum auch mit der Erkenntnis abzufinden, dass der Krieg Britanniens und seines Empires gegen das Reich unbedingt auf dem Programm der Downingstreet für 1939 stand. Warum er von Zaun gebrochen wurde, werden wir vielleicht erfahren, wenn der Waffenlärm verhallt ist. Zur Stunde ist jedenfalls jede noch so verlockende Betrachtung überflüssig. Die öffentliche Weltmeinung fragt nicht, ob das Weissbuch der einen Regierung oder das Blaubuch der anderen Regierung überzeugender sei sondern urteilt nach gewonnenen Schlachten, nach versenkten Schiffen, nach Luftkämpfen und Seegefechten. Die vier Monate Krieg haben bewiesen, dass alle internationalen Verträge, alle Bestimmungen über Völkerrecht sowie über die Formen der Kriegführung in den Mond geschrieben werden können. Unrecht ist Recht geworden, die Lüge ein geheiligtes Mittel, die Schmach wurde zur Tugend erhoben. Und wenn gewissen Zeitungen, die dem Einfluss der plütkratischen jüdischen Kriegstreiber unterliegen, in ihren eigenen Kommentaren die Qualifikation „Hunnen“ und „Barbaren“ für die grösste europäische Kulturnation überhaupt untersagt wurde und sie nur in den Telegrammen wiedergaben von „Reuter“ und „Havas“ auf diese Schmähungen und Verunglimpfungen zurückkommen konnten, dann ist das allein der immer erneut betonten Neutralität der amerikanischen Nationen, besonders in Südamerika zuzuschreiben. Dann muss allerdings ohne Einschränkung auch gesagt werden, dass das gegenwärtige Deutschland in der Abwehr der Kriegslügen geradezu Erstaunliches geleistet hat. So wirkungslos die deutsche Gegenpropaganda in den Jahren 1914—1918 war, so ausdrucksvoll ist sie diesmal zur Stelle, wenn es auf die Anprangerung der erlogenen Berichterstattung ankommt.

Dieser Krieg ist eine rein europäische Angelegenheit. Für die Alte Welt trägt er revolutionären, schicksalhaften Charakter, für Amerika ist er leider auch vom prickelnden Zauber der kriegerischen Sensation umgeben. Die Meinungen über die Dauer des Krieges gehen weit auseinander, das Wissen um das wahre Kräfteverhältnis der Kriegführenden ist leider ausserordentlich mangelhaft. Aber seien wir überzeugt: Jene Händler, die wieder Streifen aus der Haut des deutschen Volkes schneiden möchten, ahnen die Grösse des Geschehens. Andernfalls wäre niemals die Begrenzung dieses Krieges auf drei Länder gelungen. Das Meisterstück der deutschen Diplomatie, die deutsch-russische Wiederannäherung und Freundschaft enthebt das Reich aller Sorgen um einen etwaigen Enderfolg der britischen Blockade. Gleichzeitig bestehen unbegrenzte diplomatische und militärische Möglichkeiten, die vorder-asiatisch-indische Front des britischen Empires in eine Gefahr zu bringen, die beim Ausgang des britisch-französischen Krieges gegen Deutschland eine ausschlaggebende Rolle spielen kann. Der Vertrag mit Russland und die Festigkeit der Achse Berlin-Rom, die starke Politik des Reiches gegenüber den nordischen Ländern sind die drei entscheidenden Faktoren dieser Auseinandersetzung. Wir wollen sie fest im Auge behalten und fern von allem blinden Taumel, erhaben aber auch über jeden Anflug einer fatalistischen Stimmung die Entscheidung noch im ersten Halbjahr 1940 erwarten. ep.

**Officiaes allemães em visita a Hitler** — O Führer conferiu a Cruz de Cavalleiro da Cruz de Ferro a muitos officiaes que se distinguiram particularmente na campanha da Polonia. **Verdiente Offiziere beim Führer** — Der Führer verlieh vielen Offizieren, die sich im polnischen Feldzug besonders ausgezeichneten, das Ritterkreuz zum Eisernen Kreuz.



**Chefes de Estado nordicos** — Da esquerda: O presidente finlandez Kallio, o rei Haakon da Noruega, o rei Gustavo da Suecia, o rei Christiano da Dinamarca e o ministro do Exterior da Finlândia Ertzko.



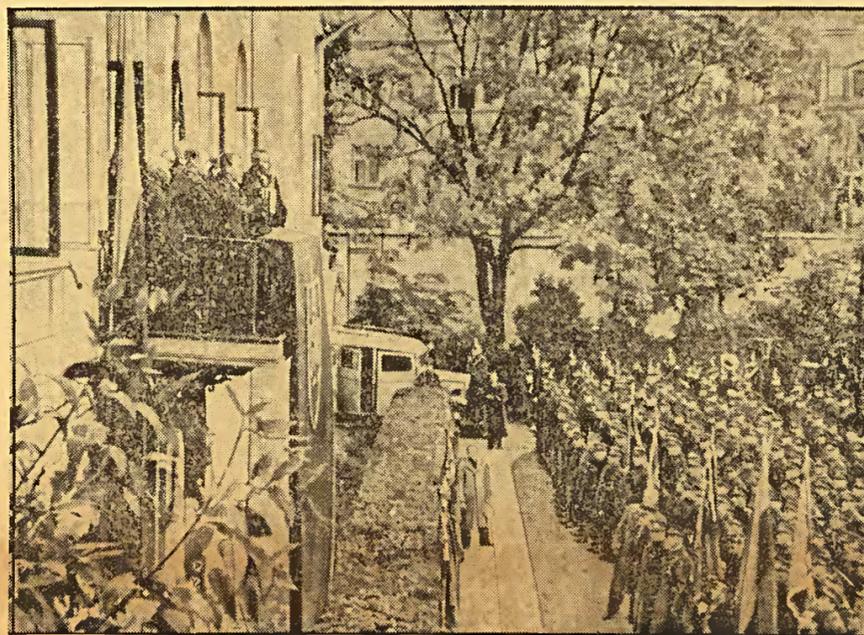
**Nordische Staatsoberhäupter** — Von links: Der finnische Staatspräsident Kallio, König Haakon von Norwegen, König Gustaf von Schweden, König Christian von Dänemark und Finnlands Aussenminister Ertzko.

**A mascara contra gaz sonora** — Em Budapest foram feitas experiencias bem succedidas com u'a mascara contra gaz provida de um microphone, de um ampliador de som e de um alto-falante. Os agentes de policia, hombeiros, etc. poderão assim dar ordens em voz alta, o que não é possível com as mascaras comuns.



**Die tönende Gasmaske** — In Budapest wurden erfolgreiche Versuche mit einer Gasmaske unternommen, die mit einem Mikrophon und mit einem Zusatzgerät-Verstärker nebst einem Lautsprecher versehen ist. Sie ermöglicht es Polizeibeamten, Feuerwehrenten usw. — im Gegensatz zur gewöhnlichen Gasmaske — laute Befehle zu geben.

**Vilna pertence de novo á Lithuania** — Realizou-se em Kovno uma grande manifestação por motivo de sua reincorporação á Lithuania. O cliché mostra o presidente do Estado lithuano, Dr. Smetona, dirigindo a palavra, da sacada de sua residencia particular, a officiaes e soldados do Exercito lithuano.



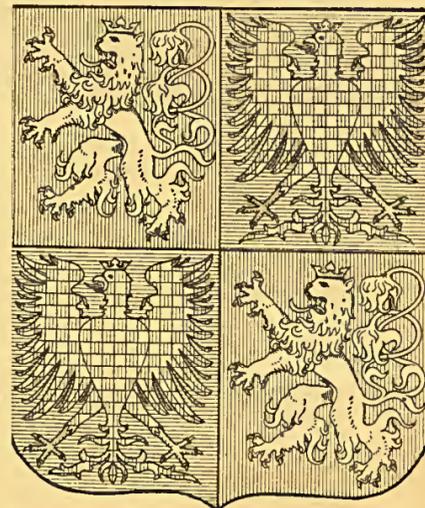
**Wilna ist wieder zu Litauen gekommen** — Aus Anlass der Rückgliederung Wilnas zu Litauen fand in Kaunas (Kowno) eine grosse Kundgebung statt, auf der der litauische Staatspräsident, Dr. Smetona, die Rede hielt. — Hier die militärische Feier vor dem Haus des Staatspräsidenten, der vom Balkon aus zu den angetretenen Offizieren und Mannschaften spricht.

**Delegação do governo sovietico ao chegar a Berlin** — A contar da esquerda: (3.) Secretario de Estado Keppler que saudou a delegação, na qualidade de representante do Ministerio do Exterior do Reich; general de artilharia Sawtschenko; commissario do Povo Tewossjan; o embaixador sovietico em Berlin, Schkwarzew; bem como o tenente-general Seiffert, commandante da praça de Berlin.



**Die Abordnung der Sowjetregierung in Berlin** — Von links: (3.) Staatssekretär Keppler, der die Delegation als Vertreter des Auswärtigen Amtes begrüßte, General der Artillerie Sawtschenko, Volkskommissar Tewossjan und der sowjetrussische Botschafter in Berlin, Schkwarzew, sowie Generalleutnant Seiffert, Berlins Stadtkommandant.

**O novo Grande Brasão do Protectorado da Bohemia e Moravia** — O governo do Protectorado da Bohemia e Moravia alterou a lei referente á bandeira nacional, ao brasão de armas e ao sello do Estado. O pavilhão do Protectorado compõe-se de uma faixa branca superior, outra vermelha central e uma azul inferior. Os tres escudos anteriores foram substituidos por um escudo maior e outro menor. O Grande Brasão consiste num escudo dividido em quatro campos. Nos campos direito superior e esquerdo inferior vêem-se as armas da Bohemia: São representadas por uma aguia voltada para a direita, quadriculada em prata e goles, sendo de ouro a coroa e as garras, em campo azul. Os campos esquerdo superior e direito inferior ostentam as armas da Moravia: Sobre fundo vermelho um leão rompente de prata, voltado para a direita, de duas caudas e fauces abertas, sendo de ouro a coroa, a lingua e as garras.



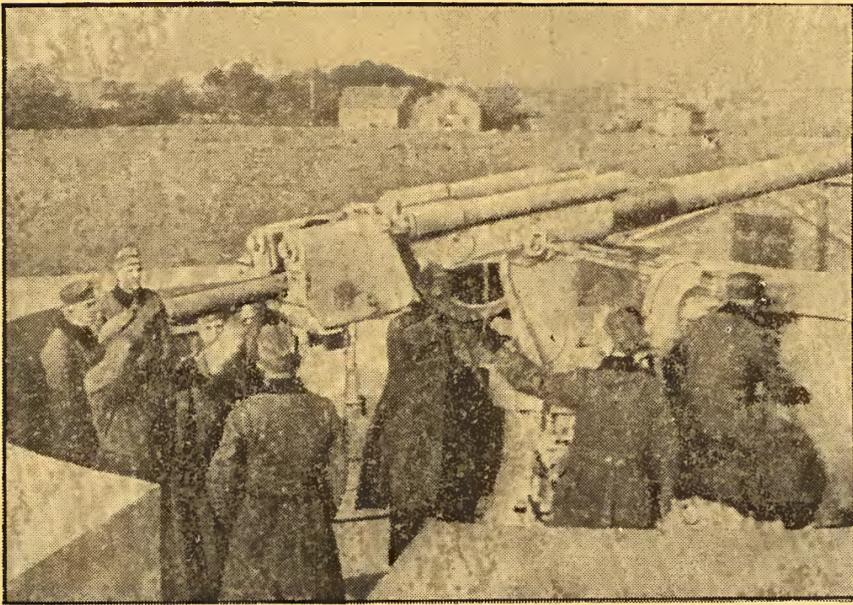
**Das neue Grosse Wappen des Protektorats Böhmen und Mähren** — Die Regierung des Protektorats Böhmen und Mähren hat das Gesetz über die Staatsflagge, Staatswappen und die Staatsiegel geändert. Die Flagge des Protektorats besteht aus einem oberen weissen, einem mittleren roten und einem unteren blauen Streifen. Die bisherigen drei Wappen werden durch das grössere und kleinere Wappen ersetzt. — Das grössere Wappen des Protektorats besteht aus einem gevierteten Schild. In dem oberen rechten und unteren linken Feld ist das böhmische Wappen zu sehen: Auf rotem Schild ein silberner doppelschwänziger Löwe, im Sprung nach rechts schauend, mit offenem, feurigem Rachen, der Zunge, Stirnreif und Wehr in Gold. Das obere linke und das untere rechte Feld zeigen das mährische Wappen: Auf blauem Schild einen nach rechts schauenden Adler, silber und rot geschlaucht, mit Stirnreif und Wehr in Gold.

**Enterro de marinheiros allemães, victimas do naufragio de um barco de vigilancia, em novembro, junto ás costas dinamarquezas.** Vemos aqui os ataúdes conduzidos por soldados dinamarquezas, sob os pavilhões do seu paiz, que se inclinaram á passagem do cortejo fúnebre.



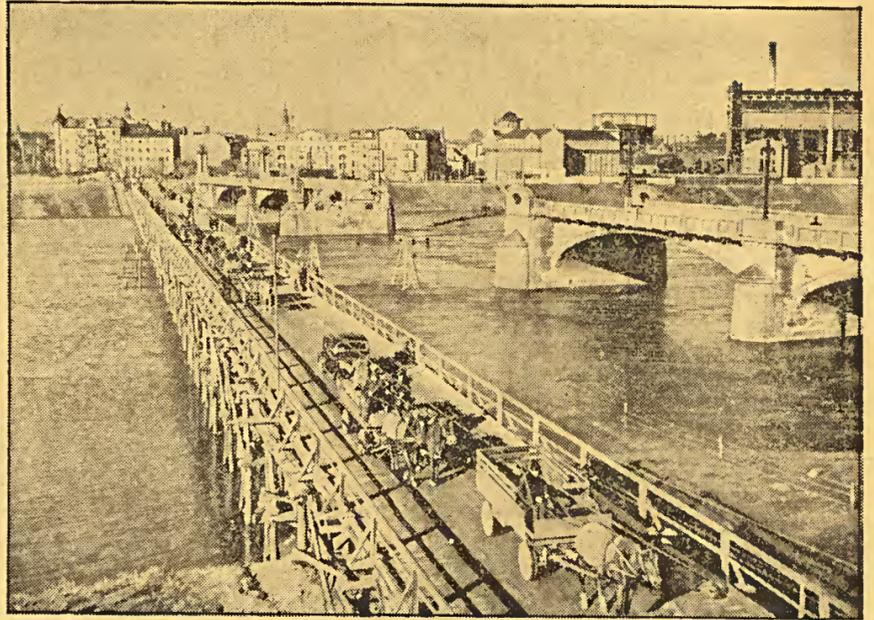
**Ein deutsches Vorpostenboot kenterte im November an der dänischen Küste.** Die Flaggen Dänemarks senkten sich, als Soldaten dieses neutralen Staates die deutschen Matrosen zu ihrer letzten Ruhestätte trugen.

*A vigilância nas costas alemãs* — Vemos aqui uma forte bateria de dique para defesa das costas alemãs pronta para fazer fogo.



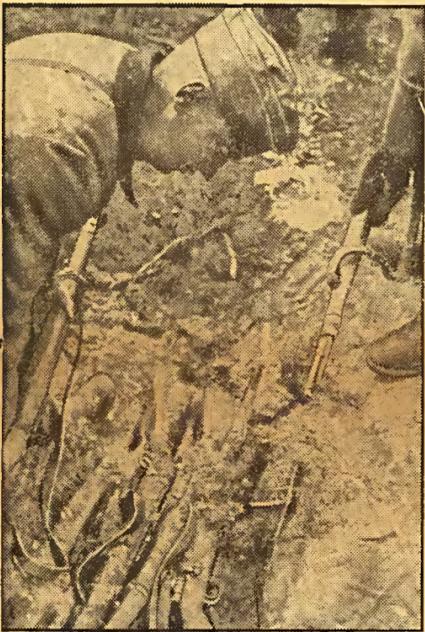
*Wache an der Wasserkante* — An den deutschen Küsten wachen starke Deichbatterien. Hier ein Batteriegeschütz klar zum Feuern.

*A reconstrução de Posen* — Ponte de emergência construída pelos pioneiros alemães sobre o rio Wartha, ao lado da ponte dinamitada pelos poloneses.



*Wiederaufbau in Posen* — Neben der von den Polen gesprengten Brücke über die Warthe haben deutsche Pioniere eine Notbrücke errichtet.

*Vilezas* — Um documento ilustrativo que projecta uma luz significativa sobre os métodos dos poloneses: Afim de occultarem um depósito clandestino de 68 fuzis, camouflaram-n'o em sepultura.



*Schändlichkeiten.* — Ein Bilddokument, das auf die Methoden der Polen ein bezeichnendes Licht wirft, stellt diese Aufnahme dar: Um ein geheimes Waffenlager mit 68 Gewehren zu verbergen, hatte man über den Waffen einen Grabhügel errichtet.

*Na frente ocidental* — Canhão anti-tanque e infantaria alemã magistralmente camuflados



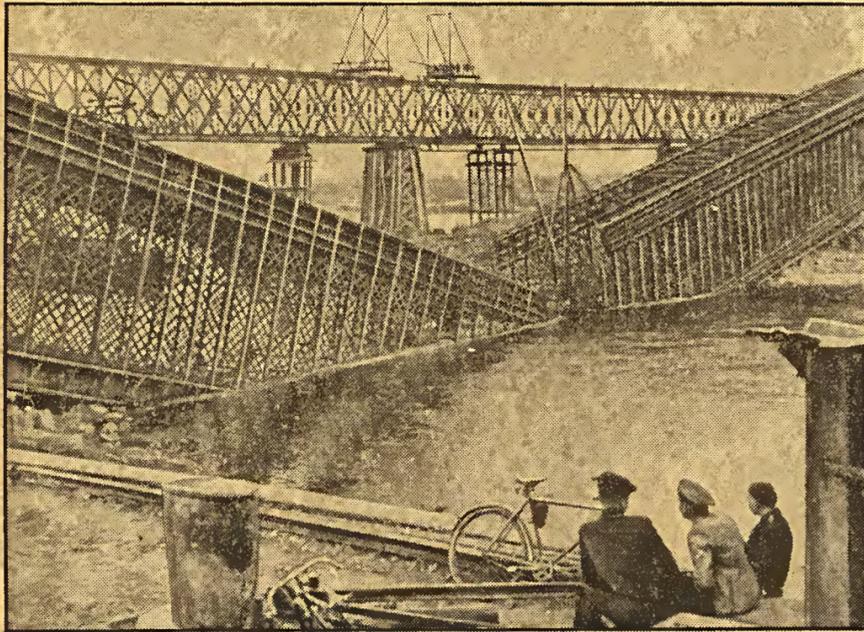
*Pak und Infanterie meisterhaft ge'arrt* — Unser Bild zeigt eine Pak-Geschütz-Abteilung in einer Linie mit den Kameraden der Infanterie.

*O novo governo de Posen* — A photographia apresenta o ministro do Reich Dr. Frick felicitando o novo governador e chefe provincial no castello de Posen. No meio, sentado, o secretario de Estado Dr. Stuckart.



*Der feierliche Staatsakt im Warthegau* — Reichsminister Dr. Frick beglückwünscht den neuen Statthalter und Gauleiter im Posener Schloss. In der Mitte sitzend Staatssekretär Dr. Stuckart.

*Obra de reconstrução alemã na Polónia* — Temos aqui a ponte para pedestres sobre o Vistula, em Dirschau, destruída pelos poloneses. No segundo plano vê-se a ponte de emergência construída por operários e pioneiros ferroviários.



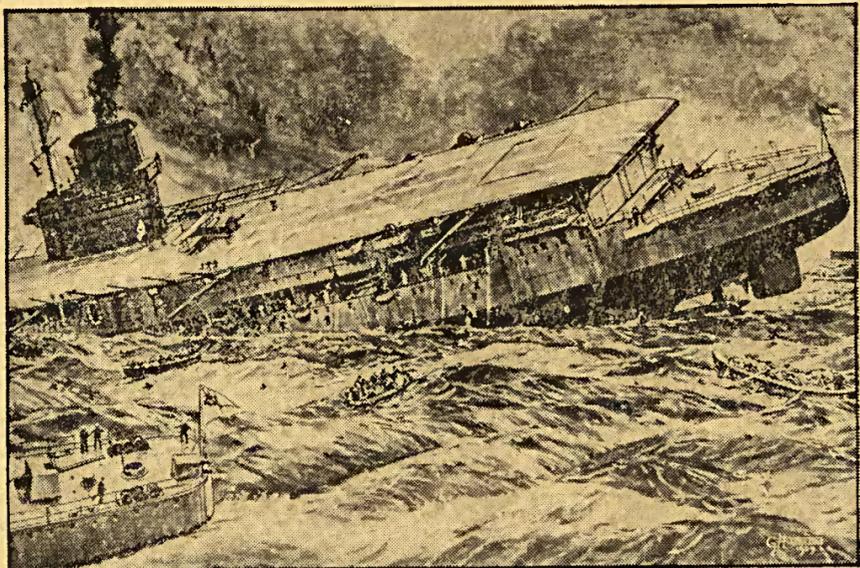
*Deutschland baut wieder auf* — Die von den Polen zerstörte Fussgängerbrücke über die Weichsel bei Dirschau. Im Hintergrund die von den deutschen Eisenbahnpionieren und Arbeitsmännern erbaute Notbrücke.

*Prompto auxílio aos alieniães na Polónia* — Camponeses alemães conduzem para casa comestíveis e peças de roupa com que foram abastecidos no posto de distribuição do Serviço Nacional-Socialista de Socorro Popular.



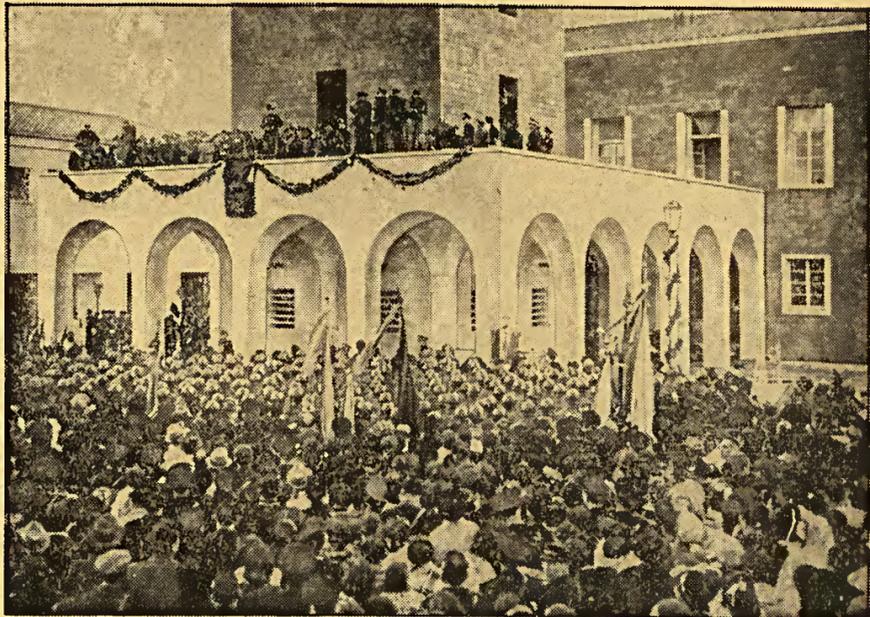
*Schnelle Hilfe für die Deutschen in Polen* — Volksdeutsche Bauern tragen Lebensmittel und Kleidungsstücke nach Hause, mit denen sie bei der Ausgabestelle der Nationalsozialistischen Volkswohlfahrt versorgt wurden.

O sossobro do „Courageous” visto por um desenhista inglez — O desenho appareceu em uma revista ingleza e illustra o afundamento dramatico do porta-aviões britannico, posto a pique em 17 de setembro de 1939 por um submersivel allemão.



So sah ein englischer Zeichner den Untergang der „Courageous” — Die Zeichnung stellt den dramatischen Untergang des britischen Flugzeugträgers „Courageous” dar, der am 17. September 1939 von einem deutschen U-Boot versenkt wurde. Die Zeichnung ersehen in einer englischen Zeitschrift.

O dia commemorativo da marcha sobre Roma — A photographia mostra as solennidades em que foi inaugurada a cidade de Pomezia e com que foram dadas por concluidas as obras de saneamento dos pantanos do Pontino. Mussolini fala de cima da columnata ás suas legiões



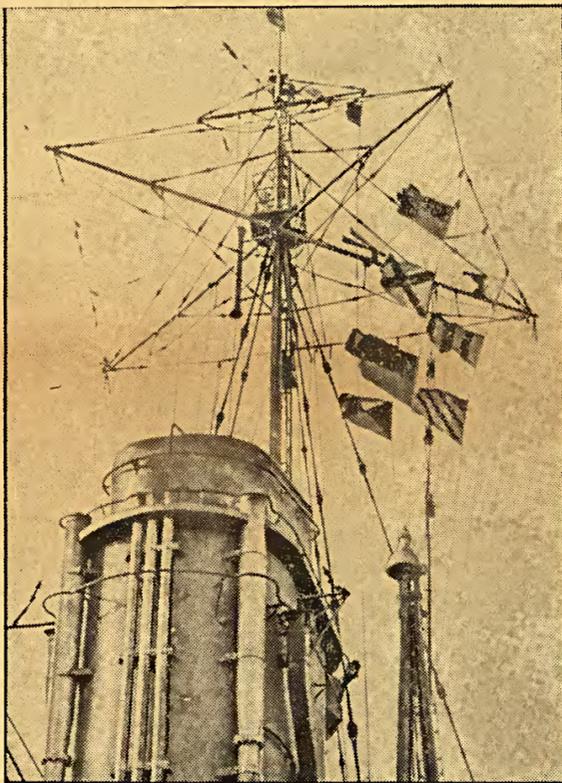
Der Jahrestag des Marsches auf Rom — Ein Bild von der Feierlichkeit, mit der die Stadt Pomezia eingeweiht und die Urbarmachung der Pontinischen Sümpfe abgeschlossen wurde. Vom Säulengang herab sprach Mussolini zu seinen Getreuen.

Signaes desagradaveis da frota — Temos aqui os primeiros signaes dos vasos de guerra allemães em que advertem os vapores mercantes. Diz o primeiro: „Páre immediatamente sua embareação”, e o segundo: „Não faça funcionar o radio”.

Tenente-Capitão Prien, commandante do famoso submarino allemão, com a Cruz de Cavalheiro da Cruz de Ferro que lhe foi conferida por Hitler.



Kapitänleutnant Prien, der Kommandant des deutschen U-Bootes, mit dem Ritterkreuz des Eisernen Kreuzes, das ihm vom Führer verliehen wurde.



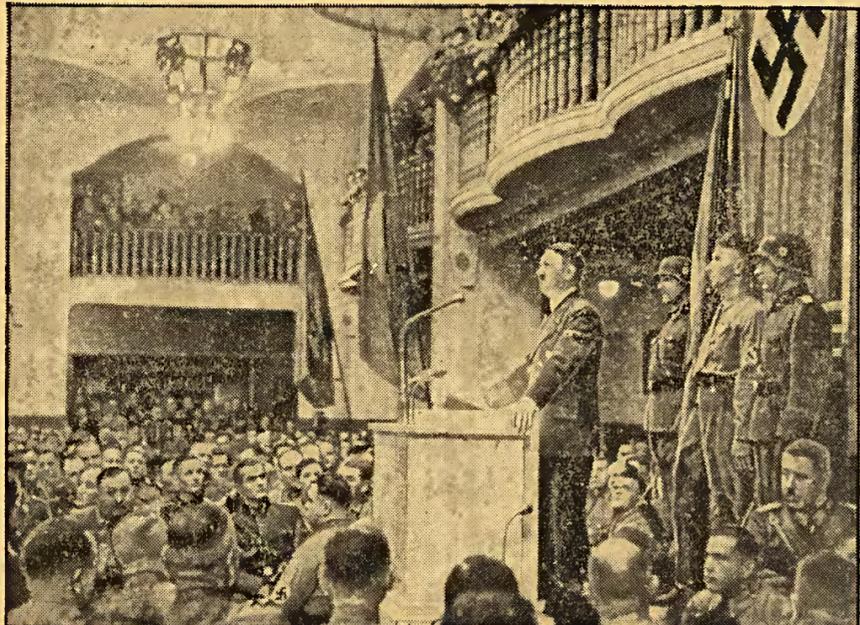
Unbeliebte Signale der Flotte — Die ersten Signale der deutschen Kriegsschiffe, wenn sie einem Handelsdampfer begegnen. Erstens „Bringen Sie Ihr Fahrzeug sofort zum Stehen”, zweitens „Benutzen Sie keinen Funk”.

A juventude allemã exercita-se — Os jovens tentos entregam-se a intensos exercicios militares.



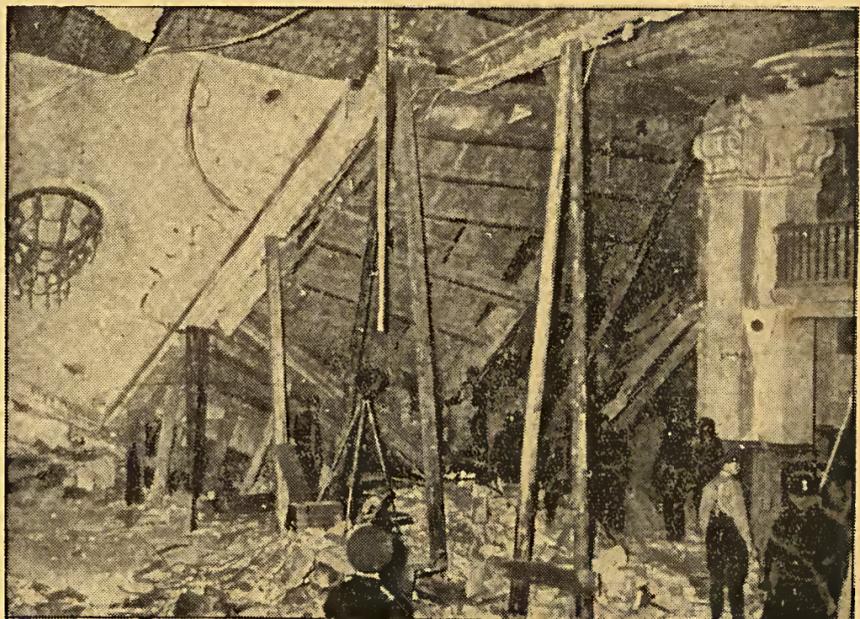
Für die Wehrkraft der Jugend — Die wehrsportliche Schulung der deutschen Jugend wird überall eifrig durchgeführt. Der Bannführer zeigt die Ausführung eines Kommandos.

Hitler fala aos seus fieis companheiros de 9 de novembro de 1923, na cervejaria Bürgerbräukeller.



Der Führer bei seinen Getreuen vom 9. November 1923 im Bürgerbräukeller.

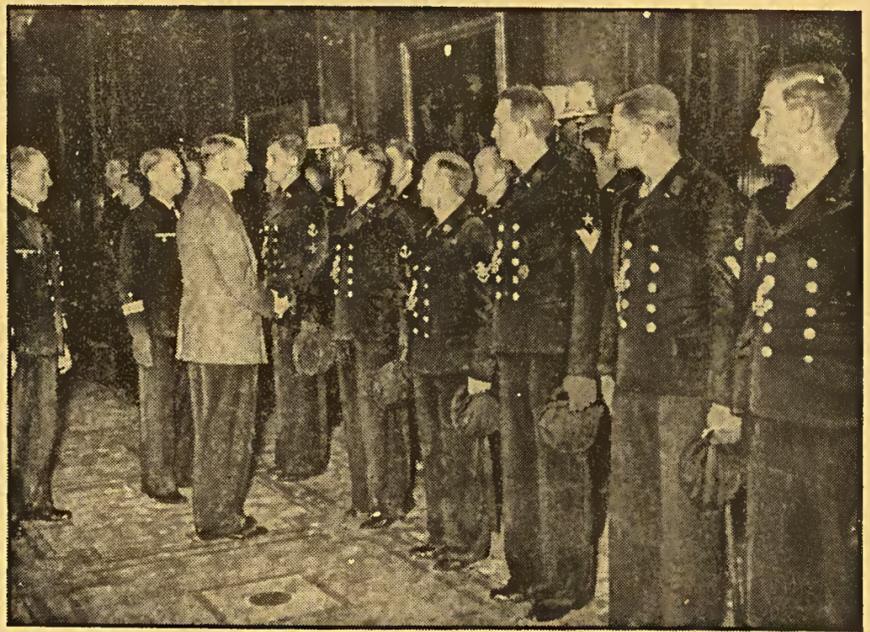
A cervejaria Bürgerbräukeller, em Munich, destruida por um attentado.



Der durch ein Attentat zerstörte Bürgerbräukeller

Uma photographia que representa um desmentido. — O jornal norueguez „Dagbladet“ publicou a photographia do naufragio do „Athenia“, a qual fôra tirada por um dos machinistas de um navio-tanque norueguez sete horas depois de salvos os passageiros. Vê-se no cliêdo o „Athenia“ levemente inclinado, mantendo, porém, a linha dagua normal.

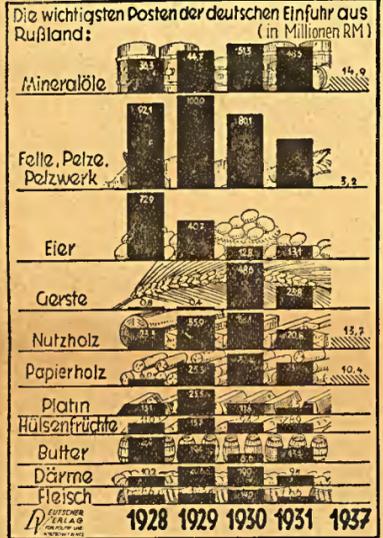
Kapitänleutnant Prien und seine Besatzung beim Führer — Unmittelbar nach der Ankunft in Berlin weilten der Kommandant, Kapitänleutnant Prien, und die Besatzung des U-Bootes, das das englische Schlachtschiff „Royal Oak“ und den Schlachtkreuzer „Repulse“ torpediert hatte, als Gäste des Führers in der Neuen Reichskanzlei.



Ein Photo prangert die Lügner an — In der norwegischen Zeitung „Dagbladet“ erschien ein Bild, das ein Maschinist eines norwegischen Tankdampfers beim Untergang der „Athenia“ aufgenommen hat. Wie der Begleittext des Blattes sagt, erfolgte die Aufnahme sieben Stunden nach der Rettung der Passagiere der „Athenia“. Das Bild zeigt die „Athenia“ mit Schlagseite, aber mit dem Schiffsrumpf noch die normale Wasserlinie haltend.

O tenente-capitão Prien e seus homens visitam Hitler — Logo depois de sua chegada a Berlim, o tenente-capitão Prien, comandante do submarino alemão que torpedeou o navio de batalha „Royal Oak“ e o cruzador de batalha „Repulse“, ambos da armada britânica, foi recebido, juntamente com a equipagem do seu barco pelo Führer, no novo edificio da Chancellaria do Reich.

Was bezieht Deutschland aus Rußland?



Rußland als Rohstofflieferant.

Der deutsch-russische Handelsaustausch war in den Jahren 1928 bis 1931 auf dem Höhepunkt. Damals wurden durchschnittlich 800 bis 900 Millionen RM in dem deutsch-russischen Handelsgeschäft umgesetzt. Das jetzt abgeschlossene Handels- und Kreditabkommen Großdeutschlands mit der Sowjetunion wird wieder einen nützlichen Warenaustausch jenseits aller weltanschaulichen Unterschiede und unabhängig von den verschiedenen Handelssystemen ermöglichen. Das Bild zeigt nun, was in der Zeit eines regen Handelsaustausches aus Rußland geliefert werden konnte. Man sieht, daß die Union der Sowjetrepubliken große Überflüsse an landwirtschaftlichen und forstwirtschaftlichen sowie mineralischen Rohstoffen liefern kann, an denen Deutschland Mangel hat. Neben den auf dem Bild gezeigten Rohstoffen sind vor allem noch Manganerze, Phosphate, Flachs und Hanf zu nennen. Wie außerordentlich der Handel geschrumpft war, zeigen die mageren Angaben für 1937 über den Bezug dieser für Deutschland wichtigen Rohstoffe.

Eschema apresentando a zona de interesse da Alemanha na ex-Polonia.



Die Wirtschaft des deutschen Interessengebietes im ehemaligen Polen.

Was haben die U.S.A. am Weltkrieg verloren?

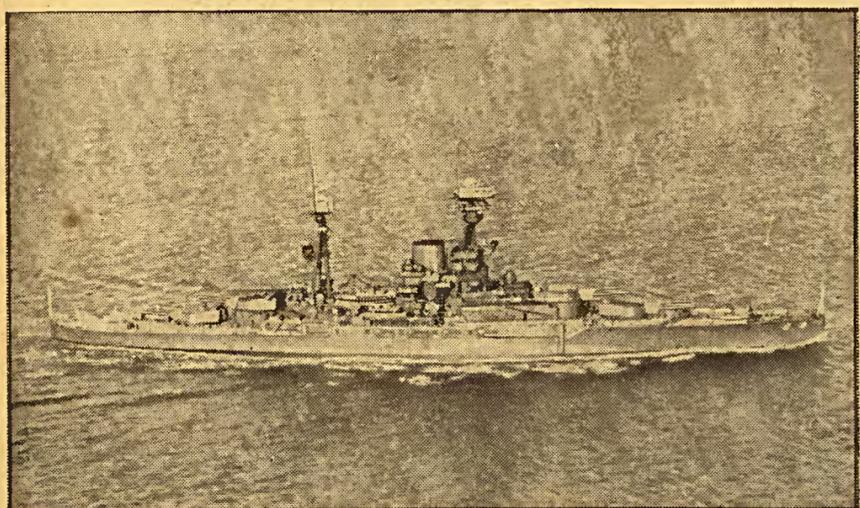


Rund 50 Milliarden Reichsmark Kriegsschulden sind nicht bezahlt.

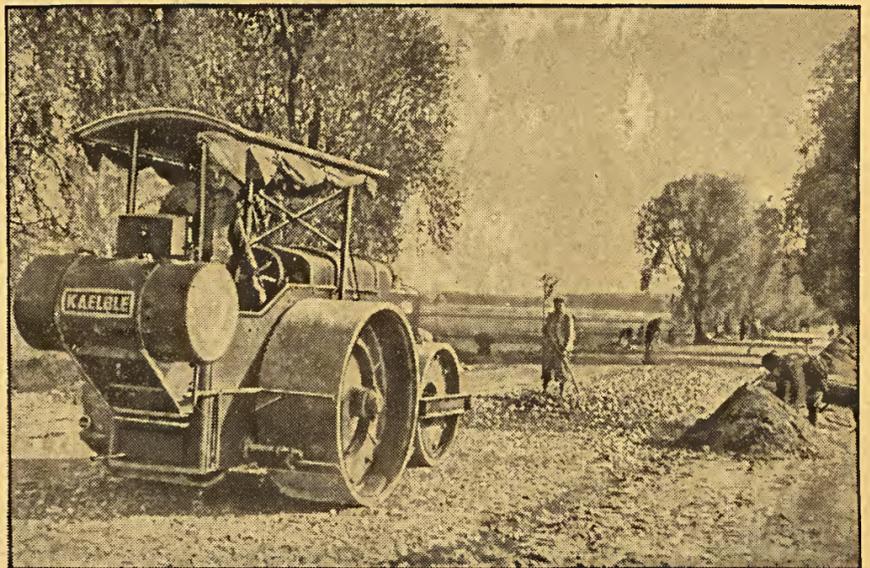
Großbritannien kann auf der Rohstoffbasis der englischen Insel den Krieg nicht führen. Es ist zu zwei Drittel des notwendigen Bedarfs an Lebensmitteln und Rohstoffen auf Zufuhren aus aller Welt angewiesen. Im Weltkrieg konnte Großbritannien einen großen Teil seiner Auslandsguthaben veräußern und damit die notwendigen Kriegsmaterialien kaufen, und trotzdem hatte Großbritannien am Ende des Weltkrieges allein rund 20 Milliarden Reichsmark Schulden. Nach den Schuldenabkommen in den Jahren 1924 bis 1926 war diese Schuld auf nahezu 50 Milliarden Reichsmark angestiegen und dann erfolgten Zahlungen und Berechnungen, vorwiegend aus Deutschland auferlegten Tributen, und trotzdem ist Großbritannien heute noch rund 22 Milliarden Reichsmark, in Goldwerten berechnet, in Amerika schuldig. Es ist deshalb kein Wunder, wenn die neutralen Staaten und selbst die Vereinigten Staaten von Amerika nicht mehr allzu sehr bereit sind, Großbritannien einen neuen Krieg zu finanzieren, und auch die finanzielle Lage Frankreichs ist nicht günstiger als die Großbritanniens.

Construção de estradas na Polonia — Em toda parte vêem-se mestres de obra alemães dirigindo trabalhadores polonezes na construção de rodovias, tornando assim transitáveis as estradas até aqui mantidas num estado deplorável.

A beltonave inglesa „Royal Oak“ posta a pique por um submarino alemão.



Das englische Schlachtschiff „Royal Oak“, das von einem deutschen U-Boot versenkt wurde.



Strassenbau in Polen — Ueberall sieht man deutsche Strassenbaumeister mit polnischen Arbeitern am Werk, die verwahrlosten Strassen in einen verkehrswürdigen Zustand zu bringen.

*Zu den  
Mahlzeiten...*



Ganz gleich ob zum Frühstück oder zum Abendbrot. Trinken Sie zu Ihren Mahlzeiten das vorzügliche

# Malzbier da Brahma

MALZBIER DA BRAHMA ist Ihrem Organismus dienlich, jederzeit, zu jeder Stunde.

**AO PINGUIM** H. Hillebrecht  
 RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128  
 E TAVERNA: RUA ANHANGABAHÚ, 2  
 São Paulo  
 Telefon: Bar 4-5507  
 Gruta 4-2626

Ausgezeichnete Küche Jeden Sonnabend: Feijoada completa  
 Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

Extra Fino  
  
 Rua das Palmeiras 274  
 Tel. 5-4429

**Aços Roechling**  
 Der gute deutsche Stahl!  
 Qualitätswerkzeuge!  
 Eigene Härtestube  
 mit moderaten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft!

**Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.**  
 São Paulo  
 Rua Augusto de Queiroz 71-103  
 Rio de Janeiro  
 Rua General Camara 136  
 Porto alegre  
 Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:  
 Curitiba - Belem do Pará - Bello Horizonte  
 Bahia

in anderen südamerikanischen Ländern:  
 Buenos Aires Montevideo  
 Santiago de Chile

Familienpension  
**CURSCHMANN**  
 Rua Florencio de Abreu 133, Sobr. (bet Bahnhof)  
 Telephone: 4-4094

Hugo Lichtenthäler  
 Rua Aurora Nr. 135

Altstes deutsches Möbelhaus  
 Grosse Auswahl in kompl. Zimmern u. Einzelmöbeln. Auch TAUSCH und KAUF von gebrauchten Möbelstücken

Damen-Schönheits-Institut  
**„ELSE“**  
 Dauerwellen (elektrisch u. nicht elektrisch), Ondulation u. Wasserwellen, Maniküre, Färben u. Massage  
 Rua Domingos de Moraes Nr. 84-c  
 Telephone 7-5480

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten  
**OTTO BENDER**  
 Rua Sta. Efigenia 80 - Telefon 4-4705  
 Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr. Haff, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

**Livraria Delinee**  
 Aelteste deutsche Buchhandlung  
 Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo  
 Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

## Es war eine rauschende Ballnacht

Roman von Géza von Cziffra

I.  
 Der grosse Musiksalon war nur schwach erhellt vom warmen Schimmer der Wachskerzen rechts und links am Notenhalter des herrlichen Bechsteinflügels. Ihr Schein überflackerte das schöne, etwas schwermütige Gesicht Katharina Alexandrowna Murakinas. Und er spielte über die elfenbeinernen Tasten des Instruments, an dem Professor Hunsinger, Katharinas alter Musiklehrer, sass. Der Notenhalter des Bechsteins war leer; Hunsinger spielte auswendig das „Chanson triste“ von Peter Tschaikowsky, dessen letzte Zeilen Katharina eben — gleichfalls ohne Noten — saug. „Und stumm blieb ich bei meinem Traum allein ...“  
 Katharinas schöne dunkle Stimme verstummte. Hunsinger nahm die Hände von den Tasten. Die beiden Menschen schienen den Tönen nachzulauschen, die schwebend in dem grossen Raum verklungen ...  
 Es war noch früh am Nachmittag, aber der russische Wintertag ist kurz, früh wird es dunkel. Der geisterhaft bleiche Schimmer der unaufhörlich herniederschwebende Schneeflocken drang durch die hohen Fenster.  
 Einen Augenblick herrschte lautlose Stille. Hunsinger blickte Katharina an, deren Gedanken in weite Fernen zu schweifen schienen. Dann wanderte sein Blick über den prachtvoll eingerichteten Raum, verweilte auf den vergoldeten Möbeln mit ihren kostbaren Bezügen, glitt über die dicken Teppiche und Portieren, den Kristallüster, die unzähligen Bilder in prunkenden Goldrahmen ... Und auch seine Gedanken wanderte zurück, fort aus der kalten Pracht dieses Schlosses, dessen Herrin Katharina jetzt war. Er dachte an Petersburg, an das Konservatorium, wo er

Katharinas Lehrer gewesen war, und an den, dessen Lied sie eben gesungen. Auch Peter Iljitsch Tschaikowsky zählte damals zu seinen Schülern. Und er und Katharina —  
 Ein leiser Seufzer, der den Lippen der Frau entschlüpfte, liess ihn aus seiner Versunkenheit aufschrecken. „Katja!“ sagte er besorgt. „Was ist dir?“  
 Katharina richtete sich auf. „Oh, nichts, nichts!“ versicherte sie schnell. Aber sie konnte Hunsinger nicht täuschen.

und ungeliebt ... Ja, das ist sein Leben —“  
 „Hunsinger!“ Katharina hatte es leise, aber heftig hervorgestossen. Doch der Alte tat, als habe er die Mahnung, die in dem Ausruf lag, nicht verstanden. Noch immer ohne Katharina anzublicken fuhr er fort: „Aber muss es denn immer so bleiben?“  
 Katharina wandte sich abrupt ab und ging wortlos auf den Klingelzug neben der Tür zu. Hunsinger hob den Kopf und blickte ihr nach. Etwas ängstlich, aber doch entschlossen

Lausam entspannte sich ihr Gesicht. Hunsinger, der sie beobachtet hatte, stand jetzt auf und kam zu ihr. Schweigend setzte er sich in den Sessel auf der anderen Seite des Kamins.  
 Durch den Schnee gedämpft, klang leises Hundebellen vom Hofe her in ihr Zimmer. Dann war es wieder still. Nur die Uhr auf dem Kaminsims tickte unnatürlich laut.  
 Das lastende Schweigen wurde durch den eintretenden Diener unterbrochen, der zwei brennende Lampen und dann den Samowar nebst Geschirr brachte.  
 Katharina liess Tee in die Tasse des Professors laufen und schob ihm das Gebäckkörbchen hin. Dann lehnte sie sich wieder in ihren Sessel zurück.  
 Hunsinger überlegte verzweifelt. Er war mit einem bestimmten Entschluss hierher gekommen. Es ging um seinen Lieblingsschüler, um Peter Tschaikowsky. Aber wie sollte er nun wieder anknüpfen? Und dabei hatte doch alles so glücklich begonnen, so dass er hoffte, heute endlich über das sprechen zu können, was ihm so sehr am Herzen lag. Katharina hatte Tschaikowskys Lied gesungen ... Sicherlich hatte sie es heimlich eingeübt, denn er hatte es erst einmal, vorige Woche, mit ihr geprobt. Und auch Tschaikowskys frühere Sachen befanden sich unter ihren Noten, wie er sogleich festgestellt hatte, als er zum erstenmal hier herausgekommen war.  
 Das war vor vier Wochen gewesen. Er hatte Katharina zufällig in Moskau getroffen und von ihr erfahren, dass sie seit einigen Tagen mit ihrem Gatten, Michael Iwanowitsch Murakin, dieses Schloss, eine Stunde von der Stadt entfernt, bewohnte. Michael Iwanowitsch besass viele Güter, in allen möglichen Teilen Russlands. Er war unmenschlich reich. Ja — und Peter Tschaikowsky war unmenschlich arm. Arm und unbekannt ... Und unglücklich, zerquält und zerrissen.  
 Hunsinger schielte zu Katharina hinüber. Das war es, worüber er mit ihr sprechen wollte. Bis jetzt aber hatte sich noch keine

**Confeitaria** **Viennense**  
 Aeltestes und vornehmstes Haus  
 Nachm. und abends gutes Konzert  
 Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETINGA 239 - S. Paulo

„Du bist traurig, Kindchen“, sagte er warm und herzlich. „Willst du mir nicht sagen, was dich bedrückt?“  
 Katharina antwortete nicht. Sie zupfte mit nervösen Fingern an den Transen der Flügeldecke. Ihre Züge verschlossen sich.  
 Mechanisch klimperte Hunsinger auf den Tasten, und plötzlich klang ungewollt wieder die Melodie des „Chanson triste“ auf.  
 Katharinas Brauen zogen sich zusammen. Sie wollte etwas sagen, da aber hörte Hunsinger schon zu spielen auf. Leise, ohne Katharina anzusehen, sagte er: „Unbekannt

sen zu sagen, was seiner Meinung nach gesagt werden musste. Katharina riss ungeduldig am Klingelzug und herrschte ganz gegen ihre Gewohnheit den eintretenden Diener an: „Den Samowar! Und Lampen!“  
 Verwundert blickte der Diener sie an, ehe er sich mit tiefer Verneigung und der hastigen Versicherung: „Sofort, gnädige Frau, sofort!“ zurückzog.  
 Katharina ging zum Kamin, in dem ein Feuer aus mächtigen Holzklötzen brannte. Sie setzte sich in einen der tiefen Sessel, die davorstanden, und blickte in die Flammen.

# VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.  
Fabrica de Productos  
Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178  
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Vor  
Annahme falschen Geldes  
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

Eröffnen Sie ein Konto beim

**Banco Alemão  
Transatlantico**  
RUA 15 NOVEMBRO 268  
und zahlen Sie Ihre Rechnungen  
per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie  
von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um  
Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen  
zu erleichtern.

## Dr. Max Rudolph

Allgemeine Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe  
Röntgen-Bestrahlungen

Consult.: Praça Ramos de Azevedo 16, II., Tel. 4-2576  
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337  
Sprechstunden von 3—5, Sonnabends von 11—1 Uhr

## Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allgem. Chirurgie — Röntgenapparat  
Sprechst.: 2—5 Uhr nachm., Sonnabends: 10—12 Uhr  
Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0033

## Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt „Saxonia“

Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396  
und Fabrik: Rua Barão de Jaguara 980. Tel. 7-4264

## Farben - Lacke - Pinsel

und alle übrigen Bedarfsartikel  
für Hausanstrich und Dekoration

Emilio Müller, R. José Bonifácio 114

## Anzüge Henrique Dietsch

Ab. C. João 345 - App. 2 - Tel. 4-3196

## Dr. Erich Müller-Caroba

Frauenheilkunde und Geburtshilfe  
Röntgenstrahlen — Diathermie  
Ultravioletstrahlen

Konz.: R. Aurora 1018 von 2-4,30  
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua  
Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481

## Dr. G.H. Nick

Facharzt  
für innere Krankheiten.

Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr  
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371  
Privatwohnung: Telefon 8-2263

## Erwin Schmied

Dentist

Umgezogen nach

Largo Santa Efigenia 1

3. Stock, App. 32

(Eingang von der Brücke)

Sprechstunden  
von 8.30—18.30 Uhr, Sonn-  
abends: bis 12 Uhr mittags

## Deutsche Apotheke

Ludwig Schwedes

Rua Libero Badaró 45-A

São Paulo / Tel. 2-4468

## Deutsche Apotheke

In Jardim America

Anfertigung ärztlicher Re-  
zepte, pharmazeutische  
Spezialitäten — Schnelle

Lieferung ins Haus.

RUA AUGUSTA 2843  
Tel. 8-2182

## Dienst am Kunden!

Jedem Wunsch nach Möglichkeit  
gerecht zu werden, ist Grund-  
idee unserer Organisation und  
unseres geschulten Personals.

## Banco Germanico

da America do Sul  
São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)  
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5  
Santos, Rua 15 de Novembro 114

## „Zum Hirschen“ Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561  
São Paulo Inh.: Emil Russig

## Dres. Lehfeld und Coelho Dr. Walter Hoop

Rechtsanwälte  
São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,  
Telef.: 2-0804 — 2. Stock, Zim. 11—16 — Postfach 444

richtige Gelegenheit gehoten. Doch schon stand der Name Tschaikowsky wie ein Schatten ständig zwischen ihnen. Katharina wusste natürlich mit dem feinen Instinkt der Frau ganz genau, dass Hunsinger etwas auf dem Herzen hatte. Wie sie sich gefreut hatte, als sie ihn, ihren lieben alten Lehrer, nach all den Jahren wiedersah! Fast wäre sie ihm mitten auf der Strasse um den Hals gefallen. Sie erfuhr von ihm, dass er jetzt hier in Moskau am Konservatorium tätig war. Und sofort bat sie ihn, wieder mit ihr zu arbeiten so oft er könne, zu ihr hinaus nach Schloss Murakin zu kommen. Er versprach es mit Freuden, denn Katharina besaß eine ausserordentlich schöne Stimme, und es hatte ihn immer leid getan, dass sie das Gesangstudium so plötzlich abgebrochen hatte ... Dann erzählte er ihr, dass auch Tschaikowsky seit Jahren in Moskau lebe. Damals, nach dem Bruch mit Katharina, war er hierher gekommen, gab elend bezahlte Stunden, um sich über Wasser zu halten. Katharina war sehr erschrocken gewesen. Sie nahm Hunsinger das Versprechen ab, Tschaikowsky nicht zu verraten, dass er sie getroffen habe. Und in der Gesellschaft, zu der sie als reiche und vornehme Dame jetzt gehörte, würde sie ihn ja kaum treffen ... Hunsinger hatte das Versprechen nur zögernd und ungerne gegeben. Ebenso ungerne hatte er es gehalten.

Nachdenklich rührte er in seiner Tasse. Es musste etwas geschehen! In diesem Augenblick schlug Katharinas Stimme voll verhaltener Erregung an sein Ohr:

„Warum fragtest du mich vorhin, Maxim?“

„Was, Katja?“

Katharina versuchte gleichmütig zu erscheinen und das Beben in ihrer Stimme zu unterdrücken. „Nun — ob es immer so bleiben müsse ... unbekannt und —“ Sie stockte, ehe sie fortfuhr: „— und ungeliebt?“

Hunsinger war jetzt ganz ruhig. „Ja, Katja, ich muss dich fragen ... wen sonst als dich? Du hast ihn doch einmal geliebt.“

Katharinas Brauen zogen sich zusammen. Heftig abwehrend erwiderte sie: „Ach, das ist alles längst vorüber!“

Hunsinger blickte sie ernst an, ehe er leise sagte: „Die Vergangenheit stirbt nicht, Katja ... Sie verbirgt sich nur tief auf dem Grunde der Seele.“

„Und dort soll sie bleiben!“ Katharina schrie es beinahe. Dann gefasster, fügte sie hinzu: „Du weißt es doch, Maxim — er, hasst mich!“

Hunsinger lächelte ein wenig und schüttelte den Kopf. „Ein Hass, der schwanger ist von Liebe ... Aber ich wollte ja nicht von der Liebe sprechen, Katja.“

„Sondern?“

## „Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Sehr ernst sagte Hunsinger: „Von der Musik.“

Katharina hob den Kopf und blickte ihn erstaunt fragend an.

„Du mußt es wissen, Katja. Du mußt endlich alles wissen.“ Noch einmal stockte er. Flüchtig kam ein Erschrecken über ihn. War er nicht im Begriff, dieser verwöhnten jungen Frau eine Verantwortung aufzubürden, der sie vielleicht gar nicht gewachsen war? Oder die sie ablehnen würde? Darf ein sterblicher Mensch Schicksal spielen, Unruhe in das Leben eines anderen bringen, der anscheinend zur Ruhe gekommen ist? Aber es geschah ja nicht um äusserer Dinge willen; hier ging es um Höheres. Hunsinger war tief im Innern überzeugt, eine Mission zu haben. Gott selbst hatte Katharina geschickt. Und so fuhr er fort, eindringlich jedes Wort betonend: „Peter arbeitet kaum, seitdem du fort bist von ihm. Ein paar gute Sachen hat er

Richter. Katja! Peter geht zugrunde!“

Stumm wandte sich Katharina unter seinem ersten Blick ab. Ein Frösteln überlief sie.

Sehr leise setzte Hunsinger hinzu: „Und ich fürchte, er trinkt ...“

Katharina fuhr herum. Ihre Augen blitzten auf. „Was kann ich dafür?“

Hunsinger blickte sie vorwurfsvoll an. „Nichts, Katja ... Versteh mich doch! Aber als er noch glücklich mit dir war —“

Katharina fiel ihm ins Wort. Sie machte noch einen letzten verzweifelten Versuch, ihre Position zu verteidigen: „Wir sind nie glücklich miteinander gewesen! Er hat mich mit seiner ewigen Eifersucht so gekränkt und beleidigt.“

„Katja! Du sprichst wie eine Kleinhirnerin ... Das bist ja gar nicht du. Nein — ihr waret vielleicht nicht glücklich im landläufigen Sinne ... Aber Peter hat für dich gelebt

Hunsinger kämpfte geduldig weiter. Gewiss, Katharina tat ihm leid, und wieder überkam ihn das Gefühl seiner ungeheuren Verantwortung. Aber jetzt konnte er nicht mehr zurück. Konnte und wollte nicht. Sein graues Löwenhaupt schüttelnd, meinte er, fast ein wenig betrübt, als habe er mehr Seelengrösse von ihr erwartet: „Katja, Katja — und damit willst du dich zufriedengeben? Du kannst glücklich sein, wenn du weisst, dass er arm und verkannt ist?“

Er trat zu ihr und legte den Arm um ihre Schultern. Einen Augenblick schwiegen beide. Dann sagte Katharina schwach: „Was soll ich denn tun? Wie soll ich ihm denn helfen?“

Hunsingers Augen leuchteten auf. Er fühlte, dass er siegen würde. Aber er liess sich nichts anmerken, sondern erwiderte ruhig: „Wie du ihm früher geholfen hast ... damals, in Petersburg. Dir hat er doch seine ersten Sachen vorgespielt ... Du hast ihn ermutigt — ihm geholfen, seine Hemmungen zu überwinden ... Es braucht dich heute noch genau so wie damals! Wenn du wüsstest, wie unglücklicher er hier in Moskau ist ...“

Wortlos machte Katharina sich von ihm los und ging zum Kamin zurück. Sie liess sich wieder in ihren Sessel nieder, während Hunsinger im Zimmer auf und ab schritt, dabei weitersprechend: „Ich weiss ja, dass er nicht hierherkommen darf, in dein Haus — zu dir — zu deinem Mann ... Aber du könntest ihn doch mal treffen ... mit ihm sprechen ...“

Gequält rief Katharina aus: „Wozu das alles, Maxim? Wozu soll ich mit ihm sprechen ... was soll ich ihm denn sagen?“

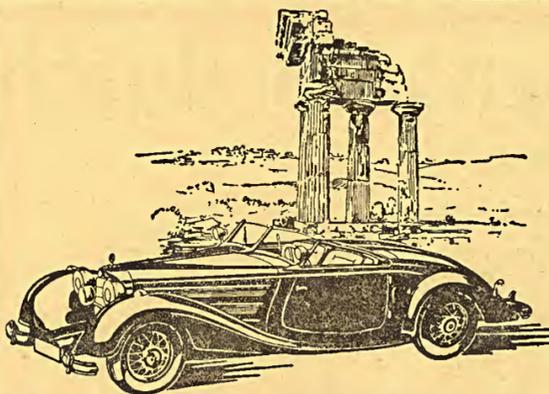
Hunsinger hielt in seiner Wanderung inne. „Dass du an ihn glaubst, Katja — das sollst du ihm sagen! Er braucht Anerkennung ...“

„Aber warum denn gerade von mir? Er hat doch auch dich.“

„Das ist nicht dasselbe ... du weisst es ja, Katja. Auch damals arbeitete er nur weiter, weil du ihm die Kraft gabst. Ich verspreche mir so viel davon! Es wird ihn aus seiner Erstarrung reissen. Wir müssen ihn der Menschheit retten, Katja. Ich tat ja alles, was ich konnte, aber nun bin ich am Ende, ganz ratlos.“ Und sehr leise, aber eindringlich heischwörend, fügte er hinzu: „Hilf mir, Katja!“

Katharina war erschüttert von seinem leidenschaftlichen Appell. Ihr Widerstand geriet immer mehr ins Wanken. Zugleich aber kam ein neuer Gedanke über sie. Ein leises, schwer zu deutendes Lächeln, schmerzlich und spöttisch zugleich, geisterte um ihre schön geschwungenen Lippen, als sie Hunsinger fragte: „Warum bist du eigentlich gar so sehr überzeugt, dass gerade ich ihm helfen kann?“

Hunsinger blickte sie einen Moment sprachlos an. Dann sagte er: „Weil —“ Und mit einer Geste: „Nun, ich weiss es eben!“ Er nahm ihre heiden Hände. „Katja — willst du



Mercedes-Benz

Personen-  
wagen

Nutzfahrzeuge

## Sociedade Auto-Distribuidora Ltda.

São Paulo, Av. Brig. Luiz Antonio 133 / Rio de Janeiro / Santos

geschrieben — die kein Mensch aufführt. Glykow will sie nicht mal drucken lassen ... Dazu verfolgt sie ihn mit seinem Hass, zerreisst ihn geradezu in seinen Kritiken. Früher hätte ihn das nicht entmutigt. Er hätte gelacht darüber. Und weitergearbeitet. Aber jetzt lähmt es ihn einfach ...“

Katharina spürte sofort, dass diese Feststellung einen Vorwurf enthielt. Und eine Forderung. Sie witterte eine Gefahr ... Die Vergangenheit stand auf gegen sie und wollte einbrechen in den sicheren Hafen, der sich ihr nach all den Jahren des Kampfes und der Qual aufgetan hatte und in dem sie gerade auf sich heimisch zu fühlen. Sie hatte ihren Frieden mit dem Unabänderlichen machen wollen, und nun sollte dies alles von neuem beginnen? Angst erfasste sie, und heftig abwehrend rief sie aus: „Willst du sagen, dass es meine Schuld ist?“

Hunsinger fühlte, was in Katharina vorging. Er hatte Mitleid mit ihr, und gütig sagte er: „Schuld — das ist ein Wort für

und für dich geschaffen. Und ich weiss, was er gelitten hat, als du plötzlich verschwunden warst.“

Katharina wurde blass. „Und du glaubst, ich hätte nicht gelitten?“ Sehr leise und gequält kamen die Worte von ihren Lippen.

Gütig sagte Hunsinger: „Doch, Katja ... Aber du wusstest warum! Du hast deine Liebe dem Glück deiner Familie geopfert.“

Etwas gereizt unterbrach Katharina ihn: „Und jetzt bin ich verheiratet und habe einen Mann, der mich liebt — der glücklich mit mir ist!“

Sehr stark, beinahe feierlich hielt Hunsinger ihr entgegen: „Es geht ja nicht um sterbliches Glück in diesem Leben, Katja!“

Katharina blickte ihn an. Aufspringend rief sie ihn aus letzter Tiefe zu: „Ach, Hunsinger, was geht mich eure Unsterblichkeit an! Ich bin eine Frau ...“ Mit schnellen Schritten ging sie zum Fenster und starrte hinaus in das Schneegestöber.

Dralle Birkenwässer  
Die Rettung für  
Dein Haar!

# KRANK?

Dann lassen Sie sich

## homöopathisch

behandeln. — In dem

**Dispensario Homöopathico São Paulo**  
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Neben der homöopathischen Apotheke Dr. Wilmar Schwabe Ltda.)

### Deutsches Farbenhaus

Henrique Zuehlke & Cia.  
S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten **TEMPEROL-FABRIKATE**

(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)  
Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

### Adolpho E. Müller & Cia.

Flor. de Abreu 172 Caixa postal 712  
Telefon 4-2617

Generatoren für Gleich- und Wechselstrom — Elektromotoren für alle Zwecke — Ventilatoren — Werkzeugmaschinen — Hebezeuge — biegsame Wellen usw. — Zubehör für elektrische Kühlrichtungen.

Deutsche Schuhmacherei  
Rua Sta. Ephigenie 225

Ausführung aller ins Fachschlagenden Arbeiten

**Hermann Radelsberger**  
(früher Heinrich Lutz)

### João Knapp

Klempnerei, Installation.

Regist. Rep. de Aguas und Esg. — Rua Mon. Paffa-laqua 6. Telefon 7-2211.

### Jorge Dammann

Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen. R. Pitanga 193, Tel. 4-2320

### Josef Güls

Erstklassige Schneiderei. — Mäßige Preise. — Rua Dom José de Barros 266, Jobr., São Paulo. Telefon 4-4725

# GLÜCK UND ERFOLG IM NEUEN JAHR

mit

## Olympia

Olympia Machinas de Escrever Ltda.  
São Paulo Rio de Janeiro  
Praça da Sé 43. Rua Theophilo Ottoni, 86

es fun? ... Du könntest ihn heute noch treffen."

Erschrocken blickte Katharina zu ihm auf. Ihre Augen weiteten sich: „Heute —?“

Tapfer fuhr Hunsinger fort: „Ja, warum nicht heute? Du wolltest doch auf den Ball im Adelsklub kommen. Ich habe durchgesetzt, dass man dort ein Ballett und einen Walzer von ihm spielt. Vielleicht gelingt es mir, ihn hinzuschleppen ... Vielleicht, wenn ich ihm sage, dass du da bist.“

„Das darfst du nicht!“ fuhr Katharina auf. „Und auf den Ball kann ich ja sowieso nicht kommen. Hast du vergessen, dass mein Mann verreist ist? Ohne Michael kann ich nicht gehen. Nein, nein — es ist unmöglich, Maxim! Denk doch, wenn er erfahren würde, dass ich Peter dort getroffen habe. Er weiss ja alles ... von früher —“

Aber der Alte liess nicht locker. Zu sehr hatte er sich schon in seinen Plan verliebt. Eifrig redete er Katharina zu: „Du kannst doch mit mir auf den Ball gehen. Michael Iwanowitsch wird bestimmt nichts dagegen haben, wenn ich dich begleite. Er gönnt dir doch jedes Vergnügen ... Und wie sollte er erfahren, dass du mit Peter gesprochen hast? ... Es ist ja ein Maskenball. Man kennt dich noch nicht in Moskau. Ehe es zwölf ist, bringe ich dich wieder heim.“

„Ich habe Angst!“ gestand Katharina zaghaft.

„Vor Michael Iwanowitsch? Aber Katja...!“

Sie schlug die grossen blauen Augen voll zu ihm auf und sagte behend: „Nicht nur vor ihm ... Vor allem ...“ Und leise wiederholte sie noch einmal: „Ich fürchte mich, Maxim.“

Hunsinger wusste nichts darauf zu erwidern. Eine beklemmende Stille und Spannung breitete sich im Zimmer aus.

Wieder stand Katharina unruhig auf und trat ans Fenster. Eine Weile blickte sie stumm in den verschneiten Park hinunter. Sie kämpfte mit sich, rang um einen Entschluss. Ihre Gedanken kreisten um Peter. So viel Bitterkeit und Leid auch zwischen ihnen stand: sie vermochte nicht ohne Herzklopfen an ihn zu denken. Ganz tief in ihrem Innern wusste sie, dass sie ihn noch immer liebte — dass sie nie einen anderen lieben würde. Sie bemühte sich ehrlich, ihrem Mann eine gute Frau zu sein, ihm das Glück zu schenken, das er von ihr erwartete. Sie wusste, wie sehr er sie liebte. — Auch sie war ihm zugetan. Aber — das war keine Liebe. Immer blieb eine letzte Fremdheit zwischen ihnen. Und ... sie fürchtete sich ein wenig vor ihm. Immer. Seltsam, wie wenig sie eigentlich von ihm wusste ... Peter kannte sie ganz genau, in all seinen Regungen. Offen lag seine Seele vor ihr. Aber von Michael wusste sie nicht einmal recht, ob er eigentlich ein guter oder ein böser Mensch war. Er ist so undurchdringlich, dachte sie. Oder hatte sie sich vielleicht doch nicht genug Mühe gegeben, ihn zu verstehen? Sie war ihm dankbar, ja, weil er sie und die Ihren dem Elend entrissen hatte, weil er ihr alles gab, was das Leben angenehm und schön machte. Damals, als sie trotzig und verbittert nach einer schrecklichen Szene mit Tschairowsky aus Petersburg geflohen war, hatte sie gedacht, Glanz und Reichtum würden genügen, ihr über alles hinwegzuhelfen. Sie war froh gewesen, dass sie endlich die Kraft gefunden hatte, von Peter wegzugehen. Nicht nur, weil er ihr und sich selber durch seine ewigen Zweifel und seine Eifersucht das Leben so furchtbar schwer machte, sondern auch, weil sie beide so arm waren ... so schrecklich arm. Er hatte sie heiraten wollen, aber sie wäre ja nur eine Last gewesen für ihn ...

Sie war nach jener Szene nach Hause gefahren, und hatte ein noch viel schlimmeres Elend vorgefunden. Der Vater war krank und konnte kaum das Nötigste erwerben, um Frau und Kinder vor dem nackten Hunger zu bewahren. Die ganze Last ruhte auf den zarten Schultern der Mutter. Katharina war auf tiefste Erschütterung gewesen. Sie hatte nicht gewusst, dass es so schlimm stand zu Hause. Man hatte es ihr in den spärlichen Briefen

verschwiegen, weil sie ja ohnehin nicht helfen konnte.

Und dann lernte sie Michael Iwanowitsch Murakin kennen. Er warb um sie. Und sie opferte sich, wie Hunsinger vorher gesagt hatte. Opferte sich für die Ihren. Ihr Vater war so glücklich gewesen, als Michael Iwanowitsch, der reiche Gutsherr, der Millionär, sich um Katharina bewarb ... Sie hatte seinen Bitten und dem herzzerreissenden Flehen seiner Augen nicht widerstehen können. „Ich bin krank, Katja, mein Töchterchen,“ hatte er gesagt, „lebe wahrscheinlich nicht mehr lange. ... Und was soll dann aus ihnen werden — aus deiner Mutter und den Kindern? Rette sie ... heirate ihn! Gott wird dich segnen ...“

So gab sie denn Michael ihr Jawort ... Es war schliesslich egal, wen sie heiratete, wenn es mit Peter und ihr doch nichts werden konnte. Warum also nicht einen reichen Mann? ... So hatte sie sich bemüht, zu vergessen und Frieden zu finden.

Und nun kam dieser Hunsinger und forderte von ihr, dass sie all dies selber zerstöre ...

Mit hellem Klang schlug die kleine Uhr auf dem Kaminsims sechsmal.

Es hatte zu schneien aufgehört. Klar und kalt glitzerten die ersten Sterne am Himmel. „Es geht nicht um sterbliches Glück!“ schienen sie zu sagen.

Lange blickte Katharina zu ihnen auf. — Langsam zog tiefe, trauervolle Ruhe in sie ein. So mochte es denn sein ... das Schicksal wollte es ... Und tief aufatmend wandte sie sich zu Hunsinger zurück, der sie wortlos beobachtet hatte und jetzt zu ihr trat.

chem Plauderton: „Also, wie ist's, Maxim, willst du warten, bis ich mich umgekleidet habe, und fahren wir dann zusammen in die Stadt, oder soll ich eine Troika für dich anspannen lassen?“

Hunsinger war unsäglich erleichtert, dass Katharina sich wiedergefunden hatte. Fröhlich antwortete er: „Lass anspannen, Kindchen, lass anspannen! Ich muss mich ja auch vorher noch umziehen ... Das wird lange dauern heute, weil ich mit dir ausgehen werde — ein so schönes Bild braucht einen einigermaßen würdigen Rahmen!“

Katharina lächelte. „Gut“, stimmte sie zu. „Ich hole dich dann ab.“

Er betrachtete sie mit zärtlichen Augen und sagte galant: „Direkt stolz bin ich, dass ich mit einer so schönen und eleganten Frau ausgehen darf.“

„Ach, Hunsinger“, erwiderte Katharina mit einem bitteren Lächeln, „ich fürchte, du hast ganz und gar keinen Grund, stolz auf mich zu sein. Ich bin sehr kleinmütig.“

Ohne eine Entgegnung abzuwarten, ging sie zur Tür und klingelte.

Dem eintretenden Diener befahl sie: „Lass eine Troika für den Herrn Professor anspannen, Pjotr. Grischa kann fahren.“

Der Diener wollte sich mit einer Verbeugung zurückziehen, aber Katharina bedeutete ihm mit einer Handbewegung, zu bleiben: „Warte ...! Ist Pawel da?“

„Er ist da, gnädige Frau!“

„Gut, dann sag ihm, er solle auch für mich einen Schlitten bereithalten ... Ich fahre um neun Uhr in die Stadt.“

## Schenken macht Freude Richtig schenken ist eine Kunst

Besichtigen Sie das Lager der **Metallurgica Sirius** in der **Rua Seminario 139/43, Tel. 4-1197**

Sie finden dort **das passende Geschenk** für Ihre Lieben  
Prospekte werden gern zugesandt

vor. Hunsinger kletterte hinein und hüllte sich in die Pelzdecke. Noch einmal winkte er Katharina zu. Dann zogen die Pferde an.

Gedankenvoll, von widerstrebenden Empfindungen zerrissen, blickte Katharina dem Schlitten nach. Ob sie das Rechte tat ...? Gleichviel. Sie hatte ihr Versprechen gegeben und sie würde es halten.

Und während sie sich ins Haus zurückwandte, wurden alle ihre Zweifel und Bedenken von dem einen Gefühl überflutet: Du wirst Peter wiedersehen! Heute noch — in wenigen Stunden ...

Fiebrig eilte sie in ihr Schlafzimmer und klingelte stürmisch der Zofe.

„Lisaweta! Leg mir ein Ballkleid heraus — das schönste, das ich habe!“ rief sie selbstvergessen. „Und vergiss nicht die Maske — die aus Spitzen ... Ich nehme den Mantel mit dem Hermelin ... Was siehst du mich so dünn an? Kann ich nicht auf einen Ball gehen?“

„Natürlich, gnädige Frau“, stotterte das Mädchen. „Ich dachte nur ... Sie kennen doch niemanden in Moskau ... Und der gnädige Herr ist in Petersburg ... Wollen Sie denn allein —“

„Was fragst du so blöd? Ich gehe mit dem Herrn Professor. Es ist ein Maskenfest im Adelsklub.“

Jetzt erwachte Lisaweta aus ihrer Benommenheit. Sie hing mit grosser Liebe an Katharina und war ihr treu ergeben. Und Katharina mochte seit dem ersten Tage ihrer Ehe niemand anderen um sich haben als dies frische, gesunde Mädel.

„Das ist sehr richtig“, äusserte sich Lisaweta befriedigt, „dass Sie wieder einmal ausgehen, gnädige Frau. Hoffentlich werden Sie sich tüchtig amüsieren, tanzten, lustig sein ... Sie kommen eigentlich viel zu wenig heraus, sind so ernst ... Und der Herr ist immer so beschäftigt.“ Doch als habe sie mit dieser Aeusserung sich schon zu viel erlaubt, fügte sie schnell hinzu: „Aber es ist doch schade, dass er nicht dabei sein kann, nicht wahr? ... So ist es doch nicht das Rechte.“

... Nicht das Rechte! Katharina zuckte leise zusammen. Tonlos sagte sie: „Nein, es ist nicht das Rechte ...“ Sie wandte sich ab und ging in ihr Boudoir hinüber. „In einer halben Stunde bringst du mir eine Kleinigkeit zu essen. Jetzt möchte ich noch ein wenig ruhen. Niemand soll mich stören.“

Behutsam schloss Lisaweta die Tür hinter ihr. Aufstehend liess Katharina sich in die weichen Seidenpolster des Ruhebettes gleiten. Warm und still war es in dem kleinen Raum. Nur das Feuer im Kamin knisterte leise. Katharina schloss die Augen.

### II.

Hunsinger erkletterte schnaufend die schmale, schmutzige Treppe zu Tschairowskys Behausung. Sie bestand aus einem ärmlichen Zimmer, das Tschairowsky bewohnte, einem kleinen Vorraum, der zugleich das Schlafgemach für Peters alten Diener Stepan bildete, und einer noch kleineren finsternen Küche.

Nun stand er vor Peters Tür. Auf das Schleppern der Glocke erschien Stepan in



„Also gut, Maxim — ich komme.“ Ihre Stimme klang heiser, wie geborsten.

Besorgt blickte Hunsinger sie an. Zweifel wollten ihn überkommen. War es nicht doch zuviel, was er von ihr forderte? Aber er dachte an Tschairowsky. Und mit tiefem, liebevollem Ernst sagte er: „Ich weiss, dass ich dir wehtun musste, Katja ... aber nur du allein kannst ihm noch helfen!“

Katharina antwortete nicht. Ein Augenblick der Schwäche überkam sie, und überwältigt schloss sie die Augen. Tief schatteten die langen, dichten Wimpern auf ihren bleichen Wangen.

Dann straffte sie sich. In den vier Jahren ihrer Ehe mit Murakin hatte sie gelernt, Selbstbeherrschung zu üben ... Wieder ganz grosse Dame, wandte sie sich lebenswürdig zu Hunsinger und fragte in alltägli-

Zum zweitenmal an diesem Nachmittag wunderte sich Pjotr sehr. Was, die gnädige Frau will so spät noch nach Moskau fahren, wo doch der Herr verreist ist? Er streifte seine Herrin mit einem neugierigen Blick, ehe er hinausging, um die erhaltenen Befehle auszuführen.

Während der Schlitten angespannt wurde, verabschiedete Hunsinger sich von Katharina.

Sie begleitete ihn hinaus in die prachtvolle Halle. Bevor Pjotr die Tür öffnete, legte Hunsinger Katharina sorglich einen Pelz über die Schultern. Sie schauerte zusammen, als die kalte Winterluft durch die geöffnete Tür drang. Hunsinger beschwor sie, ins warme Zimmer zurückzukehren, aber sie schüttelte wortlos den Kopf. Tief atmete sie die klare, reine Luft ein.

Mit lustigem Geklingel fuhr die Troika

## Die São Paulo-Filiale des Banco Allemao Transatlantico

wünscht ihren zahlreichen  
Freunden und Kunden ein

# Glückliches Neues Jahr!

## Der preußische Pfiff / Anekdote von Willi Sehse

Es wird erzählt, dass Friedrich der Grosse in Potsdam öfter, in einen alten Soldatenmantel gehüllt, die Wirtshäuser besuchte, um dort unerkannt seinen Soldaten auf die Finger zu sehen. Dabei geriet er einmal in die Gesellschaft eines Grenadiers, der schon eifrig dem Wein zugesprochen hatte und auch ihn zum Mittrinken lud.

Der König liess sich nicht nötigen und tat dem Grenadier, dessen munteres Wesen ihm gefiel, herzlich Bescheid. Da ihm jedoch der Soldat etwas zuviel auszugeben schien, fragte er ihn vertraulich, wie er denn zu dem Gelde komme; denn der Sold reiche doch unmöglich für solche Zechen. Der Grenadier zwinkerte mit den Augen und lachte: „Da muss man eben den preussischen Pfiff kennen, Kamerad.“ sagte er.

„Den preussischen Pfiff?“, fragte Friedrich verwundert zurück. „Was meinst du denn damit?“

Aber der Soldat strich sich über den Schnauzbar und wollte nicht mit der Sprache heraus. Erst als der König versprochen hatte, dass er ihn nicht verraten würde, neigte er sein rotes, von Narben durchzogenes Gesicht an das Ohr des vermeintlichen Soldaten.

„Es ist ja jetzt Frieden“, sagte er, „und da verkaufe ich das, was ich nicht mehr gebrauche. Siehst du,“ fuhr er fort, „wozu brauche ich jetzt eine stählerne Säbelklinge?“

Damit zog er seinen Säbel aus der Scheide und zeigte dem verdutzten König, dass die Waffe unterhalb des Griffes nur aus einem Holzstiel bestand.

Friedrich merkte sich den Soldaten und zog am nächsten Tag über ihn Erkundungen ein. Was er erfuhr, lautete nicht schlecht. Der Grenadier war wohl als loser Vogel bekannt; aber im Feld hatte er sich mit Ehren geschlagen und seinen Mann gestanden, wenn es Ernst wurde. Diese Auskunft bewahrte ihn nun vor Schimpf und Schande. Doch beschloss der König, ihm immerhin eine derbe Lehre zu geben.

Die Gelegenheit dazu ergab sich bald. Kurze Zeit darauf trat nämlich das Regiment, in dem der Grenadier diente, vor dem König zur Parade an. Friedrich ritt die Front ab, bis sein scharfer Blick den Soldaten mit dem preussischen Pfiff entdeckt hatte. Er winkte ihm mit seinem Nebenmann zu sich heran und befahl ihm kurzerhand, seinen Säbel zu ziehen und sich mit seinem Kameraden auf blanke Waffe zu schlagen.

Der Grenadier stutzte einen Augenblick. Dann schien er zu begreifen, fasste den König etwas unsicher ins Auge und erwiderte: „Majestät, warum sollte ich das wohl tun? Es ist mein bester Kamerad, und er hat mir nichts zuleide getan.“

„Kerl“, schrie der König, und seine Augen begannen zu blitzen, „meint Er, ich gebe meine Orders aus Laune und denke mir nichts dabei? Will Er wohl ziehen, wenn ich befehle? Er muss jederzeit für seinen König

mit dem Säbel bereitstehen.“

Da legte der Grenadier die Hand an den Griff seines Säbels, blickte zum Himmel und rief: „Nun denn, Majestät, wenn es nicht anders sein kann, möge mich Gott davor bewahren, dass ich das Blut meines Kameraden vergiesse, und geben, dass meine Säbelklinge auf der Stelle zu Holz wird!“

Und siehe da, als er nun die Waffe aus der Scheide riss, war sie aus Holz.

„Pötzblitz“, sagte Friedrich, indem er lachend mit dem Krückstock drohte. „Er versteht wirklich den preussischen Pfiff und weiss sich zu helfen. Aber man darf den Pfiff auch nicht missbrauchen, versteht Er?“

Und sich zu ihm hinunterbeugend, setzte er leise hinzu: „Was passiert ist, ist passiert und bleibt unter uns. Macht Er mir aber noch einmal solche Sitten, soll ein Donnerwetter dreinfahren.“

Damit hob er noch einmal den Krückstock empor, warf dem Nebenmann des Grenadiers, der ihn verständnislos anstarrte, einen Friedrichsdor zu und ritt wieder zu seinem Gefolge hinüber. Der Grenadier aber trat wieder ins Glied und hat später den preussischen Pfiff immer nur dann angewandt, wenn es in der Ordnung war.

## Um Friedrich den Großen

Friedrich der Grosse erhielt einen gereimten Glückwunsch zum Jahreswechsel. Er liess sich den Absender kommen, der beglückt über den Erfolg eine Belohnung erwartete.

„Hat er die Verse selbst gemacht?“ fragte ihn der König.

Es war dem Gratulanten unmöglich, unter dem scharfen Blick der blauen Augen des Königs zu lügen, so stotterte er:

„Verzeihung, Majestät, nein.“

„Sein Glück! So kann er ungekränkt nach Hause gehen — ich brauche ihn nicht ins Tollhaus stecken zu lassen.“

Ein Breslauer Kaufmann hatte sich im Namen seiner Freunde beklagt, dass das sehr tüchtige Handelshaus „Kuh“ den Breslauer Handelsherren allen Verdienst wegschnappe, ihnen „das Brot nähme“.

Friedrich antwortete: „Nur erbärmliche Ochsen lassen sich von einer Kuh das Futter nehmen.“

Friedrich des Grossen Einstellung zur Bevölkerungsfrage bekundet folgender Satz an d'Argens, der bekanntlich Kammerherr und Freund des Königs war, ausserdem Direktor der Berliner Akademie und Verfasser mehrerer Schriften:

„Ich finde jeden Gelehrten sehr vernünftig, der an die Bevölkerungsfrage denkt. Es ist besser, ein Kind, als ein schlechtes Buch zu machen.“

Russenhemd und Stiefeln und öffnete ihm. Stepan war schon bei Tschaikowskys Vater bedienstet gewesen, und er hätte sich lieber in Stücke reissen lassen, als Peter zu verlassen. Er folgte seinem Herrn überallhin, ertrug klaglos Armut und Entbehrungen mit ihm, und obwohl er kaum jemals Lohn erhielt, verstand er es wie ein Zauherkünstler, immer wieder wenigstens das Nötigste zum Leben herbeizuschaffen. Und was das Wichtigste war: Wie eine Löwenmutter ihr Junges, verteidigte er Peter vor seinen Gläubigern und ähnlichen zudringlichen Leuten. Es war völlig unmöglich, ihn aus der Ruhe zu bringen. Selbstverständlich trank er — Gott allein wusste, welche geheimnisvolle Quelle seine Wodkaflasche speiste. Aber er war deswegen keineswegs ein Säufer. Bevor er die Flasche an die Lippen setzte, pflegte er sich zu bekreuzigen, ebenso, wenn sein Blick auf das Ikonenbild fiel.

Ein breites Lächeln verklärte sein härtiges Muschikgesicht, als er Hunsinger erblickte, den er sehr verehrte.

„Jawohl, Herr Professor, der gnädige Herr ist zu Hause“, versicherte er auf Hunsingers Frage. „Bitte nur einzutreten!“ Weit riss er die Tür zum Wohnzimmer auf und verkündete: „Der Herr Professor ist da!“

Tschaikowsky erhob sich von dem Wachtischsofa, auf dem er gelegen hatte. Sein Gesicht war bleich, ein bitterer, müder Zug lag um seine Lippen. Mit mattem Lächeln schüttelte er die Hand des Professors. „Willst dich wohl überzeugen, ob ich nicht ausgekniffen bin vor dem Ball?“ meinte er. „Vielleicht tu ich's auch noch. Mir ist nicht nach Festlichkeiten zumute. Wenn ich an all diese aufgeputzten Weiber denke... hrrr! Und überhaupt die vielen Menschen...“ Er schüttelte sich beim blossen Gedanken daran, denn er litt an einer beinahe krankhaften Menschen-scheu, die ihn jedesmal Folterqualen erdulden liess, wenn er sich in einer grösseren Gesellschaft bewegen musste.

Hunsinger schüttelte bekümmert den Kopf. „Du darfst dich nicht so abschliessen, Peter! Du musst unter Menschen gehen, damit man dich kennenlernt.“

„Was braucht man mich kennenzulernen! Meine Musik sollten sie kennenlernen.“

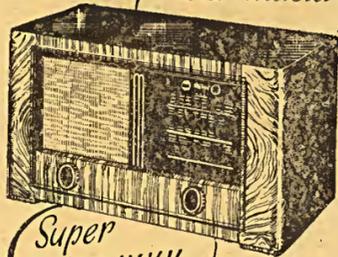
„Nun, man wird ja das Ballett und den Walzer spielen, dort auf dem Ball“, sagte Hunsinger.

„Den Walzer —!“ Tschaikowsky lachte auf. Aber als er Hunsingers vorwurfsvolles,

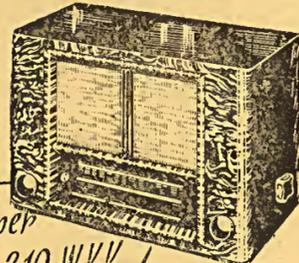
gekränktes Gesicht sah, fügte er hinzu: „Sei nicht böse Maxim. Ich bin ja nicht undank-

haupt spielen. Aber sag' selbst: Was ist das schon?“

Die neuen Modelle  
für 1940  
MENDE  
Der Meister des Wohlklangs



Super  
240 WKK



Super  
310 WKK



KEPPLER & STEGER  
CASA MENDE

SÃO PAULO, Largo Paysandú, 110-101a  
Caixa Postal 1886 - Phone 4-7690

bar. Kann mir schon denken, was für Mühe es dich gekostet hat, dass sie die Sachen über-

„Immerhin ein Anfang“, brummte Hunsinger... Dann sagte er hoffnungsvoll: „Bist

du mit der Sinfonie weitergekommen? Arbeitest du?“

„Wozu denn? Für wen sollte ich arbeiten? Es hat ja doch keinen Sinn.“ Er zündete sich eine Zigarette an und wanderte erregt in dem kahlen Raum auf und ab, der nur durch eine über dem Tisch hängende Petroleumlampe erhellt wurde. Schliesslich blieb er vor Hunsinger stehen. „Und sag' doch selbst — wie kann ich arbeiten, wenn ich jeden Tag eine Horde Idioten unterrichten muss?“

Die Lage eines Berufsmusikers war alles andere als rosig im damaligen Russland, sie unterschied sich kaum von der eines besseren Bedienten. Musik war ein Zeitvertreib der vornehmen Gesellschaft... Man führte italienische Opern auf, aber die russischen Komponisten, denen es unter unsäglichen Kämpfen gelungen war, sich einen Namen zu machen, konnte man an einer Hand abzählen. Als Tschaikowsky sich mit dreundzwanzig Jahren entschloss, die juristische Laufbahn aufzugeben und — unbemittelt wie er war — Komponist zu werden, war dies ein Schritt, dessen Kühnheit heute kaum noch zu ermessen ist. Und wie oft war er versucht gewesen, alles hinzuwerfen und wieder Beamter zu werden. Sein Lehrer Hunsinger war es gewesen, der ihn immer wieder ermutigt hatte, auf dem eingeschlagenen Wege weiterzugehen. Sein Glauben an das Genie Tschaikowskys war unerschütterlich. Und dann kam Katharina...

Hunsinger schrak aus seinen Gedanken auf. Peters Stimme schlug an sein Ohr.

Mit einer gewaltsamen Lustigkeit sagte Tschaikowsky: „Na, sei nicht betrübt, Alter, ich werde hinkommen zu deinem Ball. Stepan hat mir sogar einen Frack besorgt.“ Er deutete auf einen Stuhl, über dem besagter Frack hing.

Nachdem Hunsinger diese Zusicherung erhalten hatte, verabschiedete er sich erleichtert von Tschaikowsky: „Das ist gescheit, Petja. Und pass auf — es wird schön werden. Sollst sehen, wie den Leuten dein Walzer gefällt.“ Schliesslich ist es kein x-beliebiger Walzer.“

Tschaikowsky lächelte etwas wehmütig und gerührt. Der gute, alte Hunsinger... Was für Mühe er sich gab! Nein, man durfte nicht undankbar sein.

(Fortsetzung folgt.)

# Jahreswende — Schicksalswende

Geschichtliche Ereignisse, die ihre Zeit zu Silvester überraschten / Von Karl Alexander Prutz

Wenn man in der Geschichte forscht, erscheint es seltsam, dass oftmals in die Zeit der Jahreswende die Schicksalswende einer Volksgemeinschaft oder eines Staates fällt. Darum möchten wir einmal in diesen Tagen da das alte Jahr dem neuen die Hand reicht, aufzeigen, welche grösseren Ereignisse im Laufe der Jahrhunderte sich begeben und welche schicksalsschweren Folgen sie gehabt haben.

An den Beginn müssen wir einen Mann stellen, der dem letzten Tage im Jahr seinen Namen gegeben, Silvester, den Heiligen, der am 31. Dezember 335 zu Rom, dessen Bischof er seit 314 gewesen, die Augen schloss. Er war es, der die weltliche Macht des römischen Episkopats und damit des Papsttums geschaffen, denn als Kaiser Konstantin seine Residenz von Rom nach Byzanz — fortan Konstantinopel genannt — verlegte, bekam Silvester freie Hand in Italien und masste sich dessen Herrschaft an. Als weltliche Herrscher mussten fast alle seine Nachfolger mit anderen Mächten in Streit geraten. So sehen wir nun durch das ganze Mittelalter hindurch bis tief in das vergangene Jahrhundert hinein den Kampf um die Macht in Rom, dem wirklichen oder vermeintlichen Mittelpunkt der Welt, entbrennen. Ob dieser Kampf nun endgültig beigelegt, muss dahingestellt bleiben. Jedenfalls ist es ein unseliges Erbe gewesen, das der vor 1000 Jahren verstorbene Silvester den Völkern Europas hinterliess.

Von jeher hatten die Bewohner der drei Schweizer Urkantone — Schwyz, Uri, Unterwalden — ihre Vorrechte und Freiheiten behauptet. Rudolf von Habsburg und Adolf von Nassau bestätigten sie ihnen ausdrücklich, doch Albrecht I. gerieten sie in Bedrängnis, denn dieser Kaiser wollte das freie Schweizervolk als fromme Bauern unter die Ritterschaft zwingen. Zum Glück gab es in den drei Waldstätten begüterte, einflussreiche Familien, die nicht zur Ritterschaft gehörten. Im November 1307 vereinigten sich drei der angesehensten Männer der Urkantone, Walter Fürst von Uri, Werner Stauffacher von Schwyz und Arnold von Halden aus dem Meletal, mit je zehn Landleuten auf der Bergwiese Rütli und verabredeten den Plan, Kaiser Albrechts Landvögte, darunter Hermann Gessler zu Brunneck, zu vertreiben. Ihnen schlossen sich viele edle Geschlechter des Landes an, und so wurde dann am Neujahrstag 1308 die Burg Rotberg in Unterwalden sowie Sarnen eingenommen.

Die Flammen der zerstörten Zwingschlösser verkündeten den ersten Tag der neugeborenen Freiheit, ihr blutroter Schein bildete einen feierlichen Hintergrund zu dem Schwur der Eidgenossenschaft, zur Verteidigung der Verfassung Gut und Blut einzusetzen. Der Neujahrstag 1308 wurde damit eine Schicksalswende für unser Volkstum. Ein grosser Teil des alemannischen Stammes führte fortan ein Eigenleben. Damit gingen unserem Vaterlande die Quellen des Rheins verloren.

Auch die Mündung dieser grossen deutschen Lebensader blieb nicht unter der Herrschaft des Reichs, auch sie gehört nicht zu unserem Vaterlande, und das Schicksal, das hier gewaltet, nahm zu Beginn des Jahres 1477 seinen Lauf.

Durch kluge Heiraten und sichere Politik ihrer Fürsten waren im Laufe des 15. Jahrhunderts Grafschaft und Herzogtum Burgund zu einem mächtvollen Staate vereinigt worden. So bestand Karls des Kühnen Reich aus den burgundischen Ländern, dem Herzogtum Luxemburg und dem heutigen Belgien und Holland. Solche Macht musste einen derart hochmütigen Herrscher wie Karl den Kühnen zu Eroberungen aufstacheln. Hierdurch verfeindete sich Karl mit Deutschland und Frankreich, die sich gegen ihn verbündeten. „Bei Granson verlor er sein Gut, bei Murten den Mut und bei Nancy sein Blut“, sagte das Volk damals. Nancy zum Jahresbeginn 1477 war die Katastrophe, Karl wurde geschlagen, auf der Flucht brach er durch eine Eisdecke und ertrank.

Als Erbin hinterliess er seine Tochter Maria, Maximilian — der letzte Ritter —, Kaiser Friedrichs Sohn — und sie hatten längst aneinander Gefallen gefunden. Doch hatte der Vater Karl stets sein Jawort verweigert. Nun reichte Maria ihre Hand dem ritterlichen Maximilian, und damit fiel, nach Habsburgs bewährtem Motto „Tu felix Austria nibe“, das neuburgundische Reich mit der Rheinmündung an das Kaiserhaus.

Maximilians Sohn, Philipp der Schöne, Regent der Niederlande, ist der Vater Karls V. und der Grossvater Philipps II., unter dem der Niederländische Freiheitskrieg ausbrach mit dem Ergebnis, dass sich die Niederlande vom Reich absplitterten.

Wir schreiben das Jahr 1492. Sein Neujahrstag wurde zur Schicksalswende für Spanien. Die sich bisher befühenden Länder Kastilien und Aragonien waren endlich durch die verständige Heirat ihrer Herrscher — Ferdinand und Isabella — vereinigt, und damit war der Grund zu dem späteren Weltreich gelegt worden. Doch immer noch befand sich das südliche Spanien in der Gewalt der Araber. Sie zu vertreiben war das Ziel der spanischen Politik. Zehn Jahre Kampf waren erforderlich, bis am 1. Januar 1492 der letzte maurische Herrscher Ali Abdallah die reiche und prächtige Stadt Granada den Siegern übergab. So sahen die Mauren den bezaubernden Königspalast in die Gewalt der „Ungläubigen“ fallen.

Im gleichen Jahr wurde Amerika entdeckt und bald darauf der Seeweg nach Ostindien

gefunden. Es muss dahingestellt bleiben, ob mit der Flankenbedrohung aus Granada den Spaniern die Eroberung der „Neuen Welt“ möglich geworden.

Rund ein Vierteljahrtausend später sollte wieder ein Jahresende zur Schicksalswende werden. Im Dezember 1740 hat der junge Preussenkönig im stürmischen Vordringen das reiche Schlesiensland erobert. Als das neue Jahr heraufzieht, besetzt er die ehrwürdige Stadt Breslau, die von altem Ruhme zehrt. Um die Stimmung der Bürger kennenzulernen, hatte Friedrich den Rat Morgenstern, seines Vaters Spassmacher im Tabakkollegium, in die Stadt geschickt. Die Breslauer waren dem Preussenkönig günstig gesonnen, ja sie sangen sogar am Silvester das Lied: „Lasst ihn hineinkommen, / Ei, er ist ja schon hinein...“

Friedrich hatte bereits die vor dem Sandtore liegende und die Stadt beherrschende Domininsel durch einen Handstreich überrumpelt. Zwar war es leicht zu erobern gewesen, das Schlesiensland, der Eckpfeiler für Preussens Macht und Grösse, doch wurde es dem Grossen König von seinen Feinden schwer genug gemacht, die Beute zu halten. Um die Jahreswende 1761—62 befand er sich in trostlosester Lage. Sein kleines Land war durch den langen Krieg ausgesogen, die Blüte der Armee dahingerafft, Laudon mit 75.000 Mann in Schlesien eingedrungen und der russische Marschall Butterlin mit 60.000 Mann in Anmarsch. Jetzt vermied zum ersten Male Friedrich die Schlacht und kroch hinter die Palisaden von Bunzelwitz. Sein letzter Rückhalt — Schweidnitz — war am 1. Oktober durch einen kühnen Handstreich in Laudons Gewalt gefallen, und zum ersten Male war es Friedrichs Feinden gelungen, in preussischen Provinzen Winterquartier zu nehmen. Schon betrachtete Maria Theresia Schlesien wieder als ihr unentzerrbares Eigentum, da rettete den König aus jener Lage „das Etwas, das dort oben ist und das aller Weisheit der Menschen spottet“, wie er in einem Brief an d'Argens schrieb. Dann zu Beginn des Jahres 1762 tat seine unversöhnlichste Feindin, Kaiserin Elisabeth von Russland, „den schrecklichsten aller Schritte von einem glänzenden Throne in den Sarg“, und ihr Neffe Peter kam als der Dritte dieses Namens an die Regierung. Da er ein begeisterter Bewunderer des Grossen Friedrich gewesen, rief er sofort die russischen Truppen ab, ja, er ging sogar ein Bündnis mit Friedrich ein. Preussens und mit ihm Deutschlands Schicksal war gewendet.

„Sammelt euch in frohen Kreisen, Singt's dem Kinde, sagt's dem Greise: Max ist König, es ist Fried' —“

So schalte es am 11. Januar 1806 in München in aller Munde, als der Landesherold, begleitet von der prachtvoll uniformierten Bürgerkavallerie, durch die Strassen sprengte und unter Pauken- und Trompetenschall verkündete, dass der Kurfürst Max Joseph die Königskrone aufgesetzt hätte.

Wiederum war ein Neujahrstag eines Landes und Volkes Schicksalswende geworden. Diesmal für das südliche Deutschland, denn auch in Württemberg erfolgte gleichzeitig die Ausrufung des Königreichs. Hier wie dort hatten die Fürsten durch dem Korse geleistete Kriegsdienste, die sie auf sich nehmen mussten, im Pressburger Frieden Königskrone, Souveränität und Landgewinn erhalten. Aus dem einstimmigen Herzogtum Bayern war das stättliche, dreimal grössere, Altbayern, Franken Schwaben und die Pfalz umfassende Königreich geworden. Auch Württembergs König Friedrich I. konnte sich mit Recht „Mehrer“ seines Reiches nennen.

In beiden Residenzen kümmerte sich das Volk nicht weiter um die historischen Hintergründe, sondern jubelte dem Aufstieg seines Herrscherhauses begeistert zu. Blicken wir jedoch auf Grossdeutschland, so ist ihm jener Neujahrstag, an dem die süddeutschen Staaten Königreiche von Napoleons Gnaden wurden, eine Schicksalswende. Die ohnehin schon recht müde deutsche Einheit ging nun vollends in die Brüche, und da der Rheinbund Franz II. zum Fürsten ohne Land machte legte er im Laufe des Jahres 1806 die Kaiserkrone nieder. Das „Erste Reich“, das 1000 Jahre so mächtig und stark gewesen, war damit zerfallen. Napoleon und Frankreich beherrschten die „Alte Welt“.

Doch wie gar schnell sollte sich das Blatt wenden! Wiederum ist ein Jahreswechsel herangekommen. 1812—13. Ungeheures geschicht. General York führte das 20.000 Mann starke Hilfskorps, das Preussen dem Kaiser Napoleon für seinen russischen Feldzug hatte stellen müssen. York war dem französischen Marschall Macdonald unterstellt, und dieser beging nun den Fehler, den Rückzug gegen den Njemen anzuordnen und die Preussen gegen die vordringenden Russen allein stellen zu lassen. Hierdurch kamen beide Truppen in Berührung, und York schloss zum Jahresende 1812 mit den Russen die bekannte „Konvention zu Tauroggen“. Seine Offiziere jubelten. Doch er sagte: „Ihr habt gut reden, ihr jungen Leute, aber mir Alten wackelt der Kopf auf den Schultern.“ Am 1. Januar schrieb er seinem König: „Jetzt oder nie...!“

Der Eindruck dieser Vorekschen Tat ging wie ein Erdbeben durch Deutschland und Europa. Nur war der Eindruck verschiedener Art. Als Friedrich Wilhelm III. die Nachricht erhielt, rief er aus:

„Da möchte einem ja der Schlag treffen!“ Um die Wende, ein Jahr später, stehen die Preussen und mit ihnen Deutsche und

Russen am Rhein. Napoleon tobte in der Pariser Kammer: „Ich allein bin der wahre Vertreter des Volkes. Der Thron ist ein Stück Holz mit Sammet überzogen. Es kommt darauf an, wer ihn innehat, das bin ich, und ich allein bin imstande, Frankreich zu retten...“

Zu gleicher Zeit bewahrt man auf deutscher Seite über den zum Einmarsch in Frankreich bestimmten Tag strenges Stillschweigen. Im Kreise seiner Offiziere prüft Blücher den guten Rheinwein von 1811, mischt sich in die Reihen jugendlicher Tänzer und Tänzerinnen, fordert am Spießtisch das Glück heraus — und trifft in aller Stille die Vorbereitungen zum Uebergang über den Rhein. Mit bewusster Absicht hatte man die Neujahrnacht hierzu bestimmt, gewissermassen um anzudeuten, dass die Jahreswende zur Schicksalswende für unser Volk werden sollte. Sie wurde es auch.

Der 1. Januar 1848 lässt uns aufhören. In Deutschland ist von Unruhen noch nichts zu merken, um so mehr in Italien. Dort brachen an jenem Tage die unter der Decke schwelenden Feuer des „Jungen Italiens“, der Carbonari, der Freischaren Garibaldi und anderer Geheimbünde aus, die alle den nationalen Zusammenschluss ihres Volkes erstrebten. Damals schlug die Geburtsstunde des heutigen römischen Imperiums.

Dreizehn Jahre später griff das Schicksal wiederum für unser Land ein. In den ersten Stunden des Jahres 1861 entschummerte nach langem Leiden der geist- und gemütreiche, doch romantisch unklare König Friedrich Wilhelm IV. von Preussen und machte damit den Weg frei für den Gründer des „Zweiten Reichs“ und für dessen Paladine Bismarck, Moltke Roon. Sie sind es gewesen, die jene Macht meisterten, die ebenfalls an einer Jahreswende zur Schicksalswende wurde und zwei Jahrzehnte unsere Welt in Atem hielt.

Kurz vor der Jahreswende 1851—52 war der dritte Napoleon durch seinen Staatsstreich zum Präsidenten der französischen Republik emporgehoben worden. Silvester feierte er im Kreise einer illustren Gesellschaft. Seine Nachbarin war die schöne Gräfin Montijo, die in Begleitung ihrer Mutter erschien.

## Silvester rund um den Erdball / Von Kurt Hornauer

Rund ist die Erde — und sie dreht sich...

Fern im Orient 44 Grad südlicher Breite und 175 Grad westlicher Länge, liegt die vom Stillen Ozean umspülte Chatham-Inselgruppe. Eines dieser noch fast 700 Kilometer von Neuseeland entfernten Eilande nennt man die „Neujahrinsel“. Hier wird zuerst Silvester auf Erden gefeiert — zwölf Stunden vor unserer Zeit!

Wenn man bei uns am Altjahrsabend die Punschbowle aufträgt wenn die Knallbomben ausgeteilt werden und die Stimmung dem Höhepunkt zuwächst, steht die Hausfrau auf Wellington in Neuseeland längst am Küchenherd, um das Neujahrstagsessen herzurichten...

Und zur selben Begriffsminute, da Onkel Johann hier sein wohlgefülltes Grogglas auf ein glückhaftes 1940 auszusicht, spült in Sidney in Australien Mister Jonny Brown mit einem Whisky-Soda die erste Tablette gegen seinen Silvesterkater durch die trockene Kehle...

Der modern-unsolide Bengale (Indien) hat jetzt, am frühen Neujahrsmorgen, gerade genug vom Silvesterfeiern, gleichzeitig leuchten bei uns „bengalische Freudenfeuer“ zu des neuen Jahres Ehr' und Willkomm' auf...

Bei uns also ist es soweit: Neujahr!... 1940!

Vielleicht — so wir keinen allzu grossen Punschtaucher haben — schreiben wir schon

## Sage von der Ewigkeit

Ich lehne an einem alten Baum,  
Denk an die Zeit, schau in den Raum,  
Mir geht die Frage durch den Sinn:  
Wo komm ich her, wo geh ich hin?  
Es geht eine Sage: im fernen Land  
Liegt ein Gebirge aus Diamant.  
Dorthin fliegt alle hundert Jahr  
Das Zaubervöglein Wunderbar.  
Es wetzt das Schnäblein am Gestein  
Zwei-, dreimal, lässt es wieder sein,  
Fliegt heimwärts, wo es früher war  
Und kehrt erst wieder nach hundert Jahr.  
So tut es fort, bis guterletzt  
Der ganze Berg ist fortgewetzt.  
Verronnen ist nach dieser Zeit  
Die erste Sekunde der Ewigkeit.  
Dies geht mir eben durch den Sinn,  
Auch ich eine Flocke im Meere bin,  
Die nächste Welle spült sie fort  
Und bleibt doch alles am selben Ort.

Franz Karl Ginskey

Nun ist es eine alte französische Sitte, dass in der Silvesternacht beim Schlag der zwölften Stunde der Herr seiner Tischdame einen Kuss geben darf. Der verliebte Präsident beugte sich vor, um sein Recht zu fordern, da gab die Mutter ihrer Tochter ein Zeichen, diese verstand die Mahnung und gestattete Napoleon nur einen Handkuss.

Am folgenden Mittag kehrte Napoleon von der Neujahrsparade der Truppen zurück und ritt am Palais der Gräfin vorüber. Die schöne Eugenie schaute vom Balkon herab.

„Wie gelange ich in Ihre Arme?“ flehte der Verliebte.

„Nur durch die Kapelle,“ gab Eugenie zur Antwort und wies den Weg. In der Tat führte er durch eine im Erdgeschoss liegende kleine Kapelle.

Ein Jahr später, um die Jahreswende, wurde Napoleon III. Kaiser der Franzosen und Eugenie seine Gemahlin. Damit begann das Drama, das ganz Europa erschüttern sollte.

den ersten Brief unter dem 1. Januar 1940. Jenseits des Atlantis aber, in der „Neuen Welt“ ist noch der alte Dezember des alten Jahres 1939!... Wenn 's jetzt mit der Stratosphärenblitzflugpost schon weit genug wäre, käme unser Brief aus „Old Germany“ von „diesem Jahr“ noch im „vorigen Jahr“ in Amerika an. Das ist durchaus nicht paradox, es klingt nur so: In Punkte Silvester nämlich ist der sonst so überaus geschwinde Amerikaner bis zu zehn Stunden hinter uns zurück — daran gibt's nichts zu rütteln!

Sogar sich selbst machen die Yankees in dieser Hinsicht Konkurrenz: Der Ostländer stiefelt dem Mann aus dem „goldenen“ Westen um gute drei Stunden voraus. Mithin ist's gar leicht möglich, dass in Frisco (San Francisco) am 31. Dezember 1939 eine niedliche Mary das Licht der Welt erblickt, während in Newyork „zur gleichen Zeit“ am 1. Januar 1940 gegen zwei Uhr morgens, ein kleiner Bobby zum ersten Male nach der elektrischen Glühbirne blinzelt. Marys Geburtsurkunde wird unterm 31. 12. 1939 ausgefertigt, Bobbys daggen unterm 1. 1. 1940 — und doch sind Mary und Bobby „gleich alt“! Oder etwa nicht?

Ueber solche und ähnliche schwierige Dinge denke man nur mal am Altjahrsabend, so nach dem achten, neunten Punsch ein bisschen nach....

Tjaja, rund ist die Erde, und sie dreht sich — besonders zu Silvester!



Allen unseren Kunden und Freunden wünschen wir ein glückliches Neues Jahr!

31. Dezember 1939

Schädlich, Obert & Cia.

# Auslandsverkehr - trotz Krieg

Die Umstellung der Deutschen Reichsbahn / Von Verkehrsminister Dr. Ing. e. h. Dormüller

Mancher Kritiker mag in den letzten August- und in den ersten Septembertagen angenommen haben, dass die deutsche Reichsbahn die Anforderungen, die die politische Lage an sie stellte, nicht würde bewältigen können, und dass mindestens der gesamte Güter- und Personenverkehr mit dem Auslande sofort restlos gestoppt werden müsste. Tatsächlich erforderten die Bedürfnisse der Wehrmacht vorübergehend eine Einschränkung im Güter- und Personenverkehr zur Freimachung der Strecken, aber der Leistungsfähigkeit der Reichsbahn gelang es dennoch, ihren Betrieb soweit aufrecht zu erhalten, dass an keiner Stelle des Reichsbahnnetzes der Verkehr eingestellt werden musste. So konnte auch trotz aller zeitweiligen Einschränkungen der Reiseverkehr mit den neutralen Ländern, wie Italien, der Schweiz, Belgien, Jugoslawien, Ungarn und den nordischen Staaten, weitergeführt werden.

Der Personen- und Güterverkehr erfuhr keinerlei Unterbrechungen, wenn wir von kleinen Unbequemlichkeiten absehen, die durch den Wegfall einzelner Personenzüge entstanden sind. Überall dort, wo die Anschlüsse infolge der Fahrplanänderungen verloren gegangen waren, wurden die Lücken schnellstens durch neueingelegte Verbindungszüge geschlossen.

In der Zwischenzeit ist nun bereits wieder eine Normalisierung im Eisenverkehr eingetreten. Die Reisenden werden auch weiterhin nach dem neutralen Ausland direkt abgefertigt, und wie in Friedenszeiten werden Fahrkarten und Fahrscheine ausgegeben. Die für eine kurze Zeit vermisste Annehmlichkeit des Schlaf- und Speisewagens ist ebenfalls wieder eingeführt worden. In allen Hauptverbindungen verkehren schon wieder viele Tag- und Nachtzüge, mit ihren üblichen Schlaf- und Speisewagen, so dass zurzeit etwa 50 Speisewagenläufe und 30 Schlafwagenläufe ständig im Betrieb sind. Darunter befinden sich die 4 Läufe der Internationalen Schlafwagengesellschaft nach Athen, Istanbul, Venedig und Rom, die nur knapp 14 Tage ausgesetzt hatten, und deren Betrieb seitdem wieder regelmässig im Gange ist.

Dass die Deutsche Reichsbahn ihre grosse Belastungsprobe vollaus bestand hat, mögen noch folgende Einzelheiten beweisen: Es war trotz der veränderten Verhältnisse möglich, auch in den Tagen höchster militärischer Inanspruchnahme, Sonderzüge für bestimmte Reisezwecke zu stellen. So liefen Anfang September z. B. zwei Sonderzüge nach der Schweiz, die schweizer Wehrpflichtige in ihre Heimat zurückbeförderten. Ebenfalls wurde eine grosse Anzahl von Sonderzügen für ausländische Kinder, die in Deutschland zur Erholung weilten, zur Verfügung gestellt.

Ebensowenig wie der Reiseverkehr erlitt der Güterverkehr mit dem neutralen Ausland grössere Unterbrechungen. Da die deutsche Produktion durch den Krieg keinen Augenblick zum Stillstand kam, musste und sollte auch der Eisenbahngüterverkehr in grossem Umfange ununterbrochen weiterlaufen. Wenn im Inland die Durchführung aller lebenswichtigen Transporte, insbesondere der Nahrungsmittelzufuhr, ohne jede Schwierigkeit möglich war, dann musste und konnte auch der Güterverkehr mit dem neutralen Auslande durchgeführt werden.

Anfängliche Schwierigkeiten in den Trajektverbindungen über die Ostsee wurden damals sofort durch Umleitung über Padborg überwunden. Heute sind diese Schwierigkeiten bereits vollkommen verschwunden und der Verkehr mit Schweden, Dänemark und Norwegen kann wie üblich über die Eisenbahnfähren Sassnitz-Trälleborg und Warnemünde-Gjedser sowie über die trockene Grenze durchgeführt werden. Dieser Güterverkehr spielt für die nordischen Staaten deshalb eine besondere Rolle, da er nicht nur eine Bedeutung für den Gütertausch zwischen diesen Ländern und Deutschland hat, sondern weil er auch als deutscher Durchgangverkehr für die Handelsbeziehungen zwischen Skandinavien und den neutralen Staaten im Süden und Südosten Europas eine wichtige Rolle spielt. Dieser Güterverkehr, der in den letzten Jahren beträchtlich angewachsen ist, machte es notwendig, dass neben den beiden Eisenbahnfähren auch der Schienenstrang nach Dänemark viel stärker als bisher herangezogen werden musste.

Aber nicht nur im Verkehr mit den nordischen Staaten, sondern auch mit Italien und den Balkanländern ist ein ständiges Anwachsen des Verkehrs zu verzeichnen. Während einerseits die deutsche Kohlenausfuhr stark zunahm, fiel andererseits die saisonmässig bedingte Einfuhr von Trauben und anderen Produkten aus dem Balkan, gerade in den ersten Kriegswochen. Die vergangenen Wochen haben aber gezeigt, dass die Deutsche Reichsbahn alle an sie gestellten Anforderungen erfüllen kann, und wir freuen uns, dass der Wechselverkehr mit dem neutralen Auslande in mancher Beziehung sogar auf eine bisher nicht gekannte Höhe angestiegen ist. Uebrigens kann ich als ein nicht zu übersehendes Kennzeichen für die Stärke des deutschen Wirtschaftslebens erwähnen, dass die Bestände an Lokomotivkohlen, über die die Reichsbahn in ihren Lagern verfügt, heute trotz aller Betriebsanstrengungen erheblich grösser sind als am 1. September 1939.

Es ist selbstverständlich, dass auch auf dem Gebiet des Wagentransports alle Massnahmen getroffen sind, die eine reibungslose Güterbeförderung gewährleisten. Die internationalen wagentransportlichen Vereinbarungen haben grundsätzlich unverändert ihre Gültigkeit behalten. Gelegentliche Anfangsschwierigkeiten

im Wagentransport, die nicht nur durch Sondertransporte in Deutschland, sondern ebenso in den neutralen Staaten hervorgerufen waren, wurden rasch überwunden. Die Furcht einiger ausländischer Bahnverwaltungen, die deutsche Reichsbahn würde im Kriegsfall vielleicht fremde Eisenbahnwagen neutraler Staaten zurückhalten oder sogar für eigene Zwecke verwenden, war vollkommen unbegründet und ist heute bereits gegenstandslos geworden.

Die Reichsbahnleitung hat den neutralen Bahnverwaltungen damals die verbindliche Erklärung abgegeben, dass die Reichsbahn durch Standgelderhöhung für schnellste Entladung der Wagen sorgen, und dass sie die fremden Wagen unverzüglich, und zwar nach Möglichkeit beladen zurücksenden werde. Es ist ganz selbstverständlich, dass die Deutsche Reichsbahn fremde Wagen in keinem Falle entgegen den internationalen Wagenabkommen, benutzt. So vollzieht sich die Durchfuhr leerer und beladener Wagen über das deutsche Eisenbahnnetz frei und unbehindert nach allen neutralen Staaten.

Ein wesentlicher Faktor des zwischenstaatlichen Verkehrs war bisher die deutsche Seeschifffahrt, deren Betätigungsfeld leider durch den Krieg erheblich eingeschränkt worden ist. Da aber der weitaus grösste Teil der deutschen Handelsschiffe sich in den Heimathäfen befindet, so konnte eine grosse Anzahl von Schiffen die für die Ostsee geeignet sind, in die Ostseeflotte eingefügt werden. Dadurch ist es nicht nur ohne alle Schwierigkeit möglich, den bisherigen Warenverkehr mit den neutralen nordischen Staaten aufrecht zu erhalten, sondern darüber hinaus können zusätzlich Verkehrsleistungen erzielt werden, um auf diese Weise diesen Staaten zu helfen, Versorgungslücken, die infolge einer Beschränkung ihrer Verbindung mit England entstanden sind, auszufüllen.

Die Binnenschifffahrt der neutralen Rheinländerstaaten und Belgiens stockte am Anfang des polnischen Krieges für kurze Zeit. Inzwischen hat die deutsche Reichsregierung den Regierungen Hollands und Belgiens erklärt, dass sie nicht beabsichtige, die Freizügigkeit der Fahrzeuge dieser Staaten, die sich ins Reichsgebiet begeben, zu stören. So ist der Binnenschiffsverkehr heute nahezu als normal zu bezeichnen. Gewisse Schwierigkeiten, die hier und da noch auftreten, werden in Kürze sicherlich auch behoben sein.

Die deutschen Donau-Schiffahrtsgesellschaften haben in den vergangenen Wochen be-

wiesen, dass auch sie in der Lage sind, allen Verkehrsanforderungen, die an sie gestellt werden, gerecht zu werden. Sie tragen dazu bei, die Lebensbedürfnisse der Donaustaaten zu sichern.

Das Ziel der deutschen Verkehrspolitik bleibt die Normalisierung des gesamten Verkehrs, besonders die Sicherung des internationalen Güterverkehrs und des Zubringerdienstes zu den Seehäfen. Die Erfahrungen der letzten Wochen berechtigen mich zu der Erklärung, dass die Deutschen Reichsbahn auf Grund ihrer Organisation und ihrer Leistungen imstande sind, alle an sie gestellten Forderungen zu erfüllen.

## Dr. Ing. e. h. Julius Dormüller

Reichsverkehrsminister Dr. Ing. Dormüller wurde als Sohn eines Eisenbahningenieurs am 24. Juli 1869 in Elberfeld geboren. Er studierte Ingenieur-Baufach und begann im Jahre 1893 in Aachen als Regierungsbauführer des Eisenbahn- und Strassenbauwesens seine Laufbahn bei den Preussischen Staats-Eisenbahnen. Aus diesem Dienst wurde er im Jahre 1907 zur Uebernahme der technischen Leitung der Schantung-Eisenbahn-Gesellschaft in Tsingtau beurlaubt. Ein Jahr später trat er in den Dienst der chinesischen Staatsbahn Tientsin-Pukow über, um als Chefingenieur den Bau des Nordabschnittes dieser Bahn und späterhin ihren Betrieb zu leiten. Als China 1917 in den Weltkrieg eintrat, wurde er aus dem chinesischen Staatsdienst entlassen; der drohenden Internierung entzog er sich durch die Flucht. Anfang 1918 gelangte er unter schwierigen Verhältnissen als Flüchtling durch die Mandchurei, Sibirien und Russland nach Deutschland zurück und war bei Kriegsende im Feldeisenbahndienst tätig. Seit dem 1. April 1919 wirkte Dormüller wiederum in leitender Stellung bei der Deutschen Reichsbahn nacheinander in Essen und Opladen, und im Jahre 1926 wurde er Generaldirektor der Deutschen Reichsbahn. Am 2. Dezember 1937 wurde Dr. Ing. Dormüller nach der Rückkehr der Reichsbahn als Reichsbesitzer zum Reichsverkehrsminister und damit zum Leiter des gesamten deutschen Verkehrswesens ernannt.

Dormüllers Name ist untrennbar verknüpft mit dem Wiederaufbau des deutschen Verkehrswesens nach dem technischen und organisatorischen Zusammenbruch des Jahres 1919 und der Erlangung des heutigen hohen Standes des deutschen Verkehrswesens.



Der Führer empfängt in der Reichskanzlei eine Abordnung der Reichsbahnleitung. — Unser Bild zeigt von links nach rechts den Reichsleiter Bouhler, den Führer, den Leiter der Deutschen Arbeitsfront, Dr. Ley, Reichsverkehrsminister Dr. Dormüller und Staatssekretär W. Kleinmann.

## Aus dem Weltkrieg nichts gelernt

Das grosszügige Friedensangebot, das der Frontkämpfer Adolf Hitler nach der Niederschlagung Polens an die Westmächte gerichtet hatte, um der Welt die Opfer eines in seinen Folgen nicht auszuwendenden Krieges zwischen den grossen Völkern Europas zu ersparen, ist statt auf Einsicht und Verständnis auf Ueberheblichkeit, Unverständnis und kurzsichtige Ablehnung gestossen und hat bei den Regierungen Englands und Frankreichs kein Echo gefunden. Die Verblendung bei den Staatsmännern der westeuropäischen Mächte war so gross, dass sie um des vergeblichen Versuches willen, das Rad der Geschichte rückwärts zu drehen, nicht davor zurückschreckten, wieder einmal grundlos die Blüte der Jugend ihrer Völker in den Tod auf dem Schlachtfelde zu schicken.

Sollten die Lehren des Weltkrieges, die heute noch nicht einmal ein Menschenalter zurückliegen, wirklich bereits vergessen sein? Schlagen wir noch einmal das grosse Buch des Krieges von 1914 bis 1918 auf! Es hat noch nie geschadet, aus gemachten Erfahrungen zu lernen, und es hat wohl die Frage allgemeines Interesse, ob sich denn nun die-

ser Weltkrieg wirklich für die sogenannten Siegermächte gelohnt hat. Wie also war für die Westmächte die Bilanz des Weltkrieges?

Sieben Millionen Kämpfer sandte England einschliesslich seiner Dominions und Kolonien während des Weltkrieges an die Front. Nach eigenen Angaben der britischen Botschaft in Berlin büsstes davon 1,089,919, das sind 15,5 Prozent der Kämpfer ihr Leben ein, während 2,400,988 oder 35 vH. Soldaten verwundet wurden und weitere rund 200,000 in Gefangenschaft gerieten oder vermisst wurden. Weniger als die Hälfte der ausgezogenen jungen Männer kehrte also nur unbeschädigt in die Heimat zurück.

Frankreichs Verluste waren, wie es stets bei englischen Verbündeten ist, naturgemäss noch weit höher: von 9 Millionen Kämpfern fielen 1,900,000 oder 21,1 vH. und wurden 4,340,000 oder 54 vH. verwundet. Die Zahl der französischen Kriegsgefangenen belief sich auf 458,000 oder 5 vH. der Kämpfer. Die Gesamtverluste Frankreichs überschreiten also drei Viertel der Heeresstärke im Weltkrieg, ein erschütternder Beweis, wie sehr sich unser westlicher Nachbar im Krie-

ge verblutet hat. Dabei ist zu beachten, dass nach Schätzung von Sachverständigen, rund 25 Prozent der Verwundeten aus Schwerverletzten bestehen, von denen wiederum mindestens ein Fünftel noch in Lazaretten seinen Verwundungen erlag, so dass sich im Endergebnis die Ziffern der Toten Englands und Frankreichs noch entsprechend erhöhen.

Für Frankreich kommen zu dieser Millionenzahl der unmittelbaren Kriegsverluste hinzu die durch den Krieg herbeigeführten Schäden durch die Zerstörung der natürlichen Reichtümer des Landes, seiner Aecker, Wälder und Bodenschätze. Dabei sind nach eigenem Urteil französischer Gelehrter alle diese Kriegsschäden noch nicht einmal das Schlimmste. Der französische Universitätsprofessor Gaston Jéze von der Rechtsfakultät der Pariser Universität hat in einer gründlichen Untersuchung über Frankreichs Kriegsausgaben keinen Zweifel daran gelassen: „Die schwersten Kriegsfolgen (für Frankreich) liegen auf dem sozialen und moralischen Gebiet. Sie sind die indirekten Kriegsverluste. Es kann versichert werden, dass diese sozialen und geistigen Folgen des Weltkrieges viel unheilvoller sind als die finanziellen Kosten, die materielle Zerstörung französischen Landes und die verscherten wirtschaftlichen Kriegsgewinne.“

Zu diesen sozialen und moralischen Kriegsfolgen rechnet Professor Jéze das Aufwachen der brutalen und egoistischen Urinstinkte in zahlreichen Kriegsteilnehmern und die Unlust, wieder zu geregelter Arbeit zurückzukehren, die Verarmung weiter Schichten der Bevölkerung, die Ausbreitung der Unmoral und das Abgleiten ungefestigter Elemente vom geraden Wege, das Kriegsgewinnlertum und den durch Kriegshetze genährten Hass auf den Kriegsfeind. „Jeder Versuch“ — fährt der französische Wissenschaftler fort — „die indirekten Kriegsverluste, die Frankreich durch diese menschlichen Entartungserscheinungen erlitten hat, zahlenmässig darzustellen, würde phantastische Ziffern ergeben. Aber diese Tatsache selbst bleibt nichtsdestoweniger bestehen!“

Die Deutschen pflegen Kräfte und Einbusen volksgemeinschaftlicher Lebensgestaltung nicht nach der Höhe geldlicher Aufwendung zu bemessen, brauchen aber nur die Erinnerung an die Geistesverfassung wachzurufen, in der sich Frankreich nach dem Ende des Weltkrieges befand, um deutlich zu sehen, dass Professor Jéze keineswegs übertrieben hat. In blindem Siegestaumel bildete sich damals das französische Volk ein, dass die „Sieger“ nicht mehr zu arbeiten brauchten. Der Wahn, dass der Deutsche „alles bezahlen“ würde, verführte die Franzosen zur völligen Brachlegung ihres Arbeitslebens. Man feierte, man politisierte. Die Rentnerinstinkte des kleinen Mannes überschlugen sich. Selbst die Aecker blieben grossenteils unbestellt, zumal die ländlichen Arbeitskräfte durch die grossen Blutverluste des Krieges knapp und kaum zu bezahlen waren. Namentlich in Südfrankreich verödeten in der Nachkriegszeit ganze Dörfer, da die Bauern mit Sack und Pack in die Stadt zogen, wo sie ein leichteres Leben führen konnten. Bis dann eines Tages das fürchterliche Erwachen kam und man merken musste, dass die deutschen Reparationsleistungen die ganze französische Industrie brotlos und kaputt gemacht hatten, und dass die verlassenen Landstriche keine Ernte mehr gaben.

Und England, das ausgezogen war, um die ihm bedrohlich erscheinende Wirtschaftskraft des aufstrebenden Deutschlands zu vernichten, musste seine wirtschaftliche Welt Herrschaft nach dem Kriege mit den Vereinigten Staaten von Nordamerika und Japan teilen, die es verstanden hatten, einen grossen Teil des Welthandels an sich zu ziehen, während England durch andere Aufgaben beansprucht wurde. Darüber hinaus entstanden in zahlreichen überseeischen Staaten, die bis dahin von England beliefert worden waren, eigene Industrien, so dass den europäischen Exportländern auf diese Weise viele weitere Absatzmärkte verloren gingen.

Die Ausschaltung Deutschlands als Kunde brachte auch die Währungen der Siegermächte in Unordnung. Die von Deutschland erpressten Reparationszahlungen blieben nicht im Lande sondern mussten als Rückzahlung auf die während des Weltkrieges von den Vereinigten Staaten genommenen Anleihen und Kriegslieferungen weitergegeben werden. Trotzdem hatte auch die Bevölkerung Englands und Frankreichs durch hohe Steueropfer dazu beigetragen, dass die Kriegsausgaben der Entente — die nach Aufstellungen amerikanischer Staats- und Finanzstellen eine Höhe von 169,980 Millionen Dollar erreichten (!) — gedeckt werden konnten; von einer Vermehrung des englischen oder französischen Volkseinkommens durch den Weltkrieg konnte also keine Rede sein.

Freilich teilten sich die Westmächte nach dem Versailler Diktat den Löwenanteil an den deutschen Kolonien. Aber auch dieses Gewinnes sind die — ohnehin bereits länderreichen — Sieger nicht froh geworden, konnten sie doch schon ihre bisherigen überseeischen Besitzungen nur zum Teil erschliessen und auswerten. Nicht von ungefähr wurden in den letzten Jahren in England immer wieder Stimmen laut, die davon sprachen, dass die von Deutschland erbeuteten Kolonien für das britische Imperium ohne nennenswerten Nutzen seien.

Weder England noch Frankreich sind also trotz ihres „Sieges“ gestärkt aus dem Weltkrieg hervorgegangen. Was also wollen sie in dem neuen, mit den sehr viel ungünstigeren Vorzeichen von ihnen begonnenen Kriege gewinnen? Wer sich die ungeheuerliche Bilanz des Weltkrieges klar und nüchtern vor Augen hält, der weiss dass die von den Regierungen der Westmächte getriebene Katastrophpolitik für ihre Völker unheilvoll ausgehen muss. (ADP-Dienst)

# Heimfahrt nach Deutschland quer durch Sibirien

Rußland im Fluge erlebt — Blick auf Moskau und Leningrad — Meine Reverenz beim Verlassen des Landes / Von W. Eberhard v. Medem

Heimfahrt in das Vaterland, das im Kampf auf Leben und Tod um die Freiheit des Volkes steht!

Viele Reisen habe ich schon gemacht durch die Welt. Diese war anders. Man konnte nicht mehr ruhig aus dem Fenster des fahrenden Zuges heraussehen, um die Schönheiten der Landschaft eines fremden Landes in sich aufzunehmen, sie den Volksgenossen daheim zu schildern. Das rhythmische Rattern der viele Tausende Kilometer Schienen hinter sich werfenden Eisenbahnräder, Tag und Nacht, Nacht und Tag nun über zwei Wochen, zwang unaufhörlich zu dem einen einzigen Gedanken: Heimat! In die Geborgenheit der eigenen Volksgemeinschaft, in die Geborgenheit auch der Zweisamkeit von Mensch zu Mensch heimzukehren, drängte das Herz nun, wo die Fahne des Krieges über Deutschland wehte, um irgendeinen Platz zu finden, wo man durch eigenen Einsatz mithelfen könnte, diese Geborgenheit gegen feindlichen Angriff, gegen den Verrat Englands am Frieden, zu schützen.

In der Spätnachmittagssonne offenbarte sich noch einmal das Wunder der felsigen, buchtenreichen Ostküste Japans. In die lieblichen Täler schmeigten sich die Dörfer. Auch deren Söhne standen draussen im Kriege für ihr Vaterland. Auf einem Bahnhofs lief ein Verwundetentransport ein. Feierlich standen zu seinem Empfang Frauen- und Jugendorganisationen mit ihren Bannern und verneigten sich tief vor den Helden des Krieges. Auch in Deutschland fahren nun diese Lazarettzüge, auch das deutsche Volk verneigt sich wieder vor seinen Soldaten, die ihr Blut für das Vaterland hingaben, dachte ich.

Die Stunde der Abenddämmerung kam, die besinnliche Stunde, wo das Auge in den Schatten der vorbeihuschenden Landschaft ferne Bilder der Heimat sucht, die ruhigste Stunde auf langen Eisenbahnreisen. Nun wurde sie Wochen hindurch zur ruhigsten. Zu langsam fuhr der Zug, als hänge das Leben von jeder Minute ab, die man später nach Deutschland kam.

## Korea in einem Tag

Am nächsten Morgen ging es von Schimonieski im Dampfer hinüber nach Korea. In der Nacht war man wieder im Zuge. Am nächsten Tage flog Korea vorüber, Erinnerung an die Reise der deutschen Pressedelegation wurde wach. Wie weit lag das nun alles zurück. Das Leben hatte ein anderes Gesicht. Das deutsche Volk stand im Kriege, Umständliche Zollkontrolle an der mandschurischen Grenze in Antung, der Koffer mit meinen Anzügen war nicht mitgekommen. Ich musste ohne ihn weiterfahren. Während des dreistündigen Aufenthalts in Hsinking hatte der deutsche Gesandte für die etwa durchreisenden Deutschen ein Beisammensein mit den dortigen Volksgenossen organisiert; auch hier war wieder dieses prachtvolle Zusammengehörigkeitsgefühl aller Deutschen. Der Hunger nach den neuesten Nachrichten wurde gestillt, immer stolzer klang der Heeresbericht über den deutschen Sieg in Polen. Dann ging es weiter. Einen Tag Aufenthalt in Harbin. Ich konnte vor der dortigen deutschen Gemeinde und den deutschen Kindern in der deutschen Schule sprechen. Es war eine packende Stunde.

In Harbin fanden sich fünf deutsche Männer, ein deutsches Professorenehepaar, das aus Amerika kam, und die Frau eines deutschen Diplomaten zusammen, die dann gemeinsam durch Sibirien weiterfahren. Ein herrlicher Apfelkuchen der Frau des deutschen Generalkonsuls in Harbin vereinte die bisher einander wildfremden Menschen von Anfang an zu einer Familie, die treu zusammenhielt.

## Flammender Herbstwald, brennende Steppe

In Manschouli hatten wir die sowjetrussische Grenze erreicht. Peinlich genau war die Zollrevision, aber wir Deutschen wurden doch irgendwie freundschaftlich betreut. Dann kamen die langen Tage durch Sibirien. Der Steppe folgten die Wälder Transbaikaliens. In flammendem Gelb leuchtete das Laub der Birken. Gewaltig dehnte sich der Baikalsee vor uns aus. Schön ist die unendliche Weite sind die Wälder und Flüsse Sibiriens. Und rechts und links sah man Kollektivwirtschaften, grosse Vorräte an Getreide und Heu. Dann wieder braunte weithin die Steppe die jetzt im Herbst auf diese Weise gedüngt wird für das kommende Frühjahr. Auf den einzelnen Stationen stand die Landbevölkerung herum, auch viel Militär. Die Soldaten waren gut angezogen, machten durchweg einen frischen Eindruck. Jede Minute des Aufenthalts auf diesen Stationen benutzten wir dazu, um uns auszulaufen, denn wochenlange Eisenbahnfahrt macht sonst schlapp und nervös. Es wurde inzwischen bitter kalt, Schnee lag schon auf den Tannenwäldern. Der Wagen war ungeheizt, und wir, aus den Tropen kommend, froren erbärmlich. Aber was bedeutete das schon. Ausserdem gab es Wodka. Die Verpflegung, besonders die russische Kohlsuppe, das Roggenbrot und der Kaviar im Speisewagen waren gut. Hin und wieder gab es im Zuge oder auf einer der Stationen eine kleine Anbiederungsszene, wenn wir als Deutsche erkannt waren. Keiner von uns konnte russisch lesen. Mit Begeisterung versuchten die Leute, uns klarzumachen, was sich inzwischen alles in Polen ereignet hat-

te. der Vormarsch der sowjetrussischen Truppen die Festlegung der Demarkationslinie. Man zeigte sie uns auf den Skizzen der Zeitungen, die übrigens auf der kleinsten Station in grosser Anzahl vorhanden waren und den Verkäufern aus der Hand gerissen wurden. Die Anteilnahme der Bevölkerung bei den Vorgängen in Polen war sichtlich gross.

Die zweigleisige Eisenbahn schien mit Güter- und Transportzügen ausserordentlich belegt. Rechts und links der Eisenbahn wurde viel gearbeitet, tauchten Industrieanlagen auf, Holzsägewerke, manchmal auch Flugplätze. Dass Sowjetrussland gerade an der Entwicklung Sibiriens arbeitet, war wohl zu spüren. Nach etwa einer Woche waren wir am Ural. Schnee lag schon auf den Bergen, und in dem noch immer ungeheizten Wagen wurde es noch kälter. Gerade in der Ural-Gegend gab es viel Industrie zu sehen, abzweigende Bahnen, reger Güterzugverkehr.

Dann liefen wir in einer Nacht in Moskau ein. Müdigkeit und Verirrenheit waren überwunden, als wir von einem Mitgliede der deutschen Botschaft erfuhren, dass der Reichsaussenminister v. Ribbentrop zum Abschluss von Verträgen weltgeschichtlicher Bedeutung eingetroffen sei. Nun standen wir mitten im grossen Geschehen. Am nächsten Tage musste die Weiterreise geregelt werden, denn die Strecken nach Estland und Lettland waren gesperrt. Es gab noch das finnische und schwedische Visum zu besorgen und kaum Zeit, einen Eindruck von Moskau selbst zu bekommen. Sowjetrussland ist sicherlich in manchen Dingen des bürgerlichen Bedarfs ein warenhungriger Markt, dem Deutschland durch den gerade an diesem Tage abgeschlossenen Handelsvertrag viel geben kann. Dagegen gab es Nahrungsmittel genug. Auch das kulturelle Leben bot in Moskau in den Theatern und Kinos Abwechslung. Das Professorenehepaar, das einige Museen besucht hatte, war begeistert von dem Gesehenen. Ich hatte in meiner freien Zeit im Zimmer des Kanzlers der Deutschen Botschaft die Nachrichtenblätter und Zeitungen der letzten 10 Tage durchgelesen und durchlebte nun in dieser Stunde so das gewaltige Geschehen des Polenfeldzuges, die Einnahme von Warschau, die Neuordnung Osteuropas.

In der Nacht fuhren wir dann im geheizten und sauberen Schlafwagen nach Leningrad. Man merkte der Stadt, die einmal den Glanz der Zarenkrone trug, und Stätte eines genussüchtigen Gesellschaftslebens einer Herrschicht war, die sich ihr Schicksal selbst herbeiführt hat, man merkt es Leningrad an, dass es nicht mehr Petersburg, Hauptstadt des grossen russischen Reiches ist. Was von der Vergangenheit an Bauten und Strassen übrig blieb, macht Leningrad auch heute noch schön. Monumental ist immer noch der Platz vor dem Winterpalais, das Admiraltätsgebäude am breiten Nevaström. Man kann nicht sagen, dass Leningrad tot sei. Die Menschen, die dort arbeiten, suchen auch vom Leben an Freude, was es zu bieten vermag.

Die Eremitage, eine der schönsten Gemäldesammlungen der Welt, war nicht nur gut gehalten und betreut, sondern auch voll von Menschen, die sich an den Schätzen erfreuten. Schulklassen wurden herumgeführt, Arbeiter und Arbeiterinnen disputierten vor einzelnen Bildern. Uebrigens waren auch die Erinnerungen an die zaristische Geschichte aus der Eremitage nicht entfernt.

## Gründlich, aber lebenswürdig . . .

Am Spätnachmittag fuhren wir weiter nach Finnland. Auf dem Bahnhof, wie auf allen russischen Bahnhöfen, war reges Leben. Die Züge sind stets überfüllt, in den Wartesälen drängen sich die Menschen. Man sah übrigens auch auf den Strassen wenig Polizei. Und es muss noch hervorgehoben werden, dass die Polizisten in Moskau wie in Leningrad, die ich mit einigen russischen Brocken etwas fragte, mit grosser Hilfsbereitschaft Auskunft gaben und sich verständlich zu machen versuchten.

An der sowjetrussisch-finnischen Grenze bei der Zollrevision hatte ich dann noch ein kleines, vielleicht bezeichnendes Erlebnis. Auch hier war die Zollrevision ausserordentlich scharf auf Drucksachen, Geld, vor allen Dingen Schmuck, den ein Fremder vielleicht hintenherum in Sowjetrussland aufkaufen könnte. Eine bildhübsche, schlanke Zollbeamtin zeichnete sich durch Sorgsamkeit der Kofferdurchsuchung aus. Sie tat es mit einem lebenswürdigen Lächeln. Aber auch der kleinste Gegenstand eines Kofferinhaltes ging durch ihre Hände. Ich hatte mich als Letzter aufgebaut. Aber ich hatte bei der Zollrevision schon in Mandschouli eine kleine Beobachtung gemacht. Als damals beim letzten Koffer der Beamte auf meine Uniform stiess, die ich während unseres Delegationsaufenthaltes in Japan tragen musste, hatte er nicht weiter untersucht. Da ich infolge des Klimawechsels von den Tropen nach Sibirien Fieber und wirklich nichts zu verzollen hatte, hoffte ich auf eine Abkürzung der Prozedur und öffnete als ersten den Koffer mit meiner Uniform, die oben auflag. Die sowjetrussische Zollbeamtin sah einen Augenblick auf den guten alten Uniformrock, an dem noch das Eisenerz Kreuz und der Baltenorden an der Brustseite aufgesteckt waren, machte eine lebenswürdige Verbeugung, schloss den Koffer und erlaubte mir nicht einmal, ihn und die anderen zu schliessen. Das besorgte sie selbst. Dann fragte sie mich, ob ich noch sowjetrussisches Geld bei mir hätte. Es waren noch einige Rubel. Dafür meinte sie lebenswürdig; konnte ich im Restaurationsraum noch Wodka, selbst Champagner, trinken. Und sie begleitete mich dann dort hin. Es war wirklich die netteste Form einer Achtungsbezeugung vor dem deutschen Uniformrock. Und solche kleinen Gesten sprechen manchmal eine noch eindringlichere Sprache als selbst die freundschaftlichsten Leitartikel einer Zeitung.



## Hier findest Du alles...

was Dich freut und interessiert: Das Schönste der Mode mit zuverlässiger Beratung (auch beim Selbstschneidern), hübsche Handarbeiten, spannende Romane und Novellen, das Neueste von Film, Theater und Sport, durchdachte Schönheitspflege, praktische Vorschläge und Rezepte für den Haushalt, auch guten Rat bei allen privaten Sorgen — ja: „Hella“ bringt alles, was Du Dir nur wünschen kannst!

„Hella“ — die Frauen-Illustrierte für alle Jungen u. Junggebliebenen - vierzehntägl. nur 30 Pf. (m. Schnittbg. 40 Pf.).

Beyer - der Verlag für die Frau - Leipzig - Berlin - Wien

die Geschütze wurden besser, als man statt Kugeln Langgeschosse verwendete, die den Luftwiderstand besser überwandten und durch die im gezogenen Lauf erhaltene Kreisbewegung genauer als bisher dem Ziel entgegenlogen.

Als der Schwabe Christian Schönbein herausgefunden hatte, dass Baumwolle, die man mit Salpetersäure tränkt, in getrocknetem Zustand viel rascher verbrennt, als Schwarzpulver, war der erste Schritt für unsere modernen Sprengstoffe und Treibmittel getan. Es war ein einheitlicher Stoff, die sogenannte Nitrozellulose, deren kleinste Bestandteile, die Moleküle — aus denen sie sich aufbaut wie ein Backsteinhaus aus einzelnen Ziegelsteinen —, unverhältnismässig „gross“ sind. Nun machte man die Erfahrung, dass dieser Stoff, wie alle modernen Treibmittel, die Eigenschaft hat, verschieden rasch zu verbrennen. Einmal, verhältnismässig gemächlich, brennt gewissermassen Molekül um Molekül ab. Das anderemal geht plötzlich eine ganze Reihe von Molekülen gleichzeitig hoch, es kommt zur sogenannten „Kettenreaktion“. Das rührt daher, dass das Molekül — das wiederum aus einzelnen Atomen zusammengesetzt ist, gewisse Stellen hat, die besonders empfindlich sind. An solchen Punkten setzt nun die Verbrennung zuerst ein, es platzt gewissermassen das Molekül, die Umsetzung geht nicht wie bei der normalen Verbrennung „Schritt für Schritt“ mit steigender Geschwindigkeit vor sich, sondern schlagartig werden ganze Atomgruppen frei, die sich auf die Nachbarmoleküle stürzen und diese ebenfalls zum Zerreißen bringen. Wie ein Blitz sich verästelt, so pflanzt sich diese Bewegung in Ketten nach allen Richtungen fort.

Je mehr ein Sprengstoff zu solchen Kettenreaktionen neigt, desto brisanter ist er. Diese Eigenschaft hat nun die moderne Chemie ausgenützt. Mit Kampfer und anderen Zusätzen lernte man diese Neigung zur Kettenreaktion zu dämpfen, man kann sie aber auch durch besondere Behandlung steigern. Eine sehr hohe Brisanzneigung bekommt man, wenn man Glycerin und Salpetersäure behandelt und diesem Sprengöl Schiessbaumwolle zufügt. Man hat dann die Sprenggelatine. Mischt man diese Sprenggelatine wiederum mit dem zuvor mit Salpetersäure behandelten und mit Kieselgur zu einem Pulver verarbeiteten Dynamit, so erhält man das „Gelatinedynamit“, einen Sprengstoff von allerhöchster Wirksamkeit. Ähnliche Erfolge kann man mit manchen Kohlenwasserstoffen erzielen, wenn man sie mit Salpetersäure in Verbindung bringt, d. h. „nitriert“. Ein Verwandter des Benzols, z. B. das Toluol, wird als Nitrotoluol zu einem Sprengmittel, das man gern für Torpedos verwendet, da es wasserunempfindlich ist. Dagegen kann man ein Geschütz nicht mit Dynamit oder Nitrotoluol laden; die plötzliche Reaktion würde das Rohr zerreißen. Hier bearbeitet man das Pulver so, dass seine einzelnen Bausteine, die Moleküle, nicht alle auf einen Schlag „platzen“, sondern dass die Verbrennung verhältnismässig „langsam“ einsetzt und immer, rascher wird, bis am Ende das Geschoss mit höchstmöglicher Wucht aus dem Lauf geschoben wird. Das Pulver heisst beim Schutz und Gewehr daher Treibmittel. Minen aber, bei denen der gesamte Inhalt auf einen Schlag „hochgeht“, Spreng-

Man kann von einem Feind nicht wissen, dass er selbst an die Sprengstoffe ein Streichholz hält, um in die Luft zu gehen. Mit einem Streichholz wäre aber die Explosion bei den modernen Sprengstoffen auch gar nicht zu erreichen, der Sprengstoff würde bei einem solchen Versuch harmlos abbrennen. Er muss schon stärker erschüttert werden, und das besorgt der Zünder, an der Granate z. B. das Knallquecksilber. Es erzeugt auf einen Stoss oder Schlag eine Vor-explosion. Hierbei wird plötzlich ein Druck von 27.400 Atmosphären erzeugt und so die Schuss- oder Sprengwirkung ausgelöst. Die modernen Sprengstoffe erzeugen pro Kilogramm ungefähr 1000 Liter Gas; beim Schwarzpulver musste man sich noch mit 290 Liter begnügen. Die Verbrennung geht mit einer Geschwindigkeit von 30.000 Stundenkilometern vor sich, man darf sich also nicht wundern, wenn es dabei nicht ganz ohne Geräusch abgeht!

# Temperament der Sprengstoffe

Ein Kilogramm Pulver liefert tausend Liter Gas

Ohne Pulver kann man nicht schiessen! So sehr sind wir gewohnt, das Pulver mit dem Begriff Schiessen in Verbindung zu bringen, dass wir gar nicht daran denken, es könne auch einmal Geschütze gegeben haben, die ohne Pulver auskommen mussten, einfach weil es noch keines gab. Wenn uns die Kinder auf der Strasse sehr rasch belehren, dass wir selbst einmal ohne Pulver, nämlich mit Pfeil und Bogen geschossen haben, so gibt es auf der Wartburg Holzgeschütze aus dem Mittelalter, die uns darüber aufklären, dass es auch in jener Zeit — auf die wir modernen Menschen eines technischen Zeitalters mitteleidig zurückblicken — Schusswaffen gab, mit denen nicht zu spassen war. Diese Holzgeschütze, mit denen auf ähnliche Weise wie bei der Armbrust mit Eisen beschlagene Lanzen usw. geschleudert wurden, wiesen noch bei dreihundert Meter Entfernung Treffsicherheit auf und die Geschosse durchschlugen metallene Schutzschilde.

Die drei Stoffe: Kohle, Salpeter und Schwefel führten dazu, dass der „Morgenstern“, Sense und Streitaxt, die einst den Kampf von Mann zu Mann entschieden, beiseitegelegt wurden. Schon um das Jahr 1250 wurde die Wirkung des aus den drei Substanzen

gemischten Pulvers von Zeitgenossen beschrieben, aber erst nach rund vierhundert Jahren, als man mit seiner Hilfe aus ungefügten Donnerbüchsen mit Erfolg eiserne Kugeln oder mit Brennstoff versehene Hohlgeschosse gegen Burg und Stadtwälle geschleudert hatte, erkannte man, worauf die Wirkung des seltsamen Pulvers beruht. Der flämische Arzt van Helmont entdeckte, dass es der beim Verbrennen des Pulvers entstehende Gasdruck ist, der die Geschosse aus dem Lauf treibt. An dem Rauch, der den Qualm und Pulverdampf selbst noch im Siebziger Krieg auf den Schlachtfeldern verursachte, vor allem der Schwefel schuld, dessen Mitwirkung man bei dem kohlschwarzen Pulver ständig zu verringern suchte. Auf den Salpeter konnte man nicht verzichten. Er lieferte nämlich beim Abbrennen den Sauerstoff, damit Kohle und Schwefel explosivartig verbrannten. Einen Nachteil hatte die Pulvermischung, sie entsicherte sich leicht. Entweder war dann zu viel Kohle, zu wenig Salpeter oder zu wenig Schwefel in der Zusammensetzung. Diesem Uebelstand wurde abgeholfen, als man um 1400 das Pulver zu kleinen Körnchen und später zu Würfeln presste. Ohne es zu ahnen, erhöhte man dadurch die Wirkung. Aber auch

## Ein gutes Neues Jahr

wünschen wir unseren Gästen und Gönnern

## „Ao Pinguim“

Bar und Restaurant und Taverne / Av. 5. João u. Rua Anhangabahu' 2



# Der Blitzkrieg in Polen

Don General der Artillerie 3. O. v. Mejsch

Das Oberkommando der Wehrmacht hat die Öffentlichkeit so weitgehend über den Feldzug in Polen unterrichtet, dass kein Bedürfnis vorliegt, darüber hinauszufragen. Die Nation wurde in die Lage gesetzt, den Siegeslauf unserer Armeen täglich mitzuerleben. Schliesslich hat ein zusammenfassender Bericht, vermittelt durch Presse und Rundfunk, einen klaren Ueberblick über die bewundernswerten Feldherrn- und Feldheeresleistungen gewährt, so dass sich vor jedem, der Anteil daran nehmen wollte, sowohl ein einprägsames Kartenbild auftrat, als auch ein gedanklicher Hintergrund aufhellte. Das ist ein gewaltiger Unterschied im Vergleich zum Weltkrieg 1914-18, in dem die Heimat von Extrablatt zu Extrablatt fieberte, bis schliesslich das Fieber in Vielen erkaltete und eine teilweise Teilnahmslosigkeit Platz griff, in der mancher Keim zu dem verhängnisvollen Verfall von 1918 steckte. Der tägliche Heeresbericht war kein hinreichend aufklärendes Gegengewicht gegen die tägliche Not. Um so schwerer war der niederziehende Stimmungsbalken des Mangels an täglichem Brot.

Heute liegen die Dinge ganz anders. Das deutsche Volk ist ohne Stimmungsrausch in den Krieg getreten. Fast schwunglos und zum Teil geradezu fassungslos gegenüber der Tatsache, dass die selbstverständliche Wiedergutmachung des Versailler Friedens unverständlicherweise nur auf dem blutigen Umwege eines Krieges erzielt werden konnte. Dem deutschen Volke erschien dieser Krieg vermeidbar, wenn nur ein winziges Minimum von gutem Willen zum Frieden als Uebergewicht über alle zum Kriege treibenden Faktoren in England vorhanden gewesen wäre. Aber eine geradezu lachhaft kleine Mehrheit der führenden Männer „siegte“, und Chamberlain, schon lange nur noch mit halbem Herzen allen Spannungsversuchen zugestimmt, versagte sich jedem ernsthaften Versuch, den chauvinistischen Taumel in Warschau zu zügeln.

Inzwischen ist dieser auf andere Weise gebändigt worden. Die nutzlosen Vorreden wurden durch ein blutiges Vorspiel abgelöst, überzeugender durch die Wucht der deutschen Waffen, als es die fragwürdige List des Wortes jemals sein kann. Selbst die schlagendsten Argumente reichen nun einmal in ihrer Wirkung nicht an die Schlagkraft scharfer militärischer Instrumente heran. Da die Einsicht der uns angreifenden Polen fehlte, blieb schliesslich nur der Einmarsch in Polen übrig, um die Stunde rechtzeitiger Abwehr nicht zu verfehlen.

Die dankenswerte Vermittlungsrolle des Duce gebot Zurückhaltung, solange noch die geringste Aussicht auf eine friedliche Lösung der scharfen Krise bestand. Gerade in diesen letzten Augusttagen ist aber dann Polen zu offenen Angriffshandlungen übergegangen. Sie haben ihm nichts genützt. Die polnische oberste Führung fühlte sich schon geschlagen, als sie die ganze gewaltige Umfangsbreite des deutschen Ungewitters von Ostpreussen bis zur Slowakei erkannte. Der grossprecherische Dünkel, der sich das rechte Odeur von Oberschlesien bis Pommern zum Ziele gesetzt hatte, schlug um in eine Art von „Grossprecherie der Angst“ (Clausewitz), in eine sauve qui peut nicht der teilweise tapferen Truppe, wohl aber der unfähigen Führung, die sich nun mit der etwas bescheidenen Aufgabe begnügen musste, das Heer der deutschen Umklammerung zu entziehen und ostwärts über die Weichsel zu retten.

Aber auch das misslang. Und zwar, obwohl die zahlenmässige Stärke des polnischen Heeres durchaus genügend hätte, um einen zähen Kampf um Zeitgewinn einzuteilen, obwohl der polnische Kriegsschauplatz recht viele Möglichkeiten zur definitiven Anklammerung an Abschnitte oder Hindernisse bietet und obwohl Rydz-Smigly über eine Truppe verfügte, die auch in operativ ungünstiger Lage bereit war, sich taktisch gut zu schlagen.

Es ist falsch, solchen Abwehrkampf für aussichtslos zu halten, weil der Pole ein paar Panzerwagen, motorisierte Verbände und Flugzeuge weniger besass als wir Deutsche. Auch die waffentechnisch unterlegene Verteidigung hat ihre Chancen, wie die deutsche Abwehr von 1917-18 nur allzu deutlich bewiesen hat, obwohl sie sich nicht in eigenem Lande befand wie der Pole. Aber der Feldherr muss eines tapferen Feldheeres würdig sein, und ein Beweis ist der polnische Marschall der Geschichte ebenso schuldig geblieben wie Benedek bei Königgrätz, Napoleon III. bei Sedan oder Samsonow bei Tannenberg. Die erste polnische Führung ist so gut wie Haupt nicht in Erscheinung getreten. Der einzige Gegenschlag grossen Formates ist nicht gelungen. Die polnische Heerführung hat von den ersten bis zum letzten Tage des wunderbaren Dreiwochenfeldzugs das Gesetz des Handelns vom deutschen Gegner diktiert erhalten und nicht einmal der negativen Aufgabe, sich diesem Zwange wenigstens vorübergehend oder mit nennenswerten Teilen zu entziehen, hat der polnische „Feldherr“ genügt. So endete sein Heer in mehr oder weniger grossen hilflosen Klumpen im Korridor, bei Lomza, an der Bzura, bei Radom, in Ostgalizien und schliesslich in Warschau mit dem Gefangenrekord von etwa siebenhunderttausend Mann und etwa fünfzehnhundert Geschützen, Zahlen, die im Laufe der Nachprüfung vielleicht noch manche Steigerung erfahren mögen.

Aber darauf kommt es wenig an. Das Bedeutende an dem gewaltigen Vorgange ist,

dass die wirkliche Vernichtung eines Millionenheeres in wenigen Wochen gelang. Nicht ein Cannae wurde geschlagen, es liegen deren mehr als ein halbes Dutzend vor! Moltke, Schlieffen und Hindenburg-Ludendorff sind in ihren kühnsten operativen Hoffnungen übertroufen. Alle skeptischen Beobachter unserer raschen, sehr weitgehenden Motorisierung und Mechanisierung sind eines Besseren belehrt.

Trotzdem wäre es nicht richtig, alle Erfolge der deutschen überlegenen Waffentechnik zuzuschreiben. Sie nützt nichts, wenn nicht Blüchergeist über dem Motor schwebt oder Männer am Steuer sitzen wie einst Seydlitz und Ziethen im Sattel des Hafemotors. Motorisierte Verbände werden niemals in Flanken und Rücken des Feindes gelangen, wenn die eigenen Flanken und der eigene Rücken die grösseren Sorgen sind. Gewiss bei Tannenberg drohte im Rücken der achten deutschen die geschlossene Armee Rennenkampfs. Aber in Polen drohte seit- und rückwärts nicht minder die aufgelöste Armee der polnischen Heckenschützen, und fast niemals war der eigene Befehlsbereich ein feindlicher Bereich, selten der so nötige Schlaf ein ungestörter Schlaf, häufig der ersetzte Nachschub ein irgendwie ferngehaltener oder doch verzögerter Nachschub.

Durch alle diese Reibungen und Schwierigkeiten hat ein unbegabter Führer- und Siegeswille an oberster und nachgeordneter Stelle, verbunden mit einem unerhörten Drang nach vorwärts, derart durchgebohrt und durchgesetzt, dass der Pole von einer Ueberarrangung in die andere taumelte und alle, allerdings recht dürftigen Konzepte der polnischen Führung auf das allergründlichste verdorben wurden. Die Schnelligkeit der „schnellen Verbände“, nicht „bis zum letzten Hauch von Ross und Mann“ aber auch nicht unklug bis zum letzten Tropfen an Benzin, übertraf alle Erwartungen bei Freund und Feind. Ein atemberaubendes Operationstempo, für das es weder ein kriegsgeschichtliches Beispiel noch ein zeitgenössisches Gegenstück in Spanien oder in Ostasien gibt.

Zwei bedeutende französische Soldaten, Marschall Pétain und General Debeney, beide einmal Chefs des Generalstabes, haben sowohl vor dem „Fetisch Schnelligkeit“ als auch vor dem Unvermögen, neuzeitliche grosse Einheiten geschickt zu bewegen, gewarnt. Das Bewegungsproblem sei noch ungelöst. Man möge den Poilu zu Fuss und den Maulesel nicht verachten! Die deutsche Kriegsführung in Polen hat das Problem gelöst. Der heisse theoretische Streit darum hat für uns Deutsche seine Grundlage verloren. Und zwar trotz miserabler Wege, wenn auch ein gütiger Wettergott mancher Sorge enthub, wenn auch weder feindliche Luftstreitkräfte noch feindliches Fernfeuer die Kolonnenbewegungen störten. Im Westen hat dergleichen ein anderes Gesicht. Dort gehört der Beschluss zur Strasse wie der Staub. Aber die Truppe weiss das, und was ihr etwa an Westerbefehl fehlt, wird sie im gehobenen Selbstgefühl dank ihrer Osterfolge sehr schnell lernen.

Man unterschätze den psychologischen Gefechtswert der langen Siegesreihe zwischen Ostpreussen und Ostgalizien nicht! Man denke an das Truppenvertrauen zur Führung und an das Führervertrauen zur Truppe! Beides hat in Polen eine denkbar glänzende Reife erfahren. Begannen wir vor 25 Jahren die zweite Phase des Weltkrieges mit dem französischen Marnevunder, so sehen wir 1939 das deutsche Wunder der grossen Schlacht im Weichselbogen an den Anfang des deutschen Abwehrkampfes gesetzt.

Soll man sagen: „Welch ein Vorspiel! Aber ach, ein Vorspiel nur?“ Oder liegt schon ein Enderfolg vor, den Clausewitz als den einzigen Erfolg von Belang im Kriege bezeichnet?

Wir wissen das nicht. „Die Vorsehung lässt sich nicht in die Karten blicken“ (Bismarck). Nur das eine wissen wir, dass sich das nationalsozialistische Deutschland nicht nach billigen und bequemen Wunschvorstellungen einrichtet, sondern auf alle ernstesten Möglichkeiten einstellt.

Aber nicht nur das! Deutschland betreibt und pflegt die Ausrichtung der Nation mit der Zuversicht, zu der nach der Niederwerfung Polens und nach der Annäherung an Sowjetrußland, die Rückenfreiheit unseres etwaigen Westkampfes berechtigt. Die russische Besetzung des westrussischen und ukrainischen Ostpolens war eine zwangsläufige Folge unseres raschen Vordringens über den Narew und den San. Der deutsche Rückmarsch hinter die Pissa, den Bug und San ist eine natürliche Folge des Führerwillens, dass das Deutsche Reich uferlose Osteroberungspläne, nicht hat, sondern nur die Wiedergutmachung des Versailler Verbrochens fordert. Nach den Verhandlungen des deutschen Aussenministers in Moskau hat die Weltöffentlichkeit sehr bald erfahren, welche weise Selbstbeschränkung der Führer bei der Neugestaltung des östlichen deutschen Lebensraumes zu üben entschlossen ist. Aber auch die grenzenlose Torheit wird offenkundig, die darin lag, um diesen für die Westmächte ganz belanglosen oder doch nicht lebensnotwendigen Preis Europa in eine neue Katastrophe zu stürzen.

Immerhin hat sie bisher bewiesen, dass nur Deutschland und Russland als die berufenen, naturgegebenen Gestalter des europäischen Ostens gelten können und dass al-

A Gotehafen allemã (ex-Gdynia). — Vista da rua Adolf Hitler. Logo após a tomada da cidade, foi alli introduzida a orden alemã.



Das deutsche Gotehafen — Blick in die Adolf-Hitler-Strasse der Stadt, in der bald nach der Einnahme die deutsche Ordnung eingezogen ist.

les westmächtige Intervenieren zwischen der Ostsee und dem Schwarzen Meer nur auf eine künstliche Störung der natürlichen Entwicklung hinausläuft. In ihrem Rahmen hat Deutschland nicht nur Rückenfreiheit gegenüber den Westmächten. In der strikten Neutralität, die der skandinavische Norden und der osteuropäische Süden wahren, liegt ausserdem viel Flankenschutz unserer Westfront. Die Ostsee als ein deutsches Binnenmeer, die Adria als ein italienischer Hafen, Holland und die Schweiz als neutrale Länder, die türkischen Meereengen als ein Objekt russischen Interesses und das Donaugebiet als ein wirtschaftlicher Lebensraum, der alle Beteiligten zum friedlichen Austausch geradezu herausfordert, — dies alles schafft um Deutschland im Norden, Osten und Süden eine Art von Sicherungszone, der mit den veralteten Mitteln der britischen Weltkriegsblockade schwerlich beikommen werden kann.

Kein Zweifel, dass die unerhörte Schlagkraft der jungen deutschen Wehrmacht erheblich dazu beigetragen hat, den Willen zur Neutralität der Randwelt um Deutschland herum zu bestärken. Kein Zweifel, dass nun da aus den deutschen Operationen in Polen eine deutsch-russische Okkupation geworden ist die Angreifer im Westen auf eine zahlenmässige Ueberlegenheit stossen würden, falls der Wahnsinn eines solchen Angriffs Wirklichkeit werden sollte.

Vor allem aber hat unsere Abwehrfront diesmal eine kriegswirtschaftliche Tiefe, die über Deutschlands Ostgrenze hinaus, die ganze Weite des rohstofflich autarken russischen Riesenraumes umfasst. Das sind zwar Gedankengänge auf lange Sicht, Chancen der deutschen Kriegsführung, die nur langsam reifen. Widerstände gegen die aggressive Einkreisung, die nur allmählich wachsen. Allein, sofern das polnische Vorspiel überhaupt ein Nachspiel

haben soll, auf das sich die Franko-Angelsachsen anscheinend vorbereiten, kann und darf der deutsche Gegenzug nur heissen, dem seegewaltigen englischen Friedensbrecher die europäisch-asiatische Rauminheit als Blockadebrecher entgegenzusetzen. Wir täuschen uns nicht darüber, dass die kriegswirtschaftliche Auswertung noch so mancher wirtschaftspolitischen und verkehrstechnischen Nachhilfe bedarf, um für den deutschen Abwehrkampf das zu leisten, was sie, geopolitisch gesehen, verspricht. Wir sind auch überzeugt, dass England nichts unversucht lassen wird, diese blockadebrechende Einheit wieder zu sprengen. Aber wir erkennen in ihr ein so mächtiges und natürliches Element der beiderseitigen deutsch-russischen Lebensnotwendigkeiten und so grosse Entfaltungsmöglichkeiten, dass uns viel Aussicht gegeben scheint, das etwaige europäische Nachspiel, wenn auch nicht so rasch, so doch schliesslich glücklich zu beenden. Der „längere Atem“ ist seit dem deutsch-russischen Einvernehmen kein britisches Weltmonopol mehr. Ebenso wenig ist freilich der „Blitzkrieg“, den Deutschland soeben in Polen geführt hat, im Weltraum ein taugliches Rezept. Aber die Geschlossenheit des deutschen Weltreiches und seine angebahnte wirtschaftliche Erweiterung über Süd- und Südosteuropa sowie in das asiatische Russland hinein wird, nach menschlichem Ermessen, je länger desto mehr der Blockadegefahr spotten können.

Gewiss will manche Vorbedingung noch geschaffen sein, um in einer langen Kriegsfrist zu bestehen. Gewiss können Widerstände und Reibungen unterlaufen. Der Führer hat allein dem deutschen Abwehrkampf einen aussenpolitischen Rahmen gegeben, der nach dem verheissungsvollen polnischen Vorspiel Möglichkeiten genug birgt, um jedem etwaigen Nachspiel gewachsen zu sein.

## Helgoland, das Nordseebollwerk

Die deutschen Streitkräfte beherrschen die Nordsee! Alle bisher in diesem Meere durchgeführten Vorstösse haben bewiesen, dass die Nordsee ein Gebiet ist, in welchem See- und Lutherschaft in deutscher Hand liegt und dass der Gegner in diesem Raum sich jederzeit schwersten Schlägen aussetzt.

Eine nicht minder wichtige Rolle spielt in dieser deutschen Vormachtstellung das stärkste Bollwerk in der Nordsee, die Insel Helgoland, die in diesen Tagen auf eine 400-jährige Geschichte zurückblicken kann.

Bereits seit dem 14. Jahrhundert gehörte Helgoland mit Nordfriesland zum Herzogtum Schleswig, aber erst im Jahre 1539 entschloss sich dieser Staat seinen Besitz gegen feindliche Angriffe militärisch zu sichern. Mehrmals wurden in der Folgezeit Handstreich gegen die Insel versucht, aber erst am 7. August 1714 gelang es den Dänen nach einer heftigen Beschiessung, sich auf Helgoland festzusetzen. Dänemark hatte aber nicht viel Glück mit seiner Eroberung. In der Neujahrsnacht 1720-21 riss eine verheerende Sturmflut Insel und Düne auseinander und sieben Dörfer versanken mit Mann und Maus in den Fluten.

Während der napoleonischen Kriege erschien am 30. August 1807 eine starke englische Flotte vor den roten Klippen und nach sechstägigem tapferen Widerstand musste sich die dänische Besatzung ergeben. Die Engländer benützten ihren frechen Raub als Stützpunkt für den englischen Schmuggelhandel, der während der Kontinentalperre seine Blüten trieb. Erst im Kieler Frieden von 1809 wurde die Insel vertragsmässig an England abgetreten.

Weitere wichtige Daten in der Geschichte Helgolands sind die Seegefechte, die am 4. Juni 1849 die erste deutsche Kriegsflotte unter Admiral Brommy, und am 9. Mai 1864 die österreichische Flotte den Dänen lieferte. 1890 gelangte dann die Insel im Tausch

gegen Sansibar an Deutschland, das die Bedeutung dieses Eilandes für den Schutz der deutschen Nordseeküste erkannt hatte und sofort mit seinem grosszügigen Ausbau zu einer starken Festung begann. Mit umfangreichen Panzerungen, einer umfassenden Bestückung und einer Besatzung von 800 Mann, die nach und nach auf 4000 Mann erhöht wurde, galt Helgoland bereits im Weltkrieg als ein uneinnehmbares Bollwerk.

Der Schandvertrag von Versailles verfügte die totale Zerstörung aller militärischen Anlagen Helgolands, wobei das Vernichtungswerk von einer interalliierten Kommission überwacht wurde. Die Insel glied einem einzigen Trümmerhaufen. Aus den Ruinen entstand aber mit der von Adolf Hitler neuerkämpften deutschen Wehrhoheit eine viel gewaltigere Festung als vor 20 Jahren, an der sich jeder Feind, der nach ihr greift, gewaltig die Finger verbrennen würde.

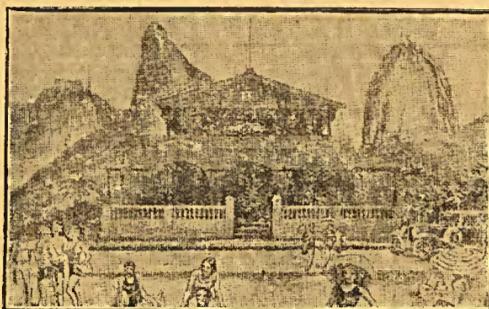
Allen Kameraden, Freunden und Bekannten machen wir die traurige Mitteilung, daß unser lieber, guter Vater, Schwiegervater, Großvater und Urgroßvater

**Jakob Stauf**

im Alter von 78 Jahren sanft entschlafen ist.

Am Weihnachtsmorgen haben wir ihn auf dem Redemptor-Friedhof zur letzten Ruhe gebettet.

Familie Erwin Stauf  
 Familie Richard Stauf  
 Familie Dietrich Goldberg  
 Familie Erwin Biele



Allen meinen werten Gästen die besten Glückwünsche zum Jahreswechsel

Frau Carolina Krips Wwe.

### Bar Alpino

Rio de Janeiro Av. Atlantica 142

## Ein gut bedienter Kunde

wird stets ein Freund meines Hauses sein!

Garantierte Reparaturen - Kompl. Modifikationen - Schärfste Syntonisierungen mit Präzisionsapparaten - Verbesserungen an modernen Geräten auf grössere Stabilität, höhere Empfindlichkeit, Tropensicherheit - Antennen

## Officina de Radio, Max Becker

Ex-Chefe Técnico da Radio-Officina TELEFUNKEN

Rua Miguel Couto 47, 1.º - Entrada Optica Tyroleza RIO DE JANEIRO - Tel. 43-7710



## DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen

**THEODOR WILLE & CIA. LTDA.** AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

Gründlichen

## Musikunterricht

auf der Harmonika erhalten Sie bei

**Karl und Lydia Schulz**

RIO DE JANEIRO / Telefon 38-0881

## Bar und Restaurant VICTORIA

Rua 1.º de Março 33 - Tel. 23-4347

Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT

MITTAG- UND ABENDESSEN

1.ª Küche Brahma-Chopp

Verkehrslokal des Kyffhäuser-Bundes

## Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock

Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

Allen Kameraden und Geschäftsfreunden wünscht viel Glück im Neuen Jahr!

## Oswaldo Baumgart, Elektro-Ingenieur

Rio de Janeiro

Rua S. Pedro 11

## Haut- und Geschlechtskrankheiten

### Dr. Paul Cardozo-Legène

in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock

Telephon 22-0912

Sprechstunden: 9-12 und 3-6

Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

## Dr. Fridel-Schöpfe

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmit, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5 von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. - Wohnung: Tel. 22-9930

## BAR UND RESTAURANT CIDADE HEIDELBERG

GUTE BRASILIAN. UND DEUTSCHE KÜCHE

Sonntags geschlossen

Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag

Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO

Tel. 23-0658

## MIRAMAR-PAQUETÁ

(Barca-Seite links) Telephon 206

Hotel / Bar / Restaurant

Lutige Zimmer / Vorzügliche Wiener Küche Mässige Preise / Grosser Garten für Picnics usw.

Einziges deutsches Hotel am Platze

## Hotel „Lutecia“

Inhaber: Jakob Christ

Modern eingerichtete und vollständig separate Appartements mit Saal, Schlafzimmer, Bad und Telefon.

Rio de Janeiro, Rua das Laranjeiras Nr. 486

Telefon: 25-3822

Preiswert Kölnisch Wasser Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

## Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

## Zum Jahreswechsel

allen treuen Lesern des Deutschen Morgen, sowie anzeigenden Firmen meine herzlichsten Glückwünsche der F. K.-Mitvertreter: Fr. Kunlin

Viel Glück zum

## Neuen Jahr!

wünscht allen deutschen Volksgenossen

Josef Schäfer und Frau, Deutsches Heim

## Profit Neujahr

wünschen allen ihren Freunden

Albert Büttner und Frau Penha (Distr. Federal)

Viel Glück zum Jahreswechsel

wünscht allen Freunden

Georg Pallofs

## Ein frohes Neues Jahr

wünscht seinen Freunden

Bruno Borrmann

## Profit Neujahr

allen Freunden

Udo Döbrecht

## Allen Freunden und Bekannten wünscht ein frohes Neues Jahr

Werner Deringer

Der Freitags-Stat- und Schachtisch des Deutschen Heim wünscht allen seinen Freunden ein

## Glückliches Neues Jahr

und erhofft für 1940 starke Beteiligung

Bar und Restarant Fischerklause Rua Th. Ottoni 126 RIO - Tel. 43-5178

Deutsche Küche - Brahma-Chopp

Inhaber: Fritz Schade

## Pension Hamburgo

RIO DE JANEIRO

Altrenommierte Familienpension im Zentrum der Stadt. - Wunderschöne Lage.

Grosser Garten. - Mässige Preise.

Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098

Inh. N. Neubert

## Bertretung Rua dos Andradas 84

in Rio de Janeiro 2. Stod, App. 23 Telefon 23-4977

befindet sich Franz Kunlin

## Weihnachtsfeier des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen, Rio, im Deutschen Heim

Die Frauengruppe des BdsR. hatte es sich nicht nehmen lassen, für die Volksgenossen eine Weihnachtsfeier zu veranstalten, die einen überaus würdigen Verlauf nahm. Eingeleitet wurde das Fest von der Hauskapelle

des BdsR., unter Meister Hering-Marschal, mit einem Weihnachtsliederkranz, welcher sofort bei allen Anwesenden die notwendige Weihnachtsstimmung hervorrief. Hierauf sangen alle anwesenden Volksgenossen - der Saal war bis auf den letzten Platz gefüllt - zusammen die bekannten und so anheimelnden alten deutschen Weihnachtslieder. Die Leiterin der Frauengruppe richtete nunmehr herzliche und eindrucksvolle Worte an die Volksgenossen, indem sie nochmals die Bedeutung des Weihnachtsfestes für uns Deutsche gerade hier im Auslande hervorhob.

In feierlicher Weise wurden dann von jungen Mädchen die einzelnen Kerzen angezündet, und zwar sagte jede dazu einen passenden Vers auf. An der Spitze stand die Kerze für Führer und Vaterland.

Auf den Tischen fanden die Volksgenossen reichlich Weihnachtsgebäck vor, insbesondere Nüsse, Feigen, Pfefferkuchen usw.

Unter den vielen Anwesenden war von der Deutschen Botschaft auch Herr Gesandtschaftsrät v. Cossel mit Frau Gemahlin erschienen.

Nach Schluss des offiziellen Teils blieben die Anwesenden noch lange beisammen und man schenkte sich eine schöne Erinnerung an ein Weihnachtsfest in der alten Heimat wurde ausgetauscht. F. K.

## Gejangverein „Lira“, Rio de Janeiro

Am 23. d. M. feierte der G. V. „Lira“ traditionsgemäss sein diesjähriges Weihnachtsfest. Wie nicht anders zu erwarten, war der Saal bereits lange vorher überfüllt, trotzdem ein Regenwetter eingesetzt hatte.

Die offizielle Weihnachtsfeier war auf zehn Uhr festgesetzt und wieder war es die Kapelle des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen unter Leitung von Meister Hering-Marschal, die die Weihnachtsfeier mit Weihnachtsliedern und einem schönen Choral eröffnete. Nachdem eine sehr reichhaltige Tombola ausgelost worden war, und der Chor der „Lira“

drei gut ausgewählte Weihnachtslieder vorgelesen hatte, wurde der Jugend der Saal überlassen, die alsbald sich der Muse Terpsichore hingab und in den Weihnachtsmorgen hineintanzte.

Ausser mehreren Besatzungsmitgliedern von zurzeit hier im Hafen liegenden deutschen Schiffen, waren von der Deutschen Botschaft die Herren v. Cossel und Goedde erschienen. F. K.

## Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Wie alljährlich veranstaltete auch in diesem Jahr der Oekonom, Herr Josef Schäfer eine kleine Weihnachtsfeier für seine Angehörigen und einige geladene Freunde. Einer der ersten Zug von Herrn Schäfer, diese Weise auch das Deutsche Heim, seinen Angestellten, bei der Feier mit seinen nischen, näherbringt, den alle und nach dem Eindruck von der

**SCHUPP**  
DAS DEUTSCHE FAHNGESCHAF  
FUER EDELSTEINE  
SCHMUCK  
GESCHENKARTIKEL

RUA MIGUEL COUTO, 42-44,  
FRÜHER: RUA dos OURIVES. RIO DE JANEIRO



